

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
MESTRADO EM LETRAS – LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

**ENCONTRO DE DISCURSOS NOS
CONTOS DE *TROPAS E BOIADAS*,
DE HUGO DE CARVALHO RAMOS**

Nalha Monteiro de Souza Lourenço Costa

GOIÂNIA, 2018

NALHA MONTEIRO DE SOUZA LOURENÇO COSTA

**ENCONTRO DE DISCURSOS NOS CONTOS DE *TROPAS E
BOIADAS*, DE HUGO DE CARVALHO RAMOS**

Dissertação apresentada para banca de defesa ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do Título de Mestre no curso de Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária, em 27 de março de 2018.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Pereira Borges.

GOIÂNIA, 2018

C838e

Costa, Nalha Monteiro de Souza Lourenço

Encontro de discursos nos contos de Tropas e Boiadas,
de Hugo de Carvalho Ramos[recurso eletrônico]/ Nalha
Monteiro de Souza Lourenço Costa.-- 2018.

103 f.;

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Letras, Goiânia, 2018

Inclui referências f. 100-103

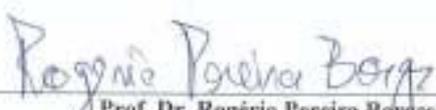
1. Ramos, Hugo de Carvalho, 1895-1921 - Conto - Crítica
e interpretação. 2. Literatura goiana - Conto - Crítica
e interpretação. 3. Cunha, Euclides da, 1866-1909.
4. Literatura comparada. 5. Análise do discurso literário.
I. Borges, Rogério. II. Pontifícia Universidade Católica
de Goiás. III. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-34.09(043)

**ENCONTRO DE DISCURSOS NOS CONTOS DE TROPAS E BOIADAS, DE HUGO DE
CARVALHO RAMOS**

Dissertação aprovada em 27 de março de 2018, no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rogério Pereira Borges
PUC Goiás / Presidente



Prof. Dr. Divino José Pinto
PUC Goiás / Examinador Interno



Profa. Dra. Angela Teixeira de Moraes
UFG / Examinadora Externa

Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado
PUC Goiás / Examinadora Interna Suplente

Prof. Dr. Daniel Christino
UFG / Examinador Externo Suplente

Agradecimentos

Ao ser Supremo, “meu Deus”.

Ao meu digníssimo esposo Valfredo Lourenço da Costa, pelo apoio e incentivo ao curso de Mestrado.

A minha filha Jessika Cristina Monteiro Lourenço Costa pelo apoio e amizade

À senhora Rozalina Souza do Amaral, mãe, exemplar, sempre com palavras positivas para massagear o ego.

Às minhas irmãs e irmãos pelo incentivo e força para eu nunca desistir.

**[...] nas suas páginas, a paisagem é bela, os personagens vivem,
e o autor nos aprisiona e nos conduz com ele a existência
e o sentimento dos homens do sertão.**

M. Cavalcanti Proença

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. <i>TROPAS E BOIADAS</i> EM PERSPECTIVA	17
1.1. História	19
1.2. Discurso e realidade em historiografia	28
1.3. Teorias literárias e Análise do Discurso	39
1.4. Regionalismos	50
2. NOS SERTÕES DE <i>TROPAS E BOIADAS</i>	57
2.1. A TERRA vista como espaço de culturas	58
2.2. O HOMEM e seus desafios	68
2.3. A LUTA física e psicológica	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100

RESUMO

O presente trabalho se propõe a contribuir na fortuna crítica dos contos do volume *Tropas e Boiadas*, do escritor Hugo de Carvalho Ramos, tendo como perspectiva identificar e comentar os diversos discursos intervenientes que podem ser identificados nesta obra canônica. Para tanto, será utilizado o método da Análise do Discurso da Escola Francesa (AD), assim como alguns de seus conceitos, com especial ênfase para a interdiscursividade e a formação discursiva. Como itinerário para a presente investigação, tomaremos como referência categorias de análise fornecidas por outra obra clássica, o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, dada a correspondência que se pode vislumbrar entre os dois trabalhos, ambos falando de regiões isoladas do Brasil, os sertões goiano e nordestino, em um período de tempo próximo. As categorias de análise que vamos usar para montar nossa grade interpretativa são Terra, Homem e Luta, percebendo como vários discursos (histórico, religioso, sociológico, político) intervêm nos contos de *Tropas e Boiadas* para a constituição de seus elementos narrativos. Para tanto, nos valeremos, entre outros, de teóricos da teoria literária, da AD e de escolas que possam dar suas contribuições, como a Nova História.

PALAVRAS-CHAVE: Hugo de Carvalho Ramos; Euclides da Cunha; Análise do Discurso; sertão; literatura comparada.

ABSTRACT

The work intends to contribute to critical fortune of the short stories written by Hugo de Carvalho Ramos, the aim of it is to identify and comment the various intervening discourses that can be perceived in this canonical work. For it, we will use the Discourse Analysis method of the French School (DA), as well as some of its concepts, with special emphasis on interdiscursivity and discursive formation. The itinerary for the present investigation, we will take as reference the categories of analysis provided by two classic works *Os Sertões* written by Euclides da Cunha and *Tropas e Boiadas* written by Hugo de Carvalho Ramos. We will show the correspondence elements between these works. Both narratives speak about isolated regions of Brazil. They narrates about sertões Goiano and Northeastern in a close period. The elements of analysis that we are going to use to produce our analyses are the earth, the man and his struggles. The text shows how various discourses (historical, religious, sociological, and political) intervene in the stories of the book *Tropas e Boiadas* and around the constitution elements of its narrative. To do so, we will use the literary theory, DA and theories that have given contributions for analyses of text, such as the movement called New History.

KEYWORDS: Hugo de Carvalho Ramos; Euclides da Cunha, Discourse Analysis; sertão; comparative literature.

INTRODUÇÃO

O discurso é manuseio com a palavra que se desloca de um lado para o outro, percurso de prática de linguagem, onde o mesmo pode ser analisado de forma oral ou escrita. É por meio do discurso produzido e reproduzido entre os vários grupos sociais que se mostram as possíveis conexões entre textos de naturezas diferentes, podendo ser estabelecidos elos que unem o literário com o histórico, o jornalístico, o sociológico. A elaboração do discurso é resultado da comunicação entre os grupos sociais que a todo instante pode ser estruturado ou reestruturado. O desejo de contribuir para compreensões mais amplas, para a descoberta e identificação de entendimentos mais abertos e ricos quanto a uma obra literária canônica, enfatizando suas ligações simbólicas, suas sustentações variadas, os amparos que busca no mundo para falar dele em uma criação estética no campo da ficção motiva a presente pesquisa, que tem como objeto o volume de contos *Tropas e Boiadas*, do escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos.

Esse *corpus* foi escolhido para análise em razão de ele trazer contextos e temáticas que podem se expandir, por meio do discurso, para diversos campos possíveis de interlocução. Outras obras, obviamente, têm a mesma dimensão, com possibilidades igualmente interessantes para possíveis análises. A escolha de *Tropas e Boiadas*, porém, deve-se ao fato de o livro inaugurar uma estética na literatura feita sobre e a partir do interior do País, universalizando seus elementos, valorizando suas características e revelando uma parte do País historicamente desprezada ou mesmo ignorada. Esse interior tão cheio de mistérios é ideal para diálogos e discursos variados, em que diversos saberes se atravessam, se influenciam mutuamente, se mostram aptos a misturas, junções, mesclas, construindo-se reciprocamente e ganhando novos contornos no resultado final da obra literária.

Em nossa pesquisa, esse cenário multidiscursivo estará sob enfoque, uma vez que o objetivo central da investigação é encontrar as correspondências, as aproximações, as convergências da literatura de Hugo de Carvalho Ramos com aspectos que se situam no entorno de sua criação, como o panorama social e histórico que o cercava na época em que os contos foram formulados e desenvolvidos. Isso exige uma contextualização mais específica de temas e circunstâncias que possam colaborar em tal empreitada, condição imprescindível na condução das análises propostas. O olhar, nesse sentido, volta-se com mais vigor para os aspectos ligados a um sertão goiano da virada do século XIX para o XX, com seus matizes e suas organizações sociais, sua cultura e seus episódios históricos.

Nossa hipótese é a de que Hugo de Carvalho Ramos, em sua literatura, lançou mão de tais elementos na composição das intrigas, dos personagens, da montagem de cenários e na exposição de motivos em seus contos que integram o volume *Tropas e Boiadas*. Dando o devido tratamento literário, em que o estético e a criativo se colocam em posição prioritária, o escritor utilizou-se de elementos da realidade então vigente, onde buscava, além de inspiração, ingredientes que revelam-se essenciais em sua prosa. Essas questões, porém, não são evidentes. É necessário que tais interações sejam, por assim dizer, descobertas, o que nos levou, no presente trabalho, a adotar o método da Análise do Discurso (AD) da Escola Francesa. Com base nos conceitos e procedimentos analíticos dessa linha teórica, vamos abordar os contos de Hugo de Carvalho Ramos com a perspectiva de encontrar subsídios que nos permitam elencar os discursos intervenientes em sua literatura.

A AD francesa tem já uma longa tradição de emprego em estudos variados e os de literatura comparada é um dos espaços em que ela tem mais proeminência. Apoiados em autores como Pêcheux (1997), Foucault (2007), Maingueneau (1996; 1997; 2001), Bakhtin (2006) e Orlandi (2000), vamos nos deter em conceitos específicos que, acreditamos, são mais pertinentes ao objetivo do trabalho, quais sejam, interdiscurso (o que reverbera no debate sobre interdisciplinaridade), formação discursiva e heterogeneidade discursiva. Conceitos que serão observadas na análise que, por sua vez, terá suas categorias específicas. A construção dessa grade interpretativa que nos permite alcançar atributos e singularidades dos contos sob enfoque é um trabalho que, no presente trabalho, conta com uma referência substancial. Ela vem de uma outra obra clássica da literatura brasileira e que tem bons motivos para ter sido selecionada para este papel.

Na divisão das partes de seu livro *Os Sertões*, Euclides da Cunha nomeou os grandes temas que se propôs abordar em sua icônica cobertura da Guerra de Canudos no interior da Bahia: A Terra, O Homem, A Luta. Esse tripé seminal da obra do escritor fluminense é básico para que ele possa organizar as muitas leituras em camadas que vai realizando em seu trabalho, num esforço para contextualizar ao máximo o universo em que mergulhara como jornalista e que lhe era tão estranho até então. Esse universo é o do sertão nordestino, com suas peculiaridades, seus desafios, seus desamparos, seus costumes e ritos. Um universo em que a terra árida se associa a um homem valente que nela busca sua sobrevivência por meio de lutas cotidianas e difíceis. Não se procura aqui realizar comparações discursivas ou linguísticas entre os textos de Hugo de Carvalho Ramos e Euclides da Cunha e sim estabelecer uma ponte simbólica entre dois autores que falaram dos sertões brasileiros, ainda que em regiões

geográficas distintas, dando ênfase aos seus habitantes, às suas lógicas e códigos sociais, às suas particularidades.

Hugo de Carvalho Ramos fora leitor de Euclides da Cunha, cujo livro, lançado nos primeiros anos do século XX, foi um grande sucesso de público. O autor goiano, portanto, via no trabalho do colega uma sinalização em direção ao sertão, independentemente se concordava ou não com suas alusões ou conclusões sobre as terras ignotas que visitou. De uma forma ou de outra, *Os Sertões* despertou a curiosidade de um grande contingente de pessoas em torno desse Brasil profundo em que tão poucos haviam mergulhado até então. E Hugo era filho dessas brenhas, desses ermos misteriosos. Sua literatura, portanto, volta-se para essa região – no caso, o Planalto Central e seu Goiás natal –, mas com a perspectiva da universalização das questões, dos dilemas, dos desejos, dos sonhos, das decepções, das desgraças de uma gente que não constava no mapa. Se Euclides realizou seu projeto levando em consideração a Terra, o Homem e a Luta, acreditamos que essas mesmas balizas podem servir para interpretar, no nível do discurso, os contos de Hugo de Carvalho Ramos.

Além disso, há outra motivação igualmente legítima para adotarmos tal método de análise. *Os Sertões* é visto pela crítica literária como um romance, pelos estudos do Jornalismo Literário como um livro-reportagem, pela História como um dos mais relevantes documentos do que aconteceu naquele arraial miserável do interior baiano, pelas Geociências como um apanhado único de relevo e vegetação da caatinga. Retrato inestimável de como um líder messiânico de nome Antônio Conselheiro conseguiu mobilizar milhares de pessoas (a maior parte formada por refugiados da seca e jagunços do sertão) em torno de um discurso religioso, criando um fenômeno forte o suficiente para incomodar o governo federal e a recém-proclamada República. Isso denota o quanto a obra contém em si uma miríade de discursos que se juntam, se influem, se amalgamam incessantemente. Isso nos leva a cogitar que, tomando a análise pelo itinerário traçado por Euclides, que podemos encontrar outros discursos presentes na ficção de Hugo de Carvalho Ramos, não exatamente em consonância, mas em sintonia com o que se apresenta o clássico sobre Canudos.

Com esse horizonte em vista, vamos trazer para o debate questões referentes a dois movimentos teóricos e pragmáticos que se reconhecem em tais mesclas discursivas possíveis, que comprovam a existência de possibilidades quase infundáveis para encontros profícuos e surpreendentes no campo discursivo. Com o intuito de reforçar a maneira pela qual uma ficção pode trazer verdades irrefutáveis sobre o mundo ou imortalizar quadros sociais específicos, debateremos alguns dos estatutos da chamada Nova História, movimento oriundo da

inquietação de historiadores franceses da designada Escola dos Annales, criada na primeira metade do século passado. Essa linha prega que as narrativas históricas não devem ser vistas como produtos cartesianamente prontos e sim como processos em construção, evoluções gradativas que ganham sua expressão nos discursos, nos relatos, nas maneiras de ver o mundo e os fatos e em suas versões. Haveria, assim, um forte e inegável componente subjetivo nessa tarefa, o que vai de encontro à ideia da objetividade absoluta em textos que se propõem a espelhar realidades passadas. Para essa discussão, tomaremos autores como White (2001), Burke (1992; 2010), Certeau (2008), Le Goff (2006) e Bloch (2001).

Por outra via, por conta de *Os Sertões* ter essa importância metodológica para o trabalho, não podemos nos furtar a enfatizar seu caráter polissêmico a diversas áreas de conhecimento e para tanto salientaremos as reflexões a respeito do livro advindas de estudos de Jornalismo Literário. Essa escolha ocorre em função de o jornalismo, tal como a História, também ser um discurso que pretensamente deveria primar pela objetividade e neutralidade no relato dos fatos. O Jornalismo Literário problematiza um pouco essa condição, tendo o livro de Euclides da Cunha como um modelo interessante de análise nessa seara. Por isso, vamos nos apoiar em discussões propostas por autores como Castro (2010), Pena (2008) e Lima (2009), entre outros, para tratar da questão.

Hugo de Carvalho Ramos teve seu percurso na ficção marcado pela obra *Tropas e Boiadas*, que reúne os contos: “Caminho das tropas”, “Mágoa de vaqueiro”, “A Bruxa dos Marinheiros”, “Nostalgias”, “Caçando perdizes”, “Alma das aves”, “À beira do pouso”, “O poldro picaço”, “Ninho de periquito”, “O saci”, “Peru de roda”, “Gente de gleba”, “A Madre de Ouro”, “Pelo Caiapó Velho” e “Dias de Chuva”. Nossa análise se debruçará sobre esses contos, em que situações típicas do sertão goiano são descritas, tendo como cenário contextos mais amplos, que passam pela organização social da época, as relações de poder, a função dos animais em comunidades agrárias – quando não arcaicas –, a religiosidade de um povo devoto, a miséria imperante e a ausência de perspectivas diante de um futuro tolhido.

Hugo de Carvalho Ramos, nessa coletânea publicada em 1917, colocou à mostra conteúdos relacionados ao modo de vida do homem do campo e da região onde nasceu e cresceu. O escritor era filho de um juiz que percorria os sertões goianos em seu trabalho. Ainda menino, foram muitas as oportunidades em que Hugo de Carvalho Ramos acompanhou seu pai nessas andanças. Ele, portanto, vivenciou essas realidades, mergulhou em suas lógicas, procurou entender as mentalidades que guiavam os homens que pertenciam àquele espaço geográfico específico. Essa trajetória de vida o fez amearhar matéria-prima mais que suficiente

para compor tipos e enredos em seus contos, narrativas que refletiam mais que meros personagens e intrigas, mas contextos sócio-históricos amplos, formas de vida e de pensamento, dinâmicas sociais.

A obra de Hugo teve uma excelente recepção no universo literário devido aos conteúdos de seus contos em tons de denúncia moral, social, religiosa e, frequentemente, políticas. Lembrando que o autor fez leitura de vários clássicos literários, ainda muito jovem, que contribuíram para a escrita de sua obra, principalmente na representação da região de Goiás, do homem sertanejo e seus costumes. Uma delas foi *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que traz um relato impressionante da Guerra de Canudos, no interior da Bahia, que ele cobriu como repórter para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Euclides revelou ao mundo, de forma explícita e implícita, as mazelas sociais e psicológicas às quais os sertanejos eram submetidos naqueles tempos. É, por essa razão, uma espécie de registro histórico, impresso em outra dimensão, mas igualmente forte e importante. Isso dialoga com o caminho traçado para a dissertação. Se o objetivo é encontrar elementos sócio-históricos em *Tropas e Boiadas*, nada mais pertinente do que empreender uma análise, ainda que panorâmica, entre a obra do autor goiano e um trabalho que lhe seja contemporâneo, que trate de temas correlatos e que rompa com paradigmas discursivos, promovendo junções entre uma criação literária e um discurso dito “real”, onde se encontram os textos históricos.

O encontro dos discursos literário e histórico é um dos focos investigados por nosso trabalho na obra *Tropas e Boiadas*, mas não só ele. Há mais atravessamentos discursivos nos contos do escritor goiano que permitem apreensões múltiplas dos sentidos gerados por suas narrativas breves. Deste modo, a obra ora analisada pode ser colocada como “inacabada” que, ao contrário do que pode parecer, é uma virtude e não um defeito. Como nos ensina Bakhtin (2002) e Eco (2013), a obra aberta, a que não foi finalizada, é a que permite, mais democraticamente, sua compreensão, é a que fornece mais chances para leituras inovadoras, a que se imortaliza justamente porque ganha novos significados, novos sentidos, novos diálogos ininterruptamente. Isso faz com que os contos de *Tropas e Boiadas* ganhem inúmeras interpretações e abordagens, momentos em que se realizam encontros discursivos enriquecedores e surpreendentes.

Pela teoria de Bakhtin (2011), a literatura deve andar junto com a história numa relação bem próxima, abrindo possibilidades para entendê-las. Essa relação de incorporação da literatura e da história tem ocupado espaço nos estudos literários nos momentos atuais. Se não se deve explorar a obra literária de forma solitária dos conhecimentos culturais de sua época,

considera-se mais prejudicial prender a análise simplesmente ao período de sua elaboração, nomeado como atual. Todas essas questões são pautadas por uma criação literária que se equilibra entre o estético e o ético, entre o ficcional e o imaginativo, entre os registros da criação literária e os da realidade mais plausível. São, antes de tudo, porém, ainda discursos. Com o passar dos tempos, o discurso deixa de ser carregado de verdades e assume o leque de possibilidades atrelados às subjetividades do sujeito. Vale dizer que, o que está implícito no texto é ponto relevante para a análise.

Tendo em perspectiva tudo o que foi exposto acima, organizamos o trabalho em dois capítulos. No primeiro, nos dedicamos a debater as questões teóricas e conceituais envolvidas. Num primeiro momento, fazemos uma contextualização histórica da produção de *Tropas e Boiadas* e fornecemos uma breve biografia de seu autor, Hugo de Carvalho Ramos. Em seguida, abordamos questões pertinentes à historiografia ou, como nos ensina Certeau (2008), “a escrita da História”. Depois, nos debruçamos sobre teorias literárias e explicitamos os conceitos e as categorias de análise que elaboramos a partir da Análise do Discurso. Por fim, nesta primeira metade da dissertação, esclarecemos o que entendemos por regionalismo, uma vez que *Tropas e Boiadas* está inserida em um debate do gênero. Isso nos dá a possibilidade de enfatizar melhor as ligações existentes entre as obras de Hugo de Carvalho Ramos e Euclides da Cunha, sobretudo quando nos apoiamos no termo “sertão”.

O segundo capítulo é composto por uma série de análises dos contos de *Tropas e Boiadas*, divididas nas categorias de análise que compõem nossa grade interpretativa: Terra, Homem e Luta. Em cada tópico, um desses elementos é ressaltado, fazendo-se as devidas articulações teóricas e relacionando-se com o livro de Euclides da Cunha. Desta forma, conseguimos pautar as análises por uma identificação efetiva dos discursos intervenientes, nos contos, sublinhando especificidades, regularidades e alegorizações. Momento em que interdiscurso, a formação discursiva e a heterogeneidade discursiva serão colocados em questão.

A figura humana ganha proeminência, com suas especificidades, suas idiossincrasias e seu poder de representar um tempo, certas mentalidades e as organizações sociais das brenhas do sertão naqueles longínquos tempos. É também uma maneira de retratar um tipo brasileiro, seus modos de pensar e agir, sua visão de mundo e as capacidades que tinha para enfrentar as questões que a vida lhe impunha. Não faltam nos contos de Hugo de Carvalho Ramos toda sorte de embates, de confrontos, de ações que possam garantir a própria sobrevivência do sujeito. Lutas que se dão nos planos físico e psicológico, com terríveis dilemas de consciência, com

desgostos incontornáveis, com quadros de resignação e resiliência. Essas relações, muitas vezes pautadas em valentias e fragilidades, também nos trazem um cenário que ajuda a explicar e compreender contextos históricos mais amplos, individuais e coletivos, de uma sociedade que, mesmo tradicional e enrijecida, tem suas dinâmicas próprias, seus métodos de evolução.

A terra é apresentada em *Tropas e Boiadas* como um lugar de desafios impostos pela natureza, em que as circunstâncias de sobrevivência em um meio hostil se revelam com intensidade. O homem é, nos contos do livro, retratado em sua rusticidade, seu empenho em se impor diante da adversidade, mas também em suas fragilidades ocultas, em suas visões de mundo que interferem na condução de sua própria existência. A luta aparece sob o emblema de combates cotidianos, em guerras físicas, mas também psicológicas. Desta forma, fechamos um ciclo analítico, contribuindo para a fortuna crítica de *Tropas e Boiadas* e convidando a novas investigações sobre um livro tão instigante e criativo.

1. *TROPAS E BOIADAS* EM PERSPECTIVA

Empreender literatura comparada é uma das tarefas mais desafiadoras em estudos dedicados à área. Cotejar discursos, gêneros, autores, obras, épocas e narrativas que se formaram ou foram construídos em condições específicas, sob circunstâncias singulares, em contextos que se mostram irrepetíveis é assumir certos riscos. Por outro lado, porém, esse caminho, ainda que potencialmente atribulado, pode mostrar-se muito profícuo e interessante, podendo descortinar surpresas e informações que até então mantinham-se ocultas, estabelecer articulações insuspeitas e abrir horizontes dos quais sequer cogitávamos a existência. O mesmo pode ser dito quando experimentamos vincular objetos de estudo que tenham chances de demonstrar correspondências e paralelos.

No caso deste trabalho, como já foi sublinhado na introdução, estamos apontando nessa direção quanto às obras *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Ainda que o interesse se concentre mais especificamente no volume de contos do escritor goiano, com as informações que sedimentam um lastro forte da realidade de seu tempo quanto à ficção por ele criada, a inserção do clássico que narra a Guerra de Canudos mantém pertinência para a condução dessa investigação. Isso fica mais patente diante da tarefa árdua, mas instigante, de encontrar elementos na contística de Hugo de Carvalho Ramos que remetam a um mundo que ele vivenciava em seus anos de produção, no caso, as primeiras décadas do século XX em Goiás. Essa pertinência fica mais evidente se consideramos os trâmites teóricos que nos propusemos cumprir no sentido de especificar tais articulações. Essa missão demanda que comparemos discursos distintos, como o literário e o histórico, e que observemos regularidades discursivas que nos orientem nessa empreitada, identificando pontos de aproximação entre textos e imaginários que se comunicam.

Questões políticas, econômicas e sociais recordadas por Hugo de Carvalho Ramos na obra *Tropas e Boiadas* podem, assim, guardar algumas semelhanças com aquelas que são abordada em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. É primordial lembrar que o próprio trabalho de Euclides da Cunha é composto por um misto de discursos, transitando entre o literário e o registro histórico, a palavra esteticamente trabalhada e a acurácia da apuração jornalística. Por essa razão que o volume ainda hoje é debatido em diversos espaços, sendo designado ora como romance histórico, ora como livro-reportagem, ora como um verdadeiro tratado sociológico de seu tempo. Uma literatura de qualidade, como a de Hugo de Carvalho Ramos, também tem esse

caráter multifacetado. Os contos de *Tropas e Boiadas* são, em alguma medida, registros históricos de uma época e de um lugar, reflexões sociais sobre como as esferas de poder se organizavam, como os costumes se estratificavam, como as pessoas se comportavam em determinado contexto. Assim, os dois livros podem, tranquilamente, ser considerados os retratos de dois brasis, conectados com diferentes realidades do interior, mergulhando em distintos espaços do sertão nacional, trazendo à baila situações e circunstâncias inerentes a cada lugar, deixando uma visão de mundo mesclada de pontos negativos e positivos sobre essas terras esquecidas, acerca dos homens que nelas vivem, a respeito das lutas que precisam enfrentar para sobreviver.

Esse périplo teórico só é viável se conseguirmos fazer dialogar diferentes saberes, conectar variadas contribuições que possam nos auxiliar em mergulhos mais verticais na natureza das obras, em especial – uma vez que ela é o objeto central da pesquisa – *Tropas e Boiadas*. A primeira dessas abordagens, inevitavelmente, deve ser a histórica, já que é por esse estatuto que estamos buscando compreensões menos óbvias dos contos analisados. Isso pode ser feito, em um momento inicial, com uma contextualização básica da formação do Estado de Goiás e de como a biografia de Hugo de Carvalho Ramos conversa com esse cenário. O mesmo movimento deve ser feito quanto a Euclides da Cunha, tendo sempre em mente que *Os Sertões* do intelectual carioca representavam algo bem diferente para ele que os ermos goianos simbolizavam para Hugo, nascido aqui e que bebe nessa fonte ancestral para a criação de sua literatura, abastecendo-se no imaginário que tão perto dele estava. Essas diferenciações serão, ao longo do trabalho, melhor pontuadas e esclarecidas, para que o esforço analítico possa ser bem alicerçado.

Seguindo o roteiro canônico de Euclides da Cunha, nos debruçaremos sobre o meio ambiente nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, com seus desafios, suas características próprias e seus registros únicos. Na investigação que nos propomos aqui, essa parte é relevante, uma vez que compõe o cenário das intrigas e dramas das narrativas breves, perfazendo ainda um panorama sobre o sertão goiano que o tempo e a exploração da natureza destruíram. É também um documento de algo que já não existe como tal e que revela, mesmo que por vias marginais, o itinerário de nossa ocupação do Cerrado. Para Hugo, “À tarde, o eco dum aboiado rolou pelo fundo da várzea, ondulado dolentemente de quebrada em quebrada, num despertar intenso de saudade... Eram boiadeiros que lá passavam, na estrada batida.” (2006, p. 23).

1.1. História

Nas descrições representadas nos textos dos autores, é possível identificar rastros de sentimentos recheados de saudade, vontades de permanecer naquele lugar narrado, no vale. Esse lugar, objeto do discurso aqui construído abre possibilidade para identificação e produção de sentidos de uma sociedade que nos disse muito e tem muito a dizer em termos de contribuição para a formação humana por meio de produção literária. A terra do escritor goiano permeia sua construção literária a todo tempo e foi no contexto do século XVIII, com o achado das minas de ouro, que a terra natal do escritor Hugo de Carvalho Ramos começou a ser povoada por contingentes de colonizadores de forma mais efetiva e, ao mesmo tempo, mutável. Dessa forma, e assim, expedições foram organizadas em busca das tão cobiçadas minas de ouro e para capturar e evangelizar índios. As expedições eram classificadas em bandeiras, descidas e entradas. As bandeiras saíram de São Paulo com objetivo de capturar índios para ser escravizados. No primeiro momento, as viagens foram feitas pelos rios e após 1630 por terra, que poderiam ter duração de dois ou três anos. O território goiano foi percorrido por 16 bandeiras.

As descidas eram expedições que levavam os jesuítas por meio do rio Tocantins até Goiás para capturarem os índios e levá-los para as aldeias na Amazônia. Os jesuítas e os bandeirantes não demonstraram interesse em morar em Goiás e sim levar os indígenas e mapear o trajeto de como chegar ao estado. O interesse de permanecer em Goiás foi, em primeira instância, do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, apelidado de Anhanguera (Diabo Velho, em língua tupi). Isso deu em razão da descoberta do ouro no Brasil mais precisamente em Minas Gerais no ano de 1690.

Mais tarde outras descobertas de ouro em Mato Grosso e Cuiabá, no ano 1718. Foi pelas descobertas auríferas que Anhanguera solicitou licença ao rei para preparar a bandeira em direção a Goiás atrás do ouro e conseguiu a licença e alegava que possuía a rota de viagem.

Comenta Palacín:

Bartolomeu Bueno da Silva, experiente sertanista, era cego de um olho. Talvez deste defeito físico venha o apelido “Anhanguera”, de origem e significados discutidos. Quase todos os sertanistas eram apelidados pelos índios. Quanto ao fato de haver ateadado fogo num prato de aguardente para amedrontar os índios, a fim de que lhe mostrassem as minas, não se tratava de fato original. Era um ardil comum próprio dos exploradores. Segundo Pedro Tacques, linhagista paulistano, o primeiro bandeirante que usou este método foi Francisco Pires Ribeiro, sobrinho do caçador das Esmeraldas, nos sertões de Minas Gerais. (PALACÍN, 1994, p. 8)

A bandeira era sociedade com objetivos comerciais, mantida pelos seus organizadores, com regulamento estabelecido pelo governador e os lucros viriam com o descobrimento das minas de ouro. Pensando nos lucros os organizadores da bandeira lança mão de diversas estratégias para chegarem até o paraíso aurífero, até mesmo atear fogo no prato de aguardente.

A viagem de Anhanguera em busca de ouro em Goiás iniciou dia 3 de julho de 1722 e terminou dia 21 de outubro de 1725, foi uma viagem muito conturbada, cheia de intrigas entre os companheiros, mas por fim conseguiram encontrar cinco córregos com minas de ouro. Bartolomeu conseguiu a licença para explorar os cinco córregos e volta como superintendente deste e o título de guarda-mor fica com Ortiz. O Rio Vermelho, num primeiro momento, foi onde se estabeleceu o povoado de San' Ana, que logo após seria nomeado de Vila Boa, e, depois chamada de cidade de Goiás, que foi por 200 anos a capital. A atividade econômica executada naquele período era a retirada do ouro das minas, não podia exercer outra atividade naquela região. Para Palacín (1994):

As capitâneas de Minas foram, durante o século XVIII, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Era interesse do governo – segundo a mentalidade mercantilista de especialização para a exportação – concentrar todo esforço na produção do ouro; com essa finalidade, proibia ou dificultava outros ramos de produção. Poderíamos citar, como exemplo, a proibição de engenhos de açúcar em Goiás. (PALACÍN, 1994, p. 16)

Foi em 1749, que Goiás tornou-se capitania independente de São Paulo. Devido ao crescimento relativo de sua relevância e ao aumento populacional da região, a Corte Portuguesa percebeu que não tinha possibilidade de administrá-la à distância. E, assim, Conde dos Arcos foi o primeiro governador-capitão da intitulada Capitania de Goiás, denominação que perduraria até a conquista de sua autonomia, quando se alterou a nomenclatura para Província. [...] O ouro escondeu, diante de seu brilho fácil, o nosso passado, a mão-de-obra escrava ocultou o índio, a economia determinou o nascimento da História sem povo e demarcou a infância de Goiás sob rugas de “decadência”. [...] (CHAUL & RIBEIRO, 2001, p. 10). A decadência nos setores econômico, financeiro, cultural e social foram considerados obstáculos que inibiam o desenvolvimento tão sonhado por todos.

A decadência da mineração diminuiu a população na capitania de Goiás. Após 1804, houve o início da criação de gado nos espaços desocupados. A sociedade formada por brancos, escravos e índios e que com decadência migravam para outros lugares. Os governantes tentaram diversas medidas para alavancar a situação econômica, financeira, social e cultural dos goianos, mas em razão da queda na importação e exportação acarretou muitas dificuldades sem condições para uma boa administração. No século XIX, os povos da Capitania de Goiás estavam

em condições de extrema pobreza, que havia possibilidade que viveram em situações bem melhores no período aurífero. De acordo com Palacín:

Essa evidente decadência trouxe para Goiás uma defasagem sócio-cultural. Registrou-se queda na importação e exportação, afetando muito o comércio; os aglomerados urbanos estacionaram e alguns desapareceram; parte da população abandonou o solo goiano e parte dispersou para zona rural, dedicando-se à criação de gado ou agricultura; costumes e hábitos da civilização branca foram esquecidos em decorrência do isolamento no qual os goianos passaram a viver; ocorreu a ruralização da sociedade e a desumanização do homem. (PALACÍN, 1994, p. 46)

O processo de independência no Brasil, e conseqüentemente em Goiás, aconteceu de forma compassada, conquistado a cada instante, pois sofreram influências da Europa no final século XVIII, em relação a mudanças sócio-econômicas e políticas e no Brasil veio à baila a política e a maneira de administrar de D. João VI que conduziu o nosso país em um período de revolução que culminou em 1822 em conquista.

A administração colonial tinha rejeição da população goiana, mas foi as Câmaras que apresentaram em público suas insatisfações contrárias aos capitães-generais procuradores de Portugal. Pensando na manutenção do poder várias famílias de Goiás com poderio maior faziam seus conchavos políticos na intenção de perpetuarem no poder. Palacín pontua:

Entre estas famílias que dominaram a situação, salientam-se os Rodrigues Jardim, os Fleury, os Bulhões, que estiveram presentes na conjuntura política durante todo o período de Goiás Província e lançaram raízes nas diretrizes oligárquicas até o fim da chamada República Velha. (PALACÍN, 1994, p. 52)

Esta história de Goiás ajuda a entender a formação de sua sociedade, de sua cultura, de seus hábitos e costumes e, evidentemente, da mentalidade de seu povo. Todos esses elementos servem de matéria-prima para a criação literária que se propõe a localizar seus enredos nesse cenário, sobretudo quando, como é o caso de Hugo de Carvalho Ramos, se deseja imprimir uma conotação mais realista de tramas e descrições. Essa “arqueologia”, como diria Foucault (2007) é fundamental para a compreensão de engrenagens utilizadas na ficção do autor de *Tropas e Boiadas*, afinal são elas que movimentam suas tramas, que dão vida a seus personagens, que compõem as intrigas e as soluções narrativas que constam de seus contos. É um périplo constante, portanto, entre a criação literária genuína e a inspiração em uma realidade igualmente poderosa.

Os autores Bosi (2006), Candido & Castello (2003) e Lima (2009), entre outros, analisaram e escreveram apontamentos críticos ao estilo e à forma de Euclides da Cunha apresentar sua obra. *Os Sertões* é resultado do conflito de Canudos que revelou um período

político complicado, com governantes que não se preocupavam com o povo, o foco era manter o domínio sobre os menos favorecidos. A revolução entre o movimento populista e o exército republicano se deu devido a insatisfações políticas, sociais e religiosas. Os sertanejos, os jagunços, os militares enfrentavam inúmeras dificuldades na luta pela sobrevivência durante o período da Guerra de Canudos, onde as expedições eram preparadas para lutarem, mas não conseguiam resultado positivo. Mesmo tendo homens bem armados, a vitória ficava pairando na ala do vir a acontecer. Antônio Conselheiro era uma figura messiânica do Arraial de Canudos que liderava os homens populares invocando a fé sem questionamentos com a intenção de manter o controle de tudo e de todos por meio das promessas religiosas e a situação era propícia para esta dominação devido ao contexto de seca, fome, miséria que assolava o interior do Brasil. Devido a essas situações vividas pelo homem do sertão as promessas de Antônio Conselheiro iam ganhando credibilidade, forma que o sertanejo buscava forças para ter esperança de um amanhã melhor.

O escritor da obra *Os Sertões* nasceu em 1866 em Cantagalo, no Rio de Janeiro. Com formação militar, construiu carreira de engenheiro no setor civil em obras públicas. Ele teve seu nome divulgado pela paixão no regime político republicano, que era exercido no País naquele período, protegido por Floriano Peixoto, a quem dava apoio político. Esse romance jornalístico demonstrou-se profundo conhecedor dos temas do Brasil que causam muitas preocupações e muitas vezes são esquecidos pela política regente no país, principalmente quando se trata dos menos favorecidos. Quando chegou ao interior da Bahia, porém, Euclides mostrava-se um típico produto dos preconceitos e de correntes pseudo-científicas que vigoraram em seu tempo e que tanta sedução lançavam sobre homens públicos ou que eram referências sociais onde viviam. O positivismo de Auguste Comte era uma delas. Essa escola filosófica, que imperava em diversas áreas, como o jornalismo e a História, não abria espaços para interpretações que levassem em conta especificidades de um povo, suas sabedorias populares ou o conhecimento empírico que pudessem vir a ter sobre determinado assunto. Tudo deveria ser provado e comprovado para que ganhasse status de ciência.

O texto elaborado por Euclides da Cunha é a narração de uma genuína batalha contra o fanatismo liderado por Antônio Conselheiro até a ruína do seu simplório arraial. Monte Santo foi o espaço geográfico e social dessa disputa de poderes entre seus participantes para culminar na derrota do líder messiânico, sem que as milhares de pessoas sitiadas naquele lugar onde hoje se encontra o lago da hidrelétrica de Sobradinho, imprimissem derrotas acachapantes contra três missões do Exército, com batalhões de soldados, deslocados à região para exterminar

aquele que o governo do general Floriano Peixoto acreditava ser uma ameaça contra a República. Com técnicas de guerrilha, jagunços, em tocaias preparadas nos desfiladeiros áridos do sertão baiano, conseguiram improváveis vitórias contra homens muito mais bem armados, mas despreparados para lidar com o clima, o terreno e a fauna espinhosa do agreste nordestino.

Euclides da Cunha foi convidado para cobrir a Guerra de Canudos, um embate entre um movimento messiânico no interior da Bahia, de cunho religioso e reivindicações sociais, e as tropas republicanas, comandadas, em grande parte, por veteranos da Guerra do Paraguai. Essa luta teve duração de um ano e foi resultado de inúmeros descontentamentos envolvendo diversas causas relacionadas a dificuldades econômicas e financeiras enfrentadas pela sociedade do interior nordestino.

Euclides da Cunha, jornalista renomado e incumbido de reportar um movimento messiânico no coração da região mais atrasada economicamente de uma nação que acabara de mudar radicalmente de regime político e ambicionava ingressar no século XX com ares de modernidade, era um ferrenho defensor de tais linhas de raciocínio. Aliás, a racionalidade levada às últimas consequências era outra característica marcante do positivismo, algo ainda mais enfatizado por uma República em estágio inicial. Basta lembrar que o lema que estampa a bandeira brasileira – Ordem e Progresso – foi diretamente tirado da linha-mestra que norteava os adeptos do positivismo comtiano. Seria inverossímil acreditar que Euclides da Cunha, um homem nascido na capital federal, dono de grande erudição e educação esmerada, que se dava com a nata do pensamento brasileiro de então – lembremos que ele foi um dos amigos mais próximos de Machado de Assis e por ele foi convidado a integrar a primeira formação da Academia Brasileira de Letras – teria algum tipo de empatia com uma multidão de miseráveis, que seguia cegamente um homem de discurso apocalíptico, que afirmava que o “sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”.

Estamos diante, assim, de uma primeira grande dicotomia entre Hugo de Carvalho Ramos e Euclides da Cunha. Eles chegaram a ser contemporâneos, mas as trajetórias pessoais distanciam suas respectivas visões de mundo. Enquanto o escritor goiano conservava com Goiás uma ligação muito mais estreita, ainda que tenha estudado no Rio de Janeiro por um período, Euclides era um bem acabado representante do litoral. Isso, porém, não quer dizer que fosse avesso aos seus compatriotas que viviam em regiões mais ermas. Pelo contrário, nutria uma genuína curiosidade por ele, sentimento que o levou a partes distantes do Brasil durante sua vida. Ele passou uma temporada, por exemplo, na Amazônia. Enquanto construía pontes,

também pesquisava os hábitos locais e publicou um livro, *Amazônia, Um Paraíso Perdido* (2003) narrando essa experiência.

A maior diferença entre eles talvez fosse exatamente a postura que cada um adotava diante do diferente. Enquanto Hugo mergulhava profundamente nesse imaginário, propondo um entendimento orgânico entre sua escrita e essas pessoas que o inspiravam, Euclides mantinha a distância do observador nem tão participante, dedicado a catalogar causas e efeitos, colecionar tipos e estudos. Por isso chega à Bahia analisando seu solo, sua vegetação, sua fauna. O homem vem em segundo plano. Sua geografia era humana, mas não humanizada. Ele portava-se como um cientista e assim se via diante de um mundo que passou, após certo tempo, a lhe desafiar e a lhe incomodar. Antes disso, porém, seu tom é o do portador de um conhecimento muito acima daqueles com quem lidava, nutrindo uma vaidade que não suportaria ser contrariada por seres que, com suas lentes científicas e positivistas, estariam em um estrato inferior.

Essa, aliás, é uma das críticas mais duras que podem ser feitas ao livro *Os Sertões* e ao homem Euclides da Cunha. Sua simpatia – quando não sua adesão – à chamada eugenia é uma ferida aberta, de difícil cicatrização. Essa pseudociência foi abertamente difundida entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Segundo ela, questões biológicas definiriam raças superiores e inferiores entre os humanos. Na maior parte das vezes, os caucasianos e arianos eram colocados em patamares acima de negróides e orientais, por exemplo. Um país em que a mestiçagem de etnias era intensa, como o Brasil, tinha uma péssima imagem diante dos autores de tal ideologia. Euclides, mesmo vivendo aqui, apoiava vários desses equívocos e os reproduziu em suas primeiras apreensões do homem nordestino, do sertanejo de pele morena, fruto de tantas misturas em que estavam o branco, o negro e o indígena. Suas opiniões a esse respeito hoje soam constrangedoras.

Os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subformações, substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada, onde se destacam como produtos mais característicos o *mulato*, o *mameluco* ou *curiboca*, e o *cafuz*. As sedes iniciais das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças às reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo dessas subcategorias substitui o das raças elementares agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras modalidades consoante as dosagens variáveis do sangue. (CUNHA, 1998, p. 74, grifos do autor)

Como se pode averiguar, há no texto do escritor uma ideologia de separação de raças, em que ele chega a qualificar de “subformações” e “subcategorias” as mesclas de etnias com as quais se depara no sertão nordestino. É fácil perceber seu olhar científico sobre essas

peessoas, que se transformam em meros objetos de observação e curiosidade etiológica, não havendo maiores preocupações em se compreender seus laços culturais, sua antropologia própria ou mesmo seu caráter mais humano. É bom ressaltar, no entanto, que a narrativa de Euclides da Cunha, no decorrer do livro, apresenta inflexões, havendo, sobretudo em sua parte posterior, visões sobre o sertanejo menos estereotipadas. Ao conhecer mais a fundo aquele ambiente, ao manter com mais proximidade um contato prolongado com os habitantes do caatinga nordestina, ao ter sua curiosidade jornalística e científica desertada por uma série de episódios e pessoas, Euclides da Cunha abandona, ainda que parcialmente, muitas das opiniões pré-formatadas com as quais chegou ao cenário de guerra de Canudos.

É necessário ressaltar que Euclides da Cunha adotava essa posição em um contexto que o estimulava a isso. A História nos mostra que é complicado fazer julgamentos a posteriori sob o risco de incorrer em anacronismos e injustiças. O escritor, por exemplo, não poderia adivinhar que as linhas mais radicais da eugenia, que pregavam uma “purificação de raças” pudessem alcançar dimensões como as que chegou no nazismo, em que tal ideologia foi utilizada como suporte para genocídios e toda sorte de perseguições, alavancando um regime que, além de autoritário, era sádico.

Tanto Hugo de Carvalho Ramos quanto Euclides da Cunha escreveram em contextos que ajudam a compreender melhor os perfis de seus trabalhos. O que foi dito sobre Euclides da Cunha é fundamental para delinear o perfil de um livro que apresenta ideias cultivadas por seu autor e reflete o tipo de relação que ele manteve com quem descreveu no livro. Podemos transportar a mesma lógica para *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos. As maneiras pelas quais o autor goiano desenvolve sua criação literária também tem esse conjunto de variáveis influenciando. Novamente estamos diante de formações discursivas que adicionam ao texto uma série de componentes que lhe emprestarão vida e personalidade. Entende-se que as duas obras em seus registros se comunicam por meio da formação discursiva¹ ora histórica ou literária em torno de lugares agrestes, reservatórios de inúmeras informações que são balizadoras para compreendermos todo o contexto de dado período e também de um contexto atual.

Foi no contexto cheio de interesses particulares, sociais, políticos e culturais que Ramos escreveu *Tropas e Boiadas* com destaques nesses pontos em cada narrativa apresentada. Hugo

¹ A formação discursiva [é] aquilo que, numa formação ideológica, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição e de um programa). Pêcheux, 1988, p. 160)

de Carvalho Ramos era um jovem escritor nascido na antiga capital goiana em 1895 e que fez parte de seus estudos no Rio de Janeiro. Ao publicar *Tropas e Boiadas*, em 1917, quando tinha 26 anos, a obra causou boas reações por seus conteúdos cheios de saberes humanos demonstrando o homem sertanejo, a cantiga de um sertão por conquistar, caído na ala do esquecimento, mas com inúmeras riquezas a serem exploradas.

Filho do juiz Manuel Lopes de Carvalho Ramos e de Mariana Loiola Ramos, Hugo teve uma trajetória complexa, em suas idas e vindas em Goiás, Minas e Rio de Janeiro. Em 1915 ingressou na Faculdade de Direito, sempre escrevendo seus contos com tom de denúncia das situações sociais, políticas e econômicas as quais não concordava. Ele tinha muito apego pelo seu pai, que exerceu a função de juiz na comarca de Caiapônia e logo veio atuar na cidade de Goiás. O poema épico *Goiânia* foi escrito por Manuel Ramos, pai do renomado escritor. A depressão profunda causou muito sofrimento ao autor do livro *Tropas e Boiadas*, que mais tarde não conseguiu ter autocontrole, cometeu a atrocidade de enforcar-se. O autor morreu muito jovem, aos 26 anos, já de volta à sua cidade natal, Goiás, sem desfrutar da importância que seu nome ganhou nos meios literários depois de alguns anos após a publicação de seu livro.

Avaliada como um marco de uma corrente que tratava de um determinado universo regionalista, o livro extrapolou meras designações de escolas literárias, sendo algumas vezes classificado como obra realista, outras vezes regionalista, sendo que, na verdade, seria redutor aplicar esses rótulos a um livro tão rico de possibilidades e esta é uma das razões pela qual a escolhemos como objeto de estudo. No caso de Hugo, o autor, diferentemente de Euclides, tinha certa intimidade com o universo que abordava. O que os une, neste caso, é tentar fazer, ainda que por registros discursivos diferentes, uma radiografia de sertões esquecidos, de gente que era invisível para o restante do País, mas que cultivava uma cultura própria e complexa.

O comportamento de Hugo de Carvalho Ramos também é crucial para a compreensão e a crítica desta sua obra especificamente. Não que o autor esteja nela como um alter ego ou que os contos guardem chaves de interpretação que os relacione com determinadas pessoas ou episódios realmente ocorridos. Essa correspondência não se dá de maneira tão simplista e automática. Seus ecos são mais sutis, menos evidentes, mas também mais profundos. Tais raízes se lançam no imaginário como um todo, na atmosfera das narrativas e na maneira pela qual elas são arquitetadas. O tratamento que o escritor dá aos personagens e seus dilemas, por exemplo, demonstra um olhar bem distinto daquele que se pode perceber no livro de Euclides da Cunha. Essa base de comparação é possível porque os livros foram escritos e publicados em intervalos de tempo não muito longos e falam, ambos, de regimes de vida que se escondem em um interior

que quase não é lembrado, que poucas vezes chamou a atenção ou foi encarado com reais possibilidades estéticas, isso quando não totalmente estereotipado.

É igualmente importante salientar que os dois livros foram escritos e publicados em anos que se avizinham da passagem do século XIX para o XX. Interessa-nos notar que tal período convida a outras concepções estéticas, a diferentes temáticas e ousadias, inclusive literárias. É um tempo em que o jornalismo e a História procuram um novo modelo de discurso e que a literatura amplia seus terrenos, trazendo à baila questões, espaços e pessoas antes desprezados. Há uma energia contagiante, um certo otimismo que em nada renunciava a selvageria que se daria nas décadas anteriores e novos parâmetros a seguir. Obviamente que Hugo de Carvalho Ramos, exercitando a prosa de sua aldeia em finalidades universais, e Euclides da Cunha, desafiado em seu ofício diante de tantas novidades, não estariam alheios a movimentos tão poderosos. Eles, cada um à sua maneira, buscaram acompanhar tais questões, participar de seu tempo, contribuir para um mosaico que ficava mais e mais complexo.

Tropas e Boiadas e *Os Sertões* são, assim, livros que tratam de universos próximos: um sertão onde a miséria da seca levava tantos a saídas desesperadas, como o messianismo, e um outro, recôndito e misterioso, com seus códigos exigentes e rudes. Ainda que não idênticos, eles trazem similitudes, têm imaginários compartilhados que nascem e se desenvolvem no interior do Brasil em praticamente uma mesma época, sendo praticamente contemporâneos. Não restam dúvidas de que os dois autores – e seus respectivos trabalhos – tornaram-se referências, erigiram pilares que nunca mais deixaram de ser vistos e apreciados e que, ainda hoje, geram controvérsia, interpretações variadas, inquietações. Ao mesmo tempo, os livros também remetem a seus momentos de eclosão, ao nascimento de suas páginas, ao mundo que retrataram, cada qual à sua maneira e com propósitos particulares.

Acreditamos que há um paralelismo de Hugo de Carvalho Ramos e Euclides da Cunha em relação ao contexto dos 15 contos de *Tropas e Boiadas* e *Os Sertões*. Para Marcuschi (2008), “há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário” (p. 129). Percebemos o diálogo entre os textos de Hugo e Euclides, há intertextualidade presente nas obras.

Os contos daquele que foi o único livro de Hugo de Carvalho Ramos compõem um livro seminal. Vários autores não só leram, como aprenderam e foram influenciados por Hugo de Carvalho Ramos. Não é novidade que haja análises comparativas entre, por exemplo, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (BOLLE, 2004).

Isso acontece justamente porque existe pertinência na aproximação entre esses dois autores e seus respectivos trabalhos. Vale lembrar que Hugo de Carvalho Ramos foi leitor de Euclides da Cunha. E que Guimarães Rosa foi leitor, além do próprio Euclides, também de Hugo. Essa rede não causa espanto, uma vez que é possível vislumbrar rastros mútuos entre esses autores. Estamos, assim, diante de exemplos instrutivos de um processo interdiscursivo intenso e produtivo, que abordaremos com mais vagar um pouco adiante, mas que merece ser mencionado aqui em razão dos objetivos desta reflexão.

Livros tão versáteis não devem ser formatados a um único conceito, a uma classificação redutora, assim como devemos evitar desprezar as possibilidades de contribuição que têm a dar em diferentes campos do conhecimento. No caso da presente investigação, o elemento histórico é primordial e isso, como pontuamos acima, é prova incontestada da vocação interdiscursiva das obras. Isso nos coloca a oportunidade de falar um pouco sobre como é possível encontrar, mesmo em narrativas de ficção, sinais de certa historiografia estética, se assim podemos dizer. *Tropas e Boiadas*, o objeto central dessa investigação, traz consigo questões dessa seara, justificando a inclusão de *Os Sertões* para que possamos mirar uma base comparativa que nos permita fazer tais inferências. A História está na literatura? Parece que sim. E a própria História pode ser contada por padrões não tão convencionais, apostando em discursos estéticos? Parece que a resposta é igualmente positiva.

1.2. Discurso e realidade em historiografia

A obra *Tropas e Boiadas* foi escrita há cem anos em um contexto político, um pouco complexo, a República Velha dividida em dois momentos república da espada e república oligárquica. As questões econômicas e políticas assinalaram as primeiras décadas do XX.

A última década da Primeira República marcou o ambiente de tensões que desembocariam na chamada Revolução de 1930. O movimento revolucionário – que aconteceu em 1930 – atingiu todas as regiões do Brasil, mas iniciou-se pelo descontentamento de grupos agrários do Sul do país que desejavam mais benefícios econômicos, mais privilégios e participação política. Esses grupos descontentes serão chamados por nós de “setores dissidentes”, porque não possuíam participação política e econômica, como outros grupos no Brasil. (GOMIDE, 2002, p. 23-24)

A Revolução de 1930 seria o desfecho de um movimento de desgaste político que começou já com as primeiras gestões da República. Lembremos que um dos primeiros presidentes brasileiros, o supracitado Floriano Peixoto, revelou-se um déspota que não economizava esforços e ações violentas para manter-se no poder e eliminar seus inimigos. Com

uma sociedade ainda muito desigual em vários sentidos – negros recém-libertos não conseguiam se inserir realmente na sociedade; as diferentes regiões do País tinham realidades de desenvolvimento desniveladas; havia um fenômeno exacerbado e desorganizado de urbanização, inchando grandes centros e agravando problemas sociais –, a tensão era constante e a luta por poder, idem. A forma que se encontrou para ter algum tipo de acordo político nacional foi a chamada Política do Café com Leite, em que lideranças dos estados de São Paulo e Minas Gerais, com seus respectivos aliados, se alternavam na condução da nação. Se os primeiros anos da República deram as condições para revoltas tardias, como a de Canudos (período em que se situa a obra *Os Sertões*), essa nova conformação de poder, que viria posteriormente ser designada de República Velha, construiria o cenário para o poder dos coronéis do interior brasileiro, a submissão dos trabalhadores rurais e a violência em um interior em que a lei do mais forte era a única válida. Eis o cenário de *Tropas e Boiadas*.

Goiás ilustrava bem esse tipo de organização social. Sob o domínio de grandes famílias que tinham na posse de terras ou no prestígio político as suas fontes de poder (caso dos clãs Caiado, Jardim e Bulhões), o Estado padecia de enorme atraso econômico, social, de mentalidades e cultural. Uma marcha lenta da História que afetava costumes, códigos, hábitos, comportamentos. A honra possuía um caráter muito peculiar e a violência em nome dela era permitida.

O que Hugo de Carvalho Ramos expõe nos entrecchos [...] de certa forma justifica o teor regional de que revestiu a sua obra, tentando expor, nela, não os tipos individuais, ações que são, antes singulares que pertencem a um só indivíduo, mas personagens e ações. Antes, modelos, virtualidades do homem do sertão de Goiás que, à sua época, cobria todo território goiano que não se valia de transporte moderno, onde a população rareava, e que continha os tipos sociais predominantes do caipira e do sertanejo (VICENTINI, 1986, p. 14)

O autor Hugo expõe os elementos que compõem sua obra: explica a conexão com o regional, elencando os hábitos, as virtudes do homem goiano, pertencente àquele seu período histórico, que abarcava o sertão goiano, que contava como meio de transporte com animais, em que trazia os mantimentos para o comércio da cidade. *Tropas e Boiadas* faz muitas referências ao seu tempo, sendo uma obra que tem pleno diálogo com elementos sociais que cercavam sua produção. É sempre pertinente lembrar que o autor nasceu e viveu em uma cidade, com preceitos e valores muito específicos advindos de uma história secular e de cunho eminentemente tradicionalista. Goiás era um estado ainda mais periférico, atrasado economicamente e socialmente, ainda apegado a tipos de relações herdadas dos séculos XVIII e XIX. É também por este espectro que o livro deve ser analisado e visto em uma perspectiva histórico-literária. As condições de seu tempo são inseparáveis do resultado final a que o autor

chegou, sobretudo pelas temáticas por ele escolhidas. No projeto literário de Hugo de Carvalho Ramos, situar seus enredos no meio social em que vivia então integrava um de seus objetivos. Então neste caso o contexto foi um diferencial na obra do escritor. “Tudo é, portanto, uma questão da posição do escritor diante da realidade do mundo que representa [...]” (AUERBACH, 2001, p. 482).

Podemos ainda evocar a importância da reflexão sobre a intertextualidade que se desenvolve a partir dos anos 1960 e que faz eco ao “dialogismo” bakhtiniano. Postulando a primazia do interdiscurso sobre o discurso, considerando-se as obras como o produto de um trabalho no intertexto, desestabilizam-se as representações usuais da “interioridade” das obras. Estas se mostram menos como monumentos solitários do que como pontos de cruzamento, nodos em múltiplas séries de outras obras, de outros gêneros. Mas, como se verá, a problemática da intertextualidade² não desemboca necessariamente num questionamento das divisões tradicionais. (MAINGUENEAU, 2006, p. 36)

Diante disso, observa-se que o tema terra é discutido em várias obras de cunho regional e nacional – a exemplo, de *Urupês*, de Monteiro Lobato (2009); *Ermos e Gerais*, de Bernardo Élis (2005); *Sagarana*, de Guimarães Rosa (1984). Por meio do discurso literário, registra-se a comunicação entre os textos/obras escritas por diversos autores em diferentes épocas com a intenção de tornar a região ou País conhecido por todos. Há relevância de refletir sobre o tema terra que permeia a literatura brasileira com a intenção de melhor entendimento o que está posto ou o que está por vir. Para Coutinho:

Essa influência recíproca ou essa interpretação dos mesmos temas, dos mesmos pontos de vista, na literatura de ideias e na de imaginação, tendo como estaca de partida comum a mesma intenção de conhecimento ou de descrição da terra, vai caracterizar fundamentalmente toda literatura brasileira (1997, p. 236)

Esse universo tão rico configura-se, também, na possibilidade de se tentar encontrar elementos que extrapolem a narrativa ficcional em si. Ao falar desse mundo, Hugo fala também do nosso, deste a que podemos chamar de “aldeia” (como já escrevera Tosltói), e para tanto busca na realidade elementos que vão fortalecer sua criação literária. Parte desses elementos encontram-se em contextos históricos, sobretudo da época. Dessa maneira, é por meio da

² Conforme Beaugrande e Dressler, a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes. (KOCH e TRAVAGLIA, 1995, p. 88).

literatura que se pode encontrar um caminho profícuo para se conhecer e compreender a história e a memória de um povo. Para Terry Eagleton (2003), “muitas têm sido as tentativas de se definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como escrita ‘imaginativa’, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica” (p. 1). Seguindo esse parâmetro, a escrita ficcional abre-se a outras formas de percepção e de conhecimento de ideias, como as demonstradas por Hugo de Carvalho Ramos. Partindo desse entendimento, é possível enfocar mudanças na realidade. A ficção, portanto, não se presta a ser uma promotora de transformações ou sequer tem sobre si a responsabilidade de fazer registros históricos. Isso, no entanto, não exclui tais possibilidades.

Teóricos da literatura reconhecem essas aproximações. Segundo Moisés, “quando lhe importa especialmente o conteúdo das obras, examinando-as do prisma das idéias, pensamentos e sentimentos (temas, clichês, motivos, mundividências, etc.) que perduram no fio do tempo, está realizando *historiografia interna*”. (2007, p. 16). Com base na ideia de interdisciplinaridade, coloca-se em questão a discussão da completude e da influência recíproca em relação às ações exercidas entre os sujeitos ativos da História. O processo de conexão entre as áreas de conhecimento só vai acontecer dependendo da relação de sujeito para sujeito que se apresenta por meio da linguagem. Esse sujeito pode ser o jagunço que realmente existiu em *Os Sertões* e o jagunço criado na imaginação de Hugo de Carvalho Ramos. Na prática, eles podem diferir muito pouco, mas os dois pertencem a mundos diferentes, porém conexos. Partindo dessa assertiva percebe-se o que é geral em cada conto ou mesmo comum que pode ser destacado como suporte de análise. Para Assumpção (1993),

O termo Interdisciplinaridade se compõe de um prefixo – inter - e de um sufixo – dade – que, ao se justaporem ao substantivo – disciplina – nos levam à seguinte possibilidade interpretativa, onde: inter, prefixo latino, que significa posição ou ação intermediária, reciprocidade, interação (como “interação, temos aquele fazer que se dá a partir de duas ou mais coisas ou pessoas – mostra-se, pois, na relação sujeito-objeto). Por sua vez, dade (ou idade) sufixo latino, guarda a propriedade de substantivar alguns adjetivos, atribuindo-lhes o sentido de ação ou resultado de ação, qualidade, estado ou, ainda, modo de ser. Já a palavra disciplina, núcleo do termo, significa a epistemé, podendo também ser caracterizado como ordem que convém ao funcionamento duma organização ou ainda um regime de ordem imposta ou livremente consentida. (ASSUMPCÃO In: FAZENDA, 1993, p. 23-24. itálicos do autor)

Ainda que existam diferenciações relevantes entre os dois autores e suas respectivas produções literárias, também há confluências. Obras como *Tropas e Boiadas*, assim como *Os Sertões*, têm o predicado de se situarem em outros campos que não sejam aqueles de origem. Estamos diante, portanto, de trabalhos que extrapolam seus próprios limites de gênero literário.

A literatura, aliás, constantemente apresenta esta característica. Vargas Llosa (2009) – um fã declarado de Euclides da Cunha a ponto de ter escrito um romance em sua homenagem, em que toma *Os Sertões* como inspiração e referência para o seu mundialmente conhecido *A Guerra do Fim do Mundo* (1981) – explica que esta é a grande diferença entre ficção e mentira. A ficção cria e pode fazer isso até com a realidade objetiva. Ela possui, como pontua o autor, “verdades internas”, lógicas intrínsecas que explicam – e até justificam – seus caminhos, nem sempre regulares.

Uma obra como *Tropas e Boiadas* insere-se nessa dinâmica. Ela é um trabalho literário, fruto de uma criação. Não há dúvidas de que se trata de uma ficção. Uma ficção que, por sua vez, tem todas as possibilidades de dialogar com a realidade, de efetivar esse vínculo, de estar entre textos que podem nos informar a respeito de um tempo, de um povo, de uma época. “A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2000, p. 74). É por isso que se pode realizar associações entre uma obra e outra, como fazemos aqui com o livro de contos do autor goiano e a descrição da Guerra de Canudos feita por Euclides da Cunha. Elas, por exemplo, comunicam-se em um cânone que poderíamos chamar de “regionalista”. Diálogos que não são apenas possíveis, mas comprovados.

Assim, a partir dessa ótica de colonização é que o sertão se estrutura, tanto nos seus conceitos básicos quanto na sua efetivação dentro da literatura, para a qual valeu também, durante todo seu tempo, essa ótica do colonizador – o ponto de vista distanciado, que enxerga o próximo como um outro desconhecido e impenetrável, rude, iletrado, que vive num mundo desordenado, fora da lei, porque ordenado, conhecido, civilizado e letrado é o mundo de quem enxerga a totalidade, de quem conquista e não se deixa conquistar, um mundo que enxerga e fala pelo colonizado. Claro, a História acrescentou, à oposição genérica litoral/sertão; capital e interior, principalmente. O exemplo máximo desse processo se encontra em Euclides da Cunha. N’*Os Sertões*, Euclides defende o sertanejo, sim, mas fala por ele, explica-o, interpreta-o e a sua terra e a sua luta por parâmetros seus, de homem da cidade, do litoral, do mar, homem de ciência, ex-militar e jornalista. Fala com autoridade, em tom ensaístico, ensinando. Ele já tivera um precursor em José de Alencar e teve seus seguidores nas literaturas regionalistas que proliferaram ao final do século XIX, todas elas (exceção feita a Simões Lopes) de narradores distanciados, de terceira pessoa, de colonizadores. (VICENTINI, 1998, p. 46)

Essa interlocução entre literatura e história está longe de ser uma novidade, mas sempre traz possibilidades novas de abordagem em cada obra em que é estabelecida. Não é diferente em um livro da qualidade de *Tropas e Boiadas*, um verdadeiro clássico em seu gênero e que ajudou a moldar toda uma tradição da literatura brasileira. O livro de Hugo de Carvalho Ramos insere-se em uma corrente relevante de nossa produção literária e dá continuidade, com

inovações na forma e na linguagem, a essa escola. A corrente regionalista determinou outras formas para literatura, ofertando-lhe características específicas. Os autores Afonso Arinos de Melo Franco, Simões Lopes Neto, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e entre outros, investiram em novas escritas. Almeida pontua que:

E os seguidores – adeptos ansiosos também por renovação – foram surgindo daqui e dali e, dentre eles, apareceu Hugo de Carvalho Ramos. Como os outros, deixou se contaminar pela beleza da terra, pelos temas vindos de seus recantos, na voz dolente dos homens sofridos, na aragem estranha soprada dos sertões sozinhos, das caatingas agrestes. (ALMEIDA, 1985, p.179)

Vale ressaltar que esse regionalismo a que nos referimos é antagônico à visão de que tal designação venha a resumir a produção literária em foco a um amontoado de clichês e exotismos. Como já destacamos, os contos de Hugo de Carvalho Ramos têm uma concepção universal, em que os dilemas apresentados, ainda que sob a roupagem de questões ligadas a determinada região do País, revelam-se aplicáveis a qualquer outro lugar. E é justamente por isso que acreditamos na possibilidade de o livro fornecer dados que não se restrinjam a um tipo específico de literatura, tendo condições de estabelecer pontes entre discursos diversos, quais sejam, o ficcional e o historiográfico. “Com Émile Benveniste discurso aproxima-se de 'enunciação': trata-se da 'língua assumida pelo homem que fala, na condição de estabelecer intersubjetividade que constitui o fundamento da comunicação linguística” (MAINGUENEAU, 1996, p. 40).

Ressalte-se que regionalismo é um termo polêmico em classificação literária. Alguns acreditam que ele representa bem determinada escola literária que investe no imaginário de regiões menos observadas e abordadas do País. Para outros, trata-se de mero reducionismo, que levaria literatura feita fora dos centros culturais a uma condição secundária, denotando até certa carga de preconceitos. Vicentini afirma que:

A literatura regionalista trabalha sempre a um passo da estereotipia da paisagem, da personagem e da ação, da reprodução da linguagem, seguindo de perto o imaginário que se encontra pronto – matéria feita, elaborada pela realidade na sua concretude física e pela história e pelo pensamento social nos seus valores. (VICENTINI, 1998, p 42)

A elaboração escrita de Hugo de Carvalho Ramos nos direciona ao componente específico de sua região: o Cerrado. Para Vicentini (2015, p. 217), o autor se apropria de discurso que “parece ser uma forma, de início, de se associar ao discurso econômico e político governamental da produtividade no campo (obtido via desenvolvimento capitalista) para, posteriormente, oferecer à nação uma nova fase goiana”. Hugo de Carvalho Ramos é inserido

nesta discussão. Considerado como uma espécie de precursor do chamado regionalismo mineiro-goiano, autor que viria a inspirar nomes como Bernardo Élis, Guimarães Rosa e Mário Palmério, ele é visto por muitos como um autor que não caberia em meras nomenclaturas, sendo universal em sua criação literária, mesmo que o narrador se inscreva nos sertões brasileiros.

A produção da arte literária representa o contexto cultural vivido, que se torna âmbito de indagações e de denúncias, a qual dá abertura para questionamentos e para mostrar quais os espaços que precisam ser refletidos no meio social. Para Walty (1999), “a arte, a ficção seriam espaço do questionamento, da dúvida, da eterna pergunta, porque espaço de criação, da volta à origem, ao estado de comunhão do homem com a natureza, ao tempo do princípio, em que tudo era criação.” (p. 46)

Dessa forma, problematizar a obra significa pormenorizá-la, detalhá-la para melhor análise de seus aspectos considerados mais relevantes em sua contextualização. O estilo individual dos autores Hugo de Carvalho Ramos e Euclides da Cunha são construídos de acordo com o contexto vivenciado a cada dia. A língua, a cultura e a literatura têm papel decisivo na formação do jeito de escrever. “A cultura retrata o modo de ser, os pensamentos de cada um de forma individual e social. [...] à luz da antropologia, podemos também entender cultura como “o conjunto e a integração dos modos de pensar, de sentir e de fazer adotados por uma comunidade na busca de soluções para os problemas da vida humana associativa.” (PROENÇA FILHO, 2002, p. 20). A literatura é a verbalização da arte que mostra o jeito de pensar, de ser do homem em sociedade.

A obra de arte literária, valho-me ainda uma vez de Lefebvre, é sempre a intersecção de dois movimentos de sentidos opostos que envolvem, por um lado, um dobrar-se da literatura sobre si mesma “num puro objeto de linguagem” e, por outro lado, um abrir-se “ao mundo interrogado na sua realidade e na sua presença essencial [...]” (PROENÇA FILHO, 1987, p. 38)

Esses processos de emprestar credibilidade a um texto – seja ele de ficção ou não, a depender do que Verón (2004) designa como “pacto de leitura” de cada enunciado – podem ser identificados nos mais diversos discursos. A literatura é um deles, assim como o registro histórico é outro. Ao fazer uma análise da pesquisa historiográfica é colocado em questão a conexão do lugar de fala e de produção cultural. Para Certeau, “implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um ponto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc.” (2008, p. 66).

Nesta conexão percebe-se a submissão a situações relacionadas a condições impostas conectadas a vantagens, fundamentadas em questões particulares. As discussões sobre o lugar

de fala e produção textual fazem apontamentos que o autor escreveu por que tinha vastas experiências no sertão, conhecimentos de mundo por acompanhar o pai nas redondezas de Goiás. Ramos escreveu do lugar social de fala mostrando de forma detalhada as questões socioeconômica, política e cultural.

[...] os textos não proporcionariam somente a mediação do conhecimento de si mesmo. Proporcionariam, também, em última instância, o conhecimento do mundo por meio do mundo da obra. A coisa do texto é a sua saída para o real pelo próprio plano da configuração, que lhe garantiria o potencial de uma nova referencialidade. (NUNES, 2013, p. 16).

Quando se debruça sobre os desafios que cercam a escrita da História, Michel de Certeau (2008) coloca em pauta um debate que remete diretamente às propostas inovadoras que surgiram com o advento daquela que veio a ser designada como Escola dos Annales. Este movimento, que foi vanguarda no que hoje definimos como Nova História, propôs algo que, até o início do século XX, era impensável, quando não inaceitável. Nas reflexões que davam corpo ao pensamento expresso, sobretudo, na publicação francesa *Revista dos Annales*, havia uma inquietação quanto a um grau elevado de positivismo e cartesianismo dos estudos históricos. Os relatos que compunham a disciplina eram vistos como inquestionáveis, reflexos de uma verdade inviolável, donos de uma credibilidade absoluta, sem levar em consideração que, inescapavelmente, estavam inseridos em universos discursivos. Discursos esses que eram construídos por sujeitos, donos de visões de mundo e subjetividades que, obviamente, tinham ecos naquilo que era produzido. O que a Nova História traz à luz é o fato inequívoco de que o discurso histórico, por mais apurado, sério e bem elaborado, continua a ser um discurso, por si só poroso e influenciável.

Essa nova escrita da História rompeu paradigmas seculares. Não que a História como disciplina tenha sido abalada ou perdido em credibilidade, mas é inconteste que ela não mais possuía uma aura inatacável, sendo, isto sim, mais um elemento a compor as narrativas em torno de determinados fatos e sujeitos. Essa mesma condição pode ser, por exemplo, atribuída (ainda que com propósitos e naturezas diferentes) à literatura, que igualmente nos fornece registros e informações acerca de tempos, espaços, pessoas, mentalidades. De acordo com o pensamento de Hayden White (que já pertence à terceira geração da Escola dos Annales, que edificou o conceito de Nova História), a análise reflexiva sobre os limites entre discurso literário e discurso histórico dá espaço para colocar em discussão o raciocínio bakhtiniano para discutir o quesito do gênero discursivo que integra o texto histórico e sua contiguidade com o gênero literário.

A maioria dos historiadores do século XIX não compreendiam que, quando se trata de lidar com fatos passados, a consideração básica para aquele que tenta representá-los fielmente são as noções que ele leva às suas representações das maneiras pelas quais as partes se relacionam com o todo que elas abrangem. Não compreendiam que os fatos não falam por si mesmos, mas que o historiador fala por eles, falam em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é – na sua representação – puramente discursiva. [...] Os historiadores devem utilizar exatamente as mesmas estratégias tropológicas, as mesmas modalidades de representação das relações em palavras, que o poeta ou o romancista utiliza. (WHITE, 2001, p. 141)

As reflexões a respeito de literatura e história ocuparam ponto relevante nos debates internos das ciências sociais, foi no século anterior, por volta dos anos sessenta. Essa discussão é embasada em Certeau (2008) e White (2001) que lideraram esse obstáculo complicado que objetiva a escrita da história e sua discrepância em relação ao texto literário. No experimento de mostrar a discrepância da natureza do texto histórico e do texto literário, é habitual, segundo Albuquerque Junior, deparar com assertivas que pontuam: “Aos historiadores caberia a abordagem dos fatos e só aos escritores seria permitida a ficção, entendida como invenção dos eventos que narra” (2007, p. 44). Assim nas colocações abaixo tenta demonstrar a complicação desta assertiva, engendrando na discussão quesitos que provoquem acesso ou distanciamento das narrativas históricas das literárias.

O historiador Albuquerque Junior (2007) afirma, acerca dessa discussão pontua que não há necessidade de receio e nem posicionar a literatura do outro lado. E argumenta que às vezes o receio é pela complicação, ora posta, mas que literatura e história necessita ser pensada uma do lado da outra. Logo, o que promoveria divisão da literatura e da história? Simplesmente o gênero discursivo? Entende-se que nunca. É habitual, a literatura ser utilizada pelos historiadores como fonte, tomando por base vários os quesitos metodológicos com a finalidade de subordina-la ao poder da elaboração do discurso histórico. A razão dessa subordinação da literatura na área histórica é ancorada no conceito de imparcialidade defendido pelos historiadores no jeito de construir história. O conceito de imparcialidade do discurso histórico foi colocado em discussão de forma regular, entre outros, por Hayden White (2001, quando apresenta sua teoria sobre a irrealização da objetividade na elaboração do discurso histórico.

Para White (2001), os historiadores entendiam, por volta do século XIX, que os acontecimentos do passado deveriam ser entendidos de forma fiel e imparcial. Logo, na área da ciência, a história e a literatura são apresentadas em áreas diferentes. Foi no século XX que a

assertiva de discrepância entre a história e literatura veio à baila que mostrava o compromisso da história era com o fato real e a literatura era palco simplesmente fantasias.

Método histórico, método filológico, método crítico: belas ferramentas de precisão. Eles honram seus inventores e essas gerações de usuários que as receberam de seus antecessores e as aperfeiçoaram, utilizando-as. Mas saber manejá-las, gostar de manejá-las – eis algo que não é suficiente para ser historiador. Apenas aquele que se lança na vida inteiramente – com o sentimento de que mergulhando nela, banhando-se nela, deixando-se impregnar, assim, pela humanidade presente – é digno deste belo nome; ele multiplica por dez suas forças de investigação, seus poderes de ressurreição do passado. De um passado que detém e que, em troca, lhe restitui o sentido secreto dos destinos humanos. (NOVAIS, 2011, p. 84)

No entanto, é cabível pontuar que a literatura, como arte, fato social elaborado, por esta razão, representa características da cultura de um determinado período, que neste contexto será analisada, em similitude com a História, do lugar da criação de manifestações gerais. Então, no fragmento da narrativa curta “Mágoa de vaqueiro” de Ramos representa indícios de uma cultura de fuga, de tristeza profunda e morte já vista em outras épocas:

Continuava recostado no cômodo dos cupins, mão no queixo, olhando extático; somente, agora, a cabeça bronzeada pendia mais flacidamente sobre o peito de vaqueiro, e o olhar com que via, era inexpressivo e desvidrado, desmedidamente aberto, estampando na retina empanada a visão pungente do sertão em festa, todo verde, e a orelha à escuta, longe, das notas derradeiras da canção nativa. Morrera, ouvindo os ecos que lá iam do aboiado, a rolar, magoadamente, de quebrada em quebrada... (Ramos, 2006, p. 23)

A apropriação da realidade está condicionada a verdades construídas por meio dos gêneros dos discursos. Assim, pode-se equivocar no momento de entender o texto de ficção como resultado pois estão submetidos ao tempo e lugar onde acontecem. É no entrelaçamento do discurso literário com o discurso histórico e a realidade que os autores dizem verdades, ancorados na ficção, que são avaliadas como simples coincidências. [...] para a análise do ficcional, a pura análise interna – mais comumente confundida com a imanente – corre o risco de, sob a justificativa de exorcizar o que Barthes (1999) chamara de “l’effet de réel”, deixar de compreender o texto ficcional como resposta, por certo oblíqua, e também com uma certa configuração do real (LIMA, 2006, p. 119)

Quando tratamos de debates entre discursos de naturezas diferentes, é sempre prudente estabelecer algumas prevenções. Não se trata de encontrar similitudes e sim diálogos, o que é bem diferente. Estabelecer pontes não quer dizer criar, a fórceps, características iguais. As

diferenças também habitam as associações e as semelhanças não têm a obrigação de ser analogias perfeitas.

Dentro da experiência fictícia, o irreal e o passado se equivalem. Essa equivalência rege o pacto ficcional entre autor e leitor. Ler um conto, uma novela ou um romance, inclui a ‘crença de que os acontecimentos reportados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz’. Por conseguinte, o passado afiança a crença que garante a leitura da ficção como ficção. [...] a realidade sui generis da ficção e o alcance redescritivo da experiência fictícia do tempo” (NUNES, 2013, p. 24).

É por meio dos textos literários que acontece a proporção da ficção, do irreal e do passado. É por intermédio da leitura de um conto, por exemplo, que o leitor acredita que a voz do narrador reporta ao passado, que dá certeza da leitura da ficção como ficção. O real é único meio para a criação do simulacro e a forma para atingir a redescrição da experiência imaginária do tempo. Uma verdadeira tradição apoia tais articulações entre os discursos que aqui trazemos à tona para analisar os contos de Hugo de Carvalho Ramos. Os hibridismos e as junções discursivas que temos, por exemplo, no registro das crônicas de viagens, nos relatórios de antigos viajantes, na forma pela qual esses autores se expressavam na elaboração escrita de suas informações compõem uma espécie de preâmbulo das incontáveis interconexões que seriam propostas e executadas no futuro. Uma das primeiras grandes narrativas históricas a chegar praticamente intacta ao nosso tempo, *A História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, já traz essa vocação de mesclar discursos de diversificadas origens para compor uma narrativa histórica. A Guerra do Peloponeso, ocorrida no século V a.C. e que envolveu na conflagração praticamente todas as cidades-estado da Grécia Antiga (com destaque para o embate central entre Atenas e Esparta), ganha contornos de aventura, filosóficos, sociológicos e políticos na pena de Tucídides, considerado o primeiro grande historiador do Ocidente. Chama a atenção ainda hoje, 2.500 anos depois de sua redação, como seu texto é novelesco em certas passagens, em que os principais nomes do conflito ganham conotações de personagens literários, tendo suas características enfatizadas e seus atos praticamente comparados a ações de um enredo de aventura.

Esse tipo de narrativa, que desce aos pormenores e que vem já contagiada por discursos outros que não o historiográfico, mas que nele se apóiam para emergir na obra, tem seu propósito primeiro, que é o de registrar o fato histórico. “Foi assim que eu verifiquei terem sido no passado os acontecimentos, bem como o difícil que é, em casos destes dar crédito a todo e qualquer testemunho”, previne Tucídides (2013, p. 80). Um testemunho, porém, que aquele que escreve História deseja que seja visto como crível, expressão de uma realidade ocorrida, de uma

verdade que se quer comunicar e publicar. Este é o objetivo final de toda obra que tem no horizonte o compromisso de contar a História e os fatos que a compõem, o que não quer dizer que haja apenas uma maneira de fazer isso. O movimento da Escola dos Annales, surgido na França no século XX – como já foi mencionado, – problematiza as fórmulas prontas e acabadas em um discurso que, por muito tempo, foi considerado quase que sagrado, impermeável a outras acepções e imune a ousadias maiores. Como percebemos, essa tradição da historiografia, que começou a ser erodida no último século, sequer corresponde à sua mais antiga arqueologia, aos seus preceitos primeiros. Tucídides, uma referência maiúscula no campo de estudo da História, é um emblema de tal dicotomia entre a escrita da História, como dizia Certeau (2008), e a imagem congelada de uma historiografia emparedada em sua própria rigidez formal.

Os movimentos historiográficos que ocorreram mais recentemente, como a chamada Nova História, que problematiza frontalmente essa visão engessada do narrar histórico (BURKE, 2010; NOVAIS e SILVA, 2011), sinaliza para discursos porosos, afeitos a influências mútuas, que se estabelecem em uma posição de não idolatria do fato ou de sua interpretação, mas com a disposição de dialogar, de ser enriquecido por contribuições que podem vir – por que não? – até da literatura. Um livro como *Tropas e Boiadas*, com seus registros feitos na seara literária e da criação estética, podem, quando trabalhados de maneira adequada, fornecer elementos preciosos na reconstrução histórica de tempos e espaços que abarca em sua ficção. Não se trata, obviamente, de um registro histórico pronto a ser usado como documento irrefutável ou como uma versão informativa de episódios que o inspiraram ou que venha a mencionar tangencialmente, mas sim de um acréscimo na contextualização de tais dados, uma ferramenta a mais no esforço de compreender determinadas situações e cenários. Um livro de ficção não é um livro de História e não tem esse propósito. Seu discurso corre por uma trilha paralela, que não deve ser confundida com as outras, mas mapeada em seus pontos de conexão, em seus possíveis encontros, em seus potenciais cruzamentos.

1.3. Teorias literárias e Análise do Discurso

Como se percebe na discussão anterior, *Tropas e Boiadas* é um volume de contos que, dentro do que Bakhtin (2002) define como polifonia, está eivado de vozes que se espalham por seu interior, remetendo a discursos distintos e intercomunicantes, possibilitando uma série quase infinita de abordagens de sua constituição. Mesmo sendo ficção, criação literária, os contos do volume lançam pontes para outras esferas, para narrativas que se situam em campos diferentes e que têm naturezas distintas. Na arte literária, quando tomada em sua concepção de

gênero e vista sob a ótica do discurso, esse tipo de fenômeno não é raro e nem surpreendente. A literatura abastece-se, muito frequentemente, de produções que lhe sejam adjacentes, de construções simbólicas que possam lhe emprestar um dinamismo, uma criatividade que venham agregar aos seus propósitos. Isso fica patente na obra do escritor goiano, que faz de seus contos não só peças de enorme vigor estético, mas também registros de uma época e de lugares que auxiliam na confecção de uma teia em que os fios se prendem em numerosos suportes. Essa é a razão da pertinência de empreendermos neste momento um breve debate acerca dessas características, objetivando que as análises dos contos, que virão posteriormente, possam estar mais amadurecidas e contextualizadas. Isso ganha importância ainda maior quando pensamos que é uma outra obra cuja feitura do discurso é claramente hibridizado— *Os Sertões*, de Euclides da Cunha – irá nos fornecer um roteiro para as categorias de análise eleitas na investigação e interpretação aqui promovidas.

As camadas hermenêuticas de um texto literário são, inelutavelmente, desafiadoras, numerosas e formadoras de construções de sentido. A obra pode ser analisada sob vários vieses, muitas abordagens, incluindo a de perfil histórico, mesmo quando cotejada com outro trabalho, este também cheio de potencialidades interpretativas. A discussão nesse âmbito, porém, só conseguimos acessos se pudermos entender melhor os objetos sob análise e meditar a respeito de suas possíveis articulações, sempre levando em consideração as características que lhe são fundantes e as especificidades que venham a apresentar ou revelar. Não há outro caminho a trilhar quando se propõe a abordar determinado texto pelo prisma da Análise do Discurso, que é, ao mesmo tempo, um método e um escopo teórico. No caso do presente trabalho, os contos de *Tropas e Boiadas* passarão por essa lente, havendo uma filtragem de temas pertinentes e associações entre estes e discursos outros que não são exatamente literários, ainda que possam se avizinhar deles em determinados aspectos. Como já foi pontuado, a História e o jornalismo são dois deles. As narrativas que dão conta de acontecimentos passados, de contextos sociais pretéritos, de descrições de mentalidades das pessoas que nelas estavam inseridas, podem ganhar contornos estéticos sem que se desvirtuem de seus propósitos primeiros.

Esses cruzamentos estão previstos em diversos conceitos da Análise do Discurso, sobretudo a da Escola Francesa. Estabelecida pelo teórico Michel Pêcheux (1938-1983), essa corrente teórica não via enunciados, linguagens, discursos como elementos intocáveis, parâmetros intangíveis dos quais não conseguiríamos extrair nada além do visível ou algo diferente das características padronizadas que nos fossem apresentadas a seu respeito. Bebendo em fontes variadas e pouco comuns até então, Pêcheux propõe abordagens mais amplas sobre

os discursos que elaboramos e geramos, recorrendo a disciplinas que não pareciam ter maiores relações com a produção de escrita e fala, como a Psicologia Social, a Filosofia, as Ciências Políticas.

Objetos discursivos de talhe estável, detendo o aparente privilégio de serem, até certo ponto, largamente independentes dos enunciados que produzimos a seu respeito, vêm trocar seus trajetos com outros tipos de objetos, cujo modo de existência parece regido pela própria maneira com que falamos deles [...]” (PÊCHEUX, 2011, p. 28)

Essa troca de trajetos é fundamental para que compreendamos conceitos como ideologia, cenário, paráfrases que, de maneira costumeira, são caminhos possíveis para encontrarmos correspondências entre discursos diferentes, mas que se interligam ou ao menos se comunicam de alguma maneira. Nesse sentido, promover debates discursivos tomando os contos de *Tropas e Boiadas* é não só legítimo, como aconselhável se desejamos ampliar a análise de uma obra canônica, da qual já se falou bastante, mas cuja riqueza é inesgotável. Também por propor essa natureza de abordagem, é preciso ressaltar que o livro *Os Sertões* vem contribuir com seu perfil hibridizado, coerente com a visão analítica aqui tantas vezes referida. Na Análise do Discurso, as categorias analíticas precisam ser construídas de acordo com a obra investigada e quanto aos objetivos que se procura alcançar. Essas categorias trabalham com conceitos, mas formam grades interpretativas únicas, que instigam outros olhares, que trazem questionamentos ainda não feitos, que proporcionam comparações originais e incursões inéditas. O grande livro-reportagem lançado por Euclides da Cunha no início do século XX surge como apoio primordial.

Como já foi explicitado, as categorias de análise pelas quais os contos de *Tropas e Boiadas* serão analisados foram selecionadas tomando o conceito de interdiscurso – sobre o qual falaremos mais detidamente em breve –, tomando o itinerário feito por Euclides da Cunha em sua obra clássica, ora vista como um romance histórico, ora como um livro-reportagem, o que denota sua essência multidiscursiva. Nessa perspectiva interdiscursiva, as categorias Terra, Homem e Luta se coadunam, sem malabarismos teóricos, com a experiência estética de *Tropas e Boiadas*, em que Hugo de Carvalho Ramos explora, em sua proposta literária, mas sem descuidar da natureza de seu texto, que é ficcional, as circunstâncias, os tempos, os espaços e os acontecimentos de quando sua criação foi formulada. Essa questão, claro está, que não é uma regra ou uma fórmula. Regrar, instituir preceitos imutáveis, não abrir o discurso para novas possibilidades não é algo que possa ser considerado salutar para a literatura que queira dialogar com sua contemporaneidade, que se mostre uma produção estética e social receptiva ao mundo que a cerca. A obra, usando a expressão de Umberto Eco (2013), não revela-se aberta; ou, para

empregar um conceito bakhtiniano trabalhado por Morson & Emerson (2008), não revela sua “não-finalizabilidade”.

No caso de *Os Sertões*, a obra é desafiadora no sentido de que é considerada por alguns teóricos (BELO, 2006; PENA, 2008; LIMA, 2009) como o primeiro grande livro-reportagem brasileiro. O texto é jornalístico, mas realizado numa concepção literária. Um encontro discursivo que gera um terceiro discurso, em que elementos de ambos se fazem presentes (BORGES, 2013; CASTRO, 2010; BULHÕES, 2007).

O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para transformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte da sua escritura, tornar eventos ‘pouco jornalísticos’ significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura. (CASTRO, 2010, p. 38)

Outros teóricos vão mais longe, chegando a defender o jornalismo como, de fato, um gênero literário, na acepção mais rígida do termo. É o caso de Alceu Amoroso Lima: “O jornalismo é um gênero literário. Apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando põe ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se, pois, dentro do próprio jornalismo, em sentido lato, de tudo o que vem do jornal, na sua forma escrita, ou no *studio*, em sua forma oral” (LIMA, 1990, p. 75). É necessário, porém, um pouco mais de prudência nessas associações tão imediatas.

As narrativas são dispositivos produtores de significados e sua estruturação como narrativa obedece a interesses do narrador (individual ou institucional). Regem-se pelo contexto de sua produção que é inseparável de sua conformação desta ou daquela maneira, que a condiciona e a faz assumir tal ou qual forma, tal ou qual perspectiva, ritmo, velocidade, modo, ponto de vista, alcance, etc. (MOTTA, 2005, p. 10)

Rildo Cosson (2007) chega a definir esse intercâmbio como “fronteiras contaminadas” e a batizar este novo gênero como “romance-reportagem”. Na história do jornalismo, como atestam exaustivas pesquisas sobre o tema (COSTA, 2002; SODRÉ, 2009; MARTINEZ, 2016), as interlocuções entre o discurso informativo divulgado na imprensa e o literário ou o histórico, por exemplo. Euclides da Cunha faz esse movimento, transformando seus registros jornalísticos sobre a Guerra de Canudos em um livro que a crítica literária requereu para si e que o cânone nacional consagrou definitivamente. Isso o aproxima de uma zona fronteira, um espaço cinzento que o coloca com pés em terrenos diferentes simultaneamente. Há um atravessamento

discursivo claro em *Os Sertões*. Seu espectro é amplo e diverso, convidando a abordagens que não se centrem em meras classificações de gênero discursivo ou literário. Se a posição de Alceu Amoroso Lima (1990), que defendia com convicção que o jornalismo era um gênero literário, parece ser um tanto radical – afinal, ele não estabelece parâmetros muito claros de diferenciação de gêneros, como seus contratos de leitura e seus propósitos enquanto texto –, é plenamente aceitável que haja o debate a respeito de formatos mistos que incluam seus discursos fundantes. Um Jornalismo Literário.

Percebemos, dessa forma, que os discursos têm, como característica premente, o contato com outras formas de expressão, o que não exclui a literatura, a História e o jornalismo, um trio que, não raramente, podem ser vistos em estreita interação. Fenômenos que não devem ser tomados, equivocadamente, como a eliminação de identidades próprias. Elas permanecem, ainda que possam passar por transmutações ocasionais ou serem elementos constituintes de novas formas de comunicar algo. Temos, assim, interdiscursividades que podem se revelar a própria essência de determinada obra (caso de *Os Sertões*, por exemplo) ou ser uma variável passível de análise na busca da melhor compreensão de um trabalho (caso de *Tropas e Boiadas*). Nessa perspectiva, cotejar os dois livros para que possamos retirar desse processo as categorias de análise para um olhar acerca de aspectos históricos nos contos do escritor goiano mostra-se interessante. Um método que passa, obrigatoriamente, pelo debate de conceitos-chave da Análise do Discurso.

A Análise de Discurso como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2000, p. 15).

O objeto da análise do discurso é o próprio discurso, a qual tem sua significação no exercício da linguagem com base no acontecer da língua. Segundo Orlandi (2000), “desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade”. (p. 16). Sendo assim, o ponto chave para analisar o discurso é seu movimento de um lado para outro. A linguagem como ponto de intervenção relevante entre o contexto natural e social e o homem. A AD pede uma grade interpretativa de onde se possa partir para análises e comparações efetivas. Em nosso caso, essa grade será formada pelas categorias já elencadas e que observam a ordem dos capítulos do livro de Euclides da Cunha, quais sejam, a terra, o homem e a luta. Essa escolha se dá devido ao fato de que as três categorias por nós selecionadas também correspondem a temas gerais presentes nas

narrativas breves de *Tropas e Boiadas*. Dessa forma e diante das necessidades que venham a ser impostas por este desafio, tomaremos conceitos da Análise do Discurso que possam auxiliá-los na tarefa de não só colocar em prática a análise proposta, como também de encontrar respostas e dirimir dúvidas que surjam no decorrer do processo quanto às maneiras pelas quais Hugo de Carvalho Ramos trabalha tais instâncias.

A obra *Os Sertões*, publicada em 1902, denota o pensar pré-modernista que se particulariza pelo rompimento com o passado e linguagem parnasiana e academicismo; linguagem simples e estilo coloquial; explanação da verdade social do Brasil; demonstração do regional e nacional; relação marginal das personagens mulato, sertanejo e caipira; e por último a abordagem aos fatos históricos, econômicos, sociais e políticos. A produção literária de Hugo de Carvalho Ramos retrata, com contundência e veracidade, situações, pessoas, contextos que existiam em Goiás em sua época. Isso denota que as representações sociais cunhadas pelo escritor em sua literatura dão ensejo para que abordagens de seus aspectos historiográficos possam ser efetuadas.

Discutir a concepção de discurso com foco na literatura é pensar na incorporação dos gêneros complexos e simples, aqui direcionados para as narrativas de Hugo de Carvalho Ramos em *Tropas e Boiadas*. Quando se fala em discurso literário, é preciso ter em perspectiva que essa modalidade remete a uma criação de cunho eminentemente estético e não propriamente historiográfico. Sua proposta não é avançar sobre os campos da realidade com o intuito de descrevê-la como um registro fiel, como algo que deve ser consultado como fonte documental. A ausência dessa pretensão, no entanto, não significa que tal efeito não seja alcançado. A literatura, sobretudo aquela que se convencionou chamar de “realista” tem como mote a objetividade do mundo, dando à está um tratamento não convencional, podendo moldá-la a seu bel prazer, de acordo com um projeto literário que tem toda a liberdade de ser heterodoxo, de romper convenções, de sair do previsível, de refutar algum caráter científico.

A literatura é, assim, espaço para a expressão de tais dilemas. Dessa forma, é válido ressaltar que os contos de Hugo de Carvalho Ramos têm como fio condutor o conflito onde se desenvolve a história envolvendo personagens, espaço, tempo, ambiente e a ilusão do verídico como lócus de produção do discurso. Mesmo assim, mantém firmado seu acordo em estabelecer o verossímil e com desenvolver da reprodução vozes e gestos. É uma forma literária em prosa e que se diferencia pelo seu conteúdo ficcional. Para os leitores, existem a comparação entre o que se apresenta e aquilo que não é dito para a construção de significado do texto e para reelaboração dos limites do real e do irreal, desde o entendimento do procedimento que conduz

ao que definimos como verossímil. O provável depende da conexão e organização interna dos fatos da obra, mesmo sendo criados, ganham caráter verdadeiros. A verossimilhança é relação de causa e consequência dos elementos da obra. Ganho afirma que:

Este conceito se aplica hoje às narrativas. Assim, os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros (no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto), mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo, da relação entre os vários elementos da história. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito, e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (consequência). Na análise de narrativas, a verossimilhança é percebida na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma consequência. (GANCHO, 2004, p.12)

É através das informações colhidas nos textos que o leitor dá credibilidade à história, devido às causas e consequências produzidas pelo autor em relação à coerência dos fatos representados no enredo. Nas narrativas de ficção, os fatos não necessitam ser verídicos, mas necessitam de uma espécie de credibilidade interna que leve o leitor para seu universo imaginado. Esse acreditar está relacionado ao método de organização dos acontecimentos dentro da narrativa, dos elementos empregados na obra e como eles se interconectam. Cada acontecimento do enredo, cada episódio que envolve as personagens, cada descrição de cena e contexto é organizado internamente de forma a revelar um novo efeito que tem utilidade para a construção da trama como um todo. Segundo Auerbach, “o surgimento da realidade de dentro da consciência rememorante, a qual abandonou há tempo as circunstâncias em que se achava em cada momento em que o real acontecia presentemente, vê e ordena o seu conteúdo de uma forma que é totalmente diferente do meramente individual ou subjetivo” (2001, p. 488).

Percebe-se que a construção literária permite a interconexão do real com o imaginário nos colocando a refletir a respeito dos elementos que compõem as narrativas, que podem ser pautados nas questões ligadas ao conhecimento na área política, social, psicológica e também religiosa. Isso fica evidente tanto em *Tropas e Boiadas*, quanto em *Os Sertões*. Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2003), explica por meio de sua teoria e justifica a concepção de interdiscursividade e a ação dialógica que perpassa toda produção textual. Seguindo o raciocínio desse autor, a produção textual compõe um elo sem fim, que acontece antes de sua produção, ao mesmo tempo que extrapola o que está dito, uma produção textual não finaliza com o ponto final. Foucault (2007) chama a esse fenômeno de “formação discursiva”, em que diversos elementos, amalhado em inúmeros processos no decorrer do tempo, se interconectam

na constituição de todo e qualquer discurso, não importa se este seja artístico, informativo, diversional, religioso, científico, privado ou público.

Hugo de Carvalho Ramos, ao elaborar o discurso de *Tropas e Boiadas*, corpus de nosso trabalho, nos permite e nos aguça a perceber estratégias de entendimento por vias histórica e/ou literária que foram utilizadas na formação discursiva. Lembrando que o autor lançou mão de arqueologias já existentes em outros contextos como: Terra, Homem e Luta. A Terra ampara o homem mas também pode desampará-lo; O Homem constrói mas ao mesmo tempo pode destruir o espaço em vive: E a Luta cotidiana é elemento constante na vida de todos.

Para Bakhtin, se a ação dialogal perpassa as produções textuais, isso faz com que estas estejam repletas de vozes, mas com características sancionadas por aqueles que os emitem e até por seus interlocutores. Por este viés, não é fácil existir imparcialidade e objetividade em um campo com pluralidade de vozes. Eis a polifonia, um dos conceitos bakhtinianos mais populares, e que se comunica diretamente com a polissemia, que se configura como uma pluralidade de sentidos. Esta é a defesa que a Nova História faz de enunciações historiográficas, já que todos os discursos estariam “contaminados” por uma série de atores, por interveniências constantes, imprevisíveis, que primam pelo inacabamento, pela eterna mutação, por caminhos infinitamente tortuosos e que resistem a qualquer tipo de regulamentação mais rigorosa.

Assim, é na forma composicional, no estilo e no assunto encenado que se esboçam as conexões entre discurso literário e histórico. No texto histórico e no texto literário, língua é ponto relevante para análise do diálogo e relação entre os grupos sociais. “[...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 268). Salienta-se que os gêneros do discurso são os enunciados orais ou escritos que se realizam por intermédio da língua nas diversas áreas de atividade humana.

A variedade e abundância dos gêneros do discurso não têm fim e são oriundos de fontes fecundas, que abrem possibilidades para diversos enunciados em diferentes áreas de atividade humana. À medida que vai acontecendo evolução de cada área, os gêneros do discurso assumem esse mesmo crescimento e diferenciação em seu repertório. A homogeneidade não é uma característica dos gêneros do discurso, mas sim a presença da diversidade nas manifestações publicísticas, científicas e literárias.

[...] em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da

composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de vários volumes) [...] (BAKHTIN, 2011, p. 262)

A linguística tem como propósito a língua, que é perpassada por uma separação discursiva em duas circunstâncias: o manejo de sentidos estáticos e o outro de mudanças de interpretações, fugindo das normatizações em primeira instância já postas, de ocupação da significação sobre significação, apreendidos na incerteza das acepções. De acordo com Pêcheux:

O objeto da linguística (o própria da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações” (PÊCHEUX, 1997, p. 51).

A heterogeneidade da fronteira dos gêneros do discurso não pode ser barreira para análise dos enunciados nos diversos campos de atividade humana. É ponto de extrema relevância a discrepância crucial entre gêneros discursivos primários e secundários, salientando-se que essa discordância não é simplesmente prática. Os romances, os dramas, as pesquisas científicas de toda espécie, os gêneros publicísticos são classificados em gêneros discursivos complexos (secundários), pois ocorre em situações de convivência cultural complicada. “No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2011, p. 263)”. É na associação dos gêneros discursivos simples com os gêneros complexos que ocorre a mudança e assumem característica específica perdendo a conexão com a realidade.

Interdiscurso e heterogeneidade discursiva são conceitos que se comunicam e, no que Michel Foucault define como formação discursiva, se complementam em muitos sentidos e momentos. Quando tratamos de dois discursos que têm prerrogativas, deontologias, práticas distintas, como são o caso de literatura e jornalismo, as pontes lançadas de lado a lado são, muitas vezes, encabeçadas pela capacidade de identificar os lastros que revelam entre si, sem, contudo, ignorar seus pontos singulares, as possíveis idiosincrasias e as origens de cada um. Gregolin (2007) ressalta como se dá esse processo, lembrando de onde os conceitos provêm:

Essas redefinições levam à incorporação de alguns novos pólos temáticos: a *heterogeneidade*, a idéia de *alteridade* (“presença do discurso do outro como discurso de um outro e/ou discurso do Outro”), as relações entre *intradiscurso* e *interdiscurso* (propondo buscar no “fio do discurso”, os vestígios da memória discursiva). Nessas discussões encontram-se as fontes da “tríplice aliança” (Marx-Saussure-Freud) e as confluências do pensamento pecheutiano com Foucault, Bakhtin e a “Nova História”. Esses entrecruzamentos desenham os caminhos que a análise do discurso deveria tomar a partir de então. (p. 163, grifos da autora)

Como ressalta a pesquisadora, essa versatilidade que precisa ser levada em conta em qualquer análise do discurso é de fundamental importância para se entender as diferenças e as semelhanças, para se encontrar possíveis regularidades que definam até onde vai a interdiscursividade procurada.

(...) é preciso avaliar a duplicidade de uma linguagem que não cessa de dizer, mostrando que diz. Fora dos “enlaçamentos”, é impossível pensar a relação entre o textual e o institucional em termos de interior e de exterior, de meio e de fim... Os textos aparecem, ao mesmo tempo, como uma das modalidades do funcionamento da comunidade discursiva e o que a torna possível; a comunidade se estrutura pelo mesmo movimento que gera os enunciados, suscetíveis, por sua vez, de tematizar, por vezes sutilmente, as instituições que neles estão implicadas e sua própria intrincação com estas últimas. Este elo crucial entre o fazer e o dizer de uma comunidade representa o ponto cego do discurso, a evidência primeira que funda a crença. (MAINGUENEAU, 1997, p. 69-70)

Seguindo com o raciocínio do teórico, são esses elementos que permitem uma apreensão mais correta e competente no estabelecimento de fundamentos interpretativos requeridos na tarefa de se compreender o discurso mais a fundo, para além de sua superficialidade e mesmo das questões que não são aparentemente expressas. As formações discursivas não possuem duas dimensões – por um lado, sua relação com elas mesmas, por outro, sua relação com o exterior – mas *é preciso pensar, desde o início, a identidade como uma maneira de organizar a relação com o que se imagina, indevidamente, exterior*. (MAINGUENEAU, 1997, p. 75, grifos do autor). Dominique Maingueneau salienta que é preciso evitar generalizações também quanto a interdiscursos, fugindo à tentação de receitas pré-concebidas.

Ela [a AD] não pretende reduzir à unidade todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem visa a multiplicar infinitamente e sem hierarquia as relações entre os campos. Em um dado momento, uma formação discursiva é associável a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e *isto faz parte integrante de sua especificidade*. (MAINGUENEAU, 1997, p. 118, grifo do autor)

Em outra obra, Maingueneau formula um elogio às formas mais holísticas de se apreender e analisar obras literárias, ressaltando as contribuições possíveis que outras disciplinas podem oferecer para esse intento.

Seria possível evocar igualmente a importância da reflexão sobre a **intertextualidade**, muito vívida desde o final dos anos 70 e que repercute o “dialogismo” de Bakhtin. Colocando-se a primazia do interdiscurso sobre o discurso, considerando as obras como o produto de um trabalho sobre o intertexto, esse tipo de pesquisa desestabiliza as representações comuns da “interioridade” das obras. As últimas aparecem menos como monumentos solitários do que como encruzilhadas, nós em séries múltiplas de outras obras, de outros enunciados. [...] Desse modo, enquanto os analistas do texto apelam cada vez mais para considerações de ordem sociológica, os sociólogos interessam-se cada vez mais pelo que os textos dizem. Não é possível esperar que ocorra uma “síntese” entre condutas com objetivos tão distintos. A remodelagem da noção de contexto de uma obra literária, entretanto, beneficia-se com a confluência desses dois movimentos. (2001, p. 21-22, grifo do autor)

Em uma terceira reflexão, o mesmo autor reforça a linha de pensamento que percebe no conceito de interdiscurso e de confluência de possibilidades entre textos de caráter diferente mais que uma possibilidade, um método de radiografar as entranhas desse encontro.

É tão impossível tratar com alguma precisão da discursividade a partir de uma posição de exterioridade absoluta, capaz de totalizá-la sob o olhar, quanto refletir sobre um número limitado de discursos sem tratar, mesmo que indiretamente e com regras diversas, de *todos* os discursos. Para nós, desde que os corpora de referência ocupem uma posição estratégica e que a reflexão se desenvolva num plano de generalidade suficiente, devemos resignar-nos a falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também a falar apenas de alguns pensando falar de todos. (MAINGUENEAU, 2007, p. 28)

São discussões que trazem de conceitos muito complexos e que estabelecem vínculos entre ideias de pensadores de extratos bastante distintos, como o russo Mikhail Bakhtin e o francês Michel Foucault, mas que ilustram o sentido dos métodos que a Análise do Discurso abraça no enfrentamento de questões tortuosas. As maneiras pelas quais as articulações dos discursos ocorrem são, comumente, heterodoxas, exigindo que cada caso seja avaliado em separado, para que não se incorra em anacronismos, equívocos e imposturas. Trazendo esse debate para a discussão de nosso objeto, podemos vislumbrar uma infinidade de traços que remetem a discursos que, sim, mantêm uma heterogeneidade, mas que também estabelecem vínculos interessantes que só poderão ser pontuados a partir de análises específicas, realizadas em grades interpretativas igualmente singulares. Perceber elementos históricos nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, tendo como roteiro de investigação categorias fornecidas pelo livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (quais seja, a Terra, o Homem e a Luta), responde a esse espírito de inquietação e olhares menos convencionais ao qual nossa contribuição está atrelada.

Na arte literária, o autor – como ratificam teóricos como Bakhtin (2002), Tadié (1992), Eagleton (2002), Wellek & Warren (2003) ou Hutcheon (1991) – infringe, transgride os limites

para construção de um discurso que não tem compromisso firmado com a verdade, com a certeza, mas se compromete com o imaginário, elaborando produções literárias que cante a dor, tristezas, pobreza, riquezas. As misturas de várias tendências com características desiguais, apresentou movimento novo para literatura.

1.4. Regionalismos

Em inúmeros pontos de estruturação das narrativas breves de Hugo de Carvalho Ramos, em que se observa o destaque dos temas preconceito de classes sociais, pobreza, essa redescritção da experiência pode ser percebida.

O poder de sugestão e evocação do texto literário depende da capacidade de o escritor escolher as palavras capazes de “desenhar”, para seus leitores, uma série de imagens. Por meio do reconhecimento e da reelaboração dessas imagens o leitor constrói na sua imaginação uma representação dos mundos ficcionais apresentados no texto (ABAURRE, 2008, p. 22).

Observa-se que região não é vista somente com ênfase no aspecto geográfico, mas é visto sob a ótica das relações humanas e sociais em outros componentes curriculares que foca nas questões ideológicas e culturais. Bourdieu pontua que:

[...] a região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver como espaço aspiram ao monopólio de definição legítima da definição, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe política ‘regionalização’ e movimentos ‘regionalistas’, economistas e sociólogos. (1989, p. 118)

A regionalidade se sinaliza pelo universo histórico e geográfico, pelos costumes de cada região, nas práticas sociais que produzimos nossas relações culturais dependendo do enfoque da observação em cada grupo. Ressalta-se que cultura apresenta duas acepções consideradas básicas para entendermos o processo de avanço cultural de cada indivíduo ou grupo social. Para Santos: “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo.” (2006, p. 23).

No caso dos trabalhos de Hugo de Carvalho Ramos, há uma descendência mais próxima com um certo exotismo identificado na ficção de autores como Visconde de Taunay e Inglês de Souza. O autor goiano, porém, foge desse estereótipo herdado, aprofundando temáticas, apresentando um Cerrado rico em natureza geográfica e humana, tornando mais complexas as relações entre homem e terra. No século XX, seja com a primeira geração do Movimento Modernista de 1922 (e antropofagia de Oswald de Andrade e Mario de Andrade, emblematizada

em obras como *Macunaíma* (2008), o anti-herói que percorre o Brasil do Amapá a São Paulo), seja com a chamada Geração de 30 do romance nordestino (destacando-se nomes como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rêgo), as tentativas nesse sentido continuaram.

Esse salto qualitativo, além de romper com tradições menos interessantes, também inaugura uma vertente até então inexplorada de como isso seria possível ser realizado. Mesmo que indiretamente, seus contos são de fundamental importância para se compreender um outro braço da literatura brasileira, esta dedicada a um sertão que não era propriamente o nordestino. A região central do Brasil e seu bioma Cerrado passam a figurar no mapa da ficção nacional com mais intensidade, o que desaguará em autores que tornar-se-ão referências absolutas em nossa literatura, tais como o também goiano Bernardo Élis e, sobretudo, o mineiro Guimarães Rosa. Essa genealogia, porém, não deve ser apreendida como se não existissem interveniências. Elas as há e são muitas. Quando falamos de Hugo de Carvalho Ramos e os sertões por ele descritos em *Tropas e Boiadas*, uma referência bastante enfática como já referenciado foi a obra de Euclides da Cunha *Os Sertões*.

O autor de *Tropas e Boiadas* representa de forma clara a saudade carregada de melancolia que sentia de sua terra. O exemplo claro disso é o Conto “Nostalgias”. No trecho do referido conto, Ramos destaca: “Terras bárbaras, gente forte – Aí a nostalgia do sertão!...” (RAMOS, p. 40). Na formulação do conto ficam nítidos diversos traços que ancoraram a produção de outras narrativas, inclusive a releitura de outro intertexto. Segundo Vicentini (1986),

[...] o conto se pode fazer acompanhar de um outro texto – o “Bilhete” – escrito também no Rio, 18 de fevereiro de 1916, em que Hugo revida uma contestação saída da imprensa goiana pelo patrão de Casimiro (personagem de “Nostalgias”), o caseiro da Chapada, distrito de Goiás. No caso, Hugo é acusado de falsear a respeito da valentia de um dos empregados do caseiro da Chapada quando praça em Santa Maria do Araguaia. (p. 34 e 35)

Na referência de Vicentini percebe-se e identifica-se a presença da intertextualidade no diálogo do conto “Nostalgias” com o texto *Bilhete* que pontua o retrucar no tempo, na memória por questões ainda não resolvidas. Em o *Bilhete* o autor retrucou a imprensa de Goiás por discordar de informações apresentadas em relação a coragem de um dos funcionários da Chapada. A presença do texto *Bilhete* no conto “Nostalgias” é identificável. Nesse viés coloca-se aqui o foco no encontro dos discursos literários e históricos, com embasamento nas categorias de análises Terra, Homem e Luta, que perfazem o roteiro narrativo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, para análises das narrativas curtas de Hugo de Carvalho Ramos. A

possibilidade do diálogo entre o discurso literário e histórico pode ser identificado nas obras em análises lembrando que os textos tramitam entre o real e o imaginário.

A narrativa curta “Nostalgias” pode ser avaliada como eixo central da obra escrita por Hugo de Carvalho Ramos. Em primeira instância, o autor escreve uma carta ao amigo. Já em segunda instância, solicita o entendimento do leitor do que foi registrado na carta para o amigo. O lugar-causa onde reside o amigo é a terra que causa tristeza no autor, porém com muita saudade do lugar. De acordo com Vicentini,

[...] o conto “*Nostalgias*” pode ser considerado um ponto nodal de suas *Tropas e Boiadas*. Em primeiro lugar, porque, na forma epistolar, tem leitor implícito explicitado – o que lhe permite teorizar a respeito do leitor da narrativa; em segundo, porque, exigindo um posicionamento do leitor, o autor instaura a polêmica estória/História – o texto é uma carta dirigida a um amigo que mora no lugar-causa da nostalgia do autor e que ele (o autor) pretende que frua (o amigo), empiricamente, o que aquele descreve e relata ficcionalmente; [...] (1986, p. 34)

Tem-se no conto “Nostalgias” o contexto vivido pelo autor que foi trazido para obra e que direciona para a interpretação de *Tropas e Boiadas*. Dessa forma o conto se caracteriza de forma específica para entendimento dos sentimentos melancólicos cheio de saudade, visão de mundo daquela época. O leitor constrói o sentido da narrativa de acordo com sua bagagem intelectual, sendo provocado a ter uma compreensão do que lê mesmo tramitando entre o dueto estória/História ou imaginação e realidade.

As obras *Tropas e Boiadas* e *Os Sertões* trazem no seu interior a intertextualidade implícita quando narram sobre suas temáticas sobre a beleza de uma terra a explorar, os tipos de homem, as lutas pela sobrevivência. Para Almeida Hugo, “[...] descreveu as paisagens. Não as descreveu: pintou-as com palavras soberbas, cheias de fulgurâncias aurorais, ressaltadas pela força de sua obra, que revelou a autenticidade de sua alma sertaneja”. (p. 179)

Em *Os Sertões* o autor faz descrições sobre a terra, a seca, o clima:

Repona a região diamantina, na Bahia, revivendo inteiramente a de Minas, como desdobramento ou antes um prolongamento, porque é a mesma formação mineira rasgando, afinal, os lençóis de grés, e alteando-se com os mesmos contornos alpestres e perturbados, nos alcantis que irradiam da Tromba ou avultam para o norte nos huronianos das candeias paralelas de Sincorá. (CUNHA, 1998, p. 25)

Se compararmos os dois fragmentos percebe-se a intertextualidade implícita nas obras no plano físico que traz a representação da terra goiana e da terra nordestina, lugares de fala diferentes, distantes que comungam praticamente das mesmas problemáticas. A terra aqui é

elemento temático que permite a percepção da intertextualidade. Por esta razão tomaremos como leitmotiv da dissertação, a divisão da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, terra, homem e luta que são as categorias de análise da obra *Tropas e Boiadas*. Essa grade interpretativa aqui elaborada e adotada possui esse lastro que, dizendo como Foucault (2007), fala da arqueologia das obras aqui em discussão, com elementos que dizem respeito à constituição essencial das mesmas quando pensamos em temáticas e imaginários abarcados. O que se convencionou chamar de regionalismo, com todas as ressalvas necessárias para que essa nomenclatura não signifique reducionismos, estereótipos e injustiças quanto ao valor literário dos títulos que venham a ser associados a tal designação, lança, em sua produção de maior qualidade, um olhar diferenciado sobre a vida, os sentimentos, as paisagens e o universo humano que podem ser encontrados em partes esquecidas, pouco conhecidas e sobre as quais há tantos equívocos.

As categorias de análise por nós empregadas para abordarmos os contos de Hugo de Carvalho Ramos, tendo como roteiro as partes do romance-reportagem *Os Sertões*, estabelecem esse diálogo discursivo que lança raízes no campo do regionalismo. Há um interdiscurso intenso em evidência, intertextos que se expressam com certo grau de clareza, possibilitando que possamos identificar possíveis categorias de análise que se revelam organicamente, construindo caminhos hermenêuticos que venham contribuir no viés epistemológico aqui proposto. Abrem-se, assim, portas para uma série de considerações pertinentes, eixos de abordagem que contribuem para uma apreensão mais completa e criativa dos contos de *Tropas e Boiadas*. Uma trilha analítica em que se posicionam descrições físicas, psicológicas, cenários, lugares sociais de fala, registros da realidade). O regionalismo, portanto, não serve como uma camisa-de-força a atar a criação literária ou a doutrinar determinadas interpretações de obras tão maiúsculas e que dialogam. Ele se coloca, isso sim, como um mapa, uma orientação preciosa, um itinerário em que podemos encontrar correspondências, semelhanças, interlocuções diversas e múltiplas.

O que se ponderou até aqui foi a força que os encontros discursivos têm para que se possa pensar como textos de tamanha riqueza, como são os contos de Hugo de Carvalho Ramos, podem estar em comunicação, direta ou tangencial, com uma série de elementos, influências que se refletem, dentro de um trabalho estético-literário transformador, na obra. Esse percurso não subentende uma associação imediata ou simplista de questões históricas, políticas, sociais, comportamentais, ligadas a mentalidades e bens culturais, ou mesmo de geografias humanas ou físicas, na prosa de Hugo de Carvalho Ramos. As articulações que identificamos não se dão dessa forma. Defender que haja um espelhamento entre a literatura e a realidade que a cerca é

não compreender os mecanismos da criação artística, é não entender que esse diálogo é bem mais interessante do que meras reproduções. Nem mesmo discursos que mantêm o compromisso de tratar a realidade tal como ela seria, casos do Jornalismo e da História (ambos intervenientes neste trabalho), funcionam com tal automatismo. As interações que surgem se revelam de formas inesperadas, de maneiras muitas vezes inéditas, estabelecidas sem que haja fórmulas prévias ou receitas prontas.

O regionalismo, nesse sentido, integra esse caldo de reciprocidades como um agente poderoso, mas não único e muito menos de caráter redutor, subtraindo possibilidades de conflagrações, uniões ou mesmo hibridizações. Ele funciona mais como um cenário maior, o *locus* de um imaginário, de um universo que, ainda que localizável, não é restritivo. As especificidades dos homens do campo estão em *Tropas e Boiadas*, mas num sentido que amplia horizontes e não os diminui. Homens que estão em profunda interação com a natureza circundante, lutando pela sobrevivência em ambientes que têm o potencial de se mostrarem hostis. Homens que lidam com outros homens, igualmente endurecidos diante de vidas moldadas debaixo de sol e chuva, enfrentando perigos e inimigos, construindo-se como indivíduos que se deparam com variados momentos em que a força e a coragem são primordiais e em que a covardia e a hesitação são sumariamente punidas. Homens que podem ser encardidos e maltrapilhos, como também ricos e poderosos. Homens que exercem sobre os outros seus sentimentos mais fraternos e mais cruéis.

Os contos de *Tropas e Boiadas* não são narrativas que se estabelecem em determinados locais, mas retira deles muito de sua essência, de seu *ethos*, de sua constituição primeira. Hugo de Carvalho Ramos faz de um Goiás ao mesmo tempo idílico e cheio de armadilhas a planta baixa de uma arquitetura maior, de uma construção erguida com materiais que não são apenas os mais evidentes. Há outros, amalgamados, misturados, que compõem uma argamassa em que estão incluídos diversos discursos paralelos e mesmo concorrentes, variadas contribuições que lhe dão um aspecto muito mais enriquecido e instigante. Não há, portanto, apenas uma maneira única para entender sua constituição, suas questões mais profundas. Hermeneuticamente, há um sem número de possibilidade de especificar essas interações e assim que fazemos esse esforço, novas hipóteses se apresentam, outros caminhos se descortinam, mais e mais potencialidades se desvelam. Essa é a mágica do discurso e suas formações, tenham elas um grau maior ou menor de hibridização, possuam elas teias mais ou menos elaboradas, façam elas junções mais ou menos aparentes.

Quando recorremos ao auxílio de uma obra clássica como é o caso de *Os Sertões*, para que ela possa nos ajudar a elaborar uma grade interpretativa e selecionar categorias de análise menos óbvias para os contos de *Tropas e Boiadas*, é esse exercício que estamos realizando. Um exercício que desperta curiosidade, que traz surpresas, que faz questionamentos e que nos fornece outras visões de um livro tão canônico, como este que foi o único em prosa de ficção publicado pelo escritor goiano. Aliás, predicativo goiano é, por si só, o estabelecimento de um espaço, mas não apenas isso. É também a fonte de perguntas e respostas, o possível ponto de partida ou de chegada, a depender do itinerário traçado e cumprido. Goiano é o autor, goianos são os personagens, goianas são as paisagens, mas não há como delimitar com um espaço meramente geográfico os conflitos humanos que desfilam nas histórias e as ferramentas narrativas usadas, como a construção de perfis, o trabalho com a voz narrativa, o emprego de figuras de linguagem. Também não são meramente geográficas as influências discursivas existentes, as pontes lançadas entre informações e textos que se avizinham ou se distanciam, mas que não rompem seus laços incontornavelmente.

Como se vê, o que já foi pontuado acerca da Análise de Discurso e nossas reflexões anteriores sobre História (e suas respectivas teorias), Jornalismo e diversos outros discursos não propriamente literários, estão muito presentes na condução de nossa investigação dos contos de *Tropas e Boiadas*. Não é, assim, uma abordagem estruturalista, que denota classificações rígidas, imperiosas ou imutáveis. Pelo contrário, o espírito que se quis imprimir neste trabalho, desde o seu início, rompe com essas tradições que amarram e eclipsam outras abordagens, não permitindo que haja interpretações que não sejam as estritamente tradicionais. Nosso objetivo, aqui, não foi o de apenas repetir o já dito, mas convidar a dizer algo novo sobre *Tropas e Boiadas*. Sabemos do nível de dificuldade, mas para tanto contamos com categorias de análise que se coadunam com a, como define Bakhtin (2008), com a “prosaística” de Hugo de Carvalho Ramos. Uma prosaística repleta de discursos atravessados e que se atravessam constantemente.

Por isso, quando usamos o termo regionalismo, é necessário ter parcimônia, já que ele insere-se nesse espírito de discursos intercomunicantes e interrelacionados. Trata-se, portanto, de um regional que se expande, por meio do discurso, para muito além de um pedaço de chão. O pedaço de chão age não para fincar um perímetro pelo qual não se pode passar e sim como meio de reinvenções, críticas, expressões estéticas e uma literatura vigorosa, vigor esse adquirido pela força com que se conecta com realidades e fantasias múltiplas. Isso se dá na terra, no homem e na luta incessante. Se Euclides da Cunha conseguiu formular uma narrativa em que esses elementos são guias-mestras de seu enredo jornalístico, de seu registro histórico

que se perpetuou na posteridade, o mesmo pode ser dito de contos que tornaram-se referências para uma literatura que explorava aquele universo, reinventando-o, dando-lhe novas significações, revelando-o em suas mais fascinantes características. Nessa mesma “toada”, para usar uma expressão cara aos recantos percorridos por Hugo de Carvalho Ramos, as presentes análises e reflexões tomaram forma e se desenvolveram. Como Euclides da Cunha, buscando entender o desconhecido, mantendo uma vívida e profícua curiosidade a respeito de tudo e de todos; como Hugo de Carvalho Ramos, mergulhando verticalmente na alma do sertanejo, levando seus dilemas, seus medos e sua forma de viver para outros patamares, lançando outras luzes sobre seus entrecos.

Dividido em duas partes, o presente estudo, nesse primeiro momento que passou, dedicou-se a trazer um escopo teórico suficiente para que possamos, com os devidos suportes e realizando os raciocínios pertinentes, dentro de um método especificado e observando a grade interpretativa estabelecida, realizar as análises pertinentes. Sabemos que há uma gama teórica ampla e que nem sempre conseguimos nos aprofundar como gostaríamos em cada uma dessas trilhas amplas e não raramente difusas para esgotarmos as possibilidades que cada uma delas nos oferecer para esta dissertação. Dentro de nossas condições, pudemos referenciar o que nos pareceu fundamental e explicar como discursos diferentes podem auxiliar na compreensão de *Tropas e Boiadas*, tendo *Os Sertões* como um amparo luxuoso. No capítulo seguinte, dar-se-á continuidade à exploração da obra *Tropas e Boiadas* com foco nas categorias de análise Terra, Homem e Luta, buscando essas associações dos contos do livro e estabelecendo os diálogos possíveis, os encontros de discursos que a ficção promove com a paisagem, a vida de quem nela reside e com os desafios impostos nessa relação.

2. NOS SERTÕES DE *TROPAS E BOIADAS*

A partir do debate teórico que foi empreendido no capítulo anterior, podemos agora, com mais segurança e tendo em perspectiva a metodologia selecionada para tanto e as categorias de análise escolhidas, dissertar a respeito de como os contos de Hugo de Carvalho Ramos são atravessados por discursos variados, muitos deles pertencentes a campos de conhecimento que dialogam com a ficção, mas não se confundem com ela. Nesse grupo, podemos elencar os registros de realidade que o escritor goiano inclui em sua literatura, tais como os cenários naturais, as situações sociais que ele testemunhou em seu tempo, as estruturas políticas e familiares e as mentalidades vigentes em uma região que era praticamente isolada no início do século passado. Esse panorama que remete a realidades vividas e sedimentadas é retrabalhado no âmbito da ficção, ganhando tratamento estético-literário, compreensões outras que não as da mera informação e leituras que ampliam os espectros interpretativos dessas mesmas realidades. Nesse sentido, a obra de Hugo de Carvalho Ramos é interdiscursiva – ou até mesmo multidiscursiva –, uma vez que integra diferentes formas de se narrar e olhar para o mundo à sua volta.

Com esse espírito, tão caro a conceitos fundamentais da Análise do Discurso, tais como o de formação discursiva (FOUCAULT, 2007), interdiscurso (ORLANDI, 2000) – “o interdiscurso como o intertexto mobilizam o que chamamos de sentido” (p. 34) – e intersubjetividade” (MAINGUENEAU, 2006), apresentamos uma série de aplicações de nossa grade interpretativa – qual seja, a composta pelo tripé Terra, Homem e Luta –, retirada do itinerário narrativo de Euclides da Cunha, em que tais elementos se revelam na contística de Hugo de Carvalho Ramos. Elementos esses que denotam a amplidão das influências que podem ser constatadas nas histórias curtas deste autor que, não obstante ter publicado apenas um livro em vida, é considerado um marco da escola literária a que se filiou. Esse esforço de reflexão e análise corrobora a hipótese de que diversos discursos intervenientes se fazem presentes nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, alguns deles podendo servir de baliza para um olhar retrospectivo sobre a sociedade de cerca de um século atrás. Trata-se de uma contribuição valiosa desse autor não só em seu aspecto literário, mas também na promoção de diálogos profundos e profícuos entre a criação de enredos e personagens instigantes e sua ambientação, física e simbólica, em uma sociedade específica.

Seguindo o caminho metodológico que pavimentamos para este trabalho, nossas análises serão divididas de acordo com as categorias selecionadas. Categorias, lembremos, que

foram retiradas do clássico *Os Sertões*, como já explicado anteriormente. Para observar essa derivação, nossa ordem de análise será a mesma que está no livro de Euclides da Cunha. Vamos, primeiramente, analisar o elemento Terra nos contos de Hugo de Carvalho Ramos para, em seguida, nos determos no papel do Homem que vive nesse cenário e, por fim, as lutas que ele trava por estar nessa condição. Isso, porém, não quer dizer que a análise será tão estruturalista assim. Esses elementos são mutuamente intercambiáveis e se inserem uns nos outros o tempo todo. Assim também era na obra de Euclides da Cunha, ainda que o escritor fluminense tenha se dedicado a separá-los. No caso de Hugo de Carvalho Ramos, essa junção orgânica é ainda mais patente e intensa. Por isso, várias das análises de um elemento só farão sentido se o outro participar de tais reflexões.

Essa mescla constante denota a característica fundamental por nós enunciada nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, que é a interdisciplinaridade usada em prol de sua criação artística. O autor goiano lança mão, com grande frequência, de instrumentos próprios de outras áreas do conhecimento para construir sua narrativa, trabalhando, entre outros conhecimentos, com Sociologia, Filosofia, Geografia, Antropologia e História. Obviamente que os contos não são tratados ou estudados sob nenhum desses campos de atuação. A obra de Hugo de Carvalho Ramos é literatura, e de mais alta qualidade. Ele faz, isso sim, o que Bakhtin (2002) ensina e recomenda, elogia e admira em um escritor: promove dialogismos, polifonias, polissemias e deixa seu trabalho “não-finalizado” no sentido de ser poroso e receptivo a outras integrações. Para título de organização da presente dissertação, porém, vamos seguir o roteiro previamente estabelecido, deixando o aviso de que sua subversão também é parte da análise em si.

2.1. A TERRA vista como espaço de culturas

No conto “Nostalgias”, Hugo de Carvalho Ramos apresenta a rotina dos cargueiros que transportavam pelas estradas do sudoeste de Goiás produtos alimentícios em direção ao comércio das cidades. Em lugares longínquos, ouvia-se o balançar do chicote, e a gritaria pigarrenta, apagando fogo e soprando o algodão do acendedor de fuzil, estimulando a tropa de animais ao trabalho. Os pássaros, em meio às vegetações, articulavam-se cantando de forma tristonha, aflita. Em seus registros, o autor trouxe a história de Goiás daquela época, um Goiás que enfrentava muita turbulência, sem recursos de transporte, sem estradas em bom estado de conservação, quase trieiros para transportar os produtos alimentícios de primeira necessidade.

Distante, na estrada da Barra, cargueiros passavam ajoujados e resfolegantes sob a carga de mantimentos, em bruacas de couro cru, rumo a cidade e do mercado. Escutava o relho a estalar ao longe, e a voz pigarrosa do caipira,

batendo fogo, assoprando o chumaço da binga, a incitar aos muxoxos da mulada:

-Ehú! Ehú! Ehú!... Criolo!... Penacho!...

E mais além, aqui na mata, ali nos furados de Jaraguá, jaós e perdizes correspondiam-se moduladas e dolentes as primeiras, subitâneas e estrídulas as outras, de lado a lado rememorando a história pungentíssima de seu mútuo apartamento... (RAMOS, 2006, p. 35)

A terra de que fala Hugo não é obviamente, a mesma terra sobre a qual discorre Euclides da Cunha. Para que possamos pensar em aproximações entre duas concepções da terra, é fundamental, primeiro, que reconheçamos suas diferenças. A ponte para analisarmos as obras *Tropas e Boiadas* e *Os Sertões* inicia-se pela definição do termo “sertão” que no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) é:

1 região agreste, afastada de núcleos urbanos e das terras cultivadas. 2 terreno coberto de mato, afastado do litoral. 3 a terra e a povoação do interior; o interior do país. 4 toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos (p. 2.558)

“Sertão” é um signo que traz as características de Goiás e do Brasil, em alguns momentos explícitos e em outros implícitos. De um lado, o sertão demonstrado em *Tropas e Boiadas* por Hugo de Carvalho Ramos, terra com muitas riquezas para serem conquistadas, com espaço para o homem ser e viver *com* ou *sem* comunhão com a natureza. De outro lado, o de Euclides da Cunha, uma terra igualmente distante do litoral, mas assolada pela seca nordestina devido ao clima, situação agravada pela negligência histórica, pela ausência de olhares mais solidários, pela pobreza irremediável. A literatura oportuniza posição crítica perante a realidade ou direciona investigação interpretativa próximo a ela. Segundo Antonio Candido (2009), beneficiava-se o Brasil de “uma literatura equivalente às europeias, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria” (p. 327). Hugo de Carvalho Ramos exercita essa habilidade no conto “A beira do pouso”: “Contavam casos. Historias deslembradas do sertão, que aquela lua acinzentada e friorenta de inverno, envolta em brumas, lá do céu triste e carregado, insuflava perfeita verossimilhança e vida animada.” (RAMOS, 2006, p.49)

Hugo de Carvalho Ramos enfatiza a terra e suas belezas, seus mistérios que encantavam a todos do lugar e também os visitantes forasteiros que ali vinham para conhecer ou até mesmo explorar suas riquezas. Hugo versus sua terra tão amada, em seus pormenores, em que detalhada cada espaço conhecido, seu clima, sua fauna e flora. Terra que acolhia a todos com a intenção de cuidar de todos. “Acocorados a sertaneja sob a copa desfolhada do pouso – um jatobá gigantesco – aquentavam fogo, a petiscar baforadas grossas dos cigarrões de palha, ouvidos

atentos ao narrador”. (RAMOS, 2006, p. 49). A criação literária representa os sentimentos e ações coletivas de indivíduos que assumem e representam vários papéis neste contexto, seja político e/ou social. É perceptível nos contextos de Hugo e Euclides um ponto comum e crucial nas abordagens sobre a terra, que é o abandono por parte dos governantes, deixando amplos territórios ao léu, em que qualquer um poderia administrar a seu modo, sem seguir nenhuma lei.

O texto literário passa a ser representativo de realidades coletivas ou emoções profundas que ultrapassam o meramente individual. [...] A literatura assume, cada vez mais, um posicionamento crítico diante da realidade em que se insere ou procura uma interpretação em profundidade de tudo que a cerca. (PROENÇA FILHO, 1988, p. 24)

Por sua vez, o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, contém registros pensados, vividos pelo autor, que soube pontuar quem fala, lugar de fala e com quem se fala em seus relatos, colocando à mostra o contexto físico, social e emocional do sertão e do sertanejo. “Porque neste coincidir das terras do interior e a depressão das formações arqueanas, a região montanhosa de Minas se vai prendendo, sem ressaltos, à extensa zona dos tabuleiros do norte.” (CUNHA, 1998 p. 23). Em sua narrativa, em alguns momentos Cunha revela ser dono da arte de representar; em outros traz sua formação científica para a contextualização. Assim pontua o autor: “Transmontadas as serras, sob a linha fulgurante do trópico, vêem-se, estirados para o ocidente e norte, extensos chapadões cuja urdidura de camadas horizontais de grés argiloso...” (CUNHA, 1998, p. 21). Euclides inseriu termos técnicos na narrativa literária com força e empenho individual, mesmo usando linguagem pertencente às ciências, trazendo à tona seu poder de criação com intenções de no momento dialogar com leitor habitual.

Com Euclides da Cunha o vocabulário técnico entra a circular na prosa literária portuguesa com inesperado vigor pessoal, em contraste com a seca terminologia científica de teses e compêndios. O que parecia destinado apenas ao âmbito da linguagem científica, em virtude de uma sensibilidade rica, de uma ardente imaginação criadora, cobra novo calor de incitamento e parece agora falar à fantasia do leitor comum. Termos usadiços na geologia, na geografia humana, na climatologia, outros derivados das ciências naturais e da sociologia, por mais rebarbativos que pareçam, impregnam-se de imprevista eloquência, fundidos ou arrastados na onda impetuosa de um ritmo original da frase; e tão irresistível era o seu impulso, que o leitor, embora desprevenido e sem a necessária iniciação, não deixava de acompanhar o autor na jornada por trancos e barrancos, talvez um pouco irritado e perplexo, mas retomando a leitura e virando outra página, como o louvável propósito de consultar mais tarde o léxico. (MEYER, 2007, p. 229)

Por outro lado, Euclides traduz o saber científico quando mostra conhecimentos pertencentes à geologia, geografia humana, climatologia, sociologia, entre outros utilizados com a intenção de enriquecer a narrativa. A obra traz elementos literários e históricos que a enriquecem, pois revelam o lugar social de quem está falando e sobre o que está discorrendo. O autor narrava a vida dos sertanejos, dos jagunços em seu texto, contando com denúncias e registrando a história daqueles que pertenciam àquele ambiente: espaço composto por muitas vozes, cheio de desejos que facilmente eram deixados de lado por quem os alimentava e sumariamente ignorados por quem detinha o poder de mando.

O palco do Arraial de Canudos, logo rebatizado de Belo Monte, deixa de ser terra de ninguém e passa ao comando do fanático religioso Antônio Conselheiro, que por muito tempo persuadiu seus seguidores com promessas de salvação, livramento das dificuldades vivenciadas ali e por um sebastianismo que imunizaria seus seguidores da fúria que se abateria sobre o mundo em um pretense juízo final. A religião defendida por Conselheiro conduzia os fiéis ao fanatismo cego. A fé cega conduzia os fanáticos à falta de compreensão da própria religião. Neste trecho percebe-se o encontro do discurso histórico e religioso. O discurso histórico, em registro jornalístico, quando o escritor observa os fatos, depois faz as anotações e narra os acontecimentos de forma pormenorizada. Na construção da narrativa, Euclides se apropria de um discurso de tom pseudoreligioso para colocar em cena a personagem Antônio Conselheiro e seus seguidores em sua crença inquestionável. Dentro do romance *Os Sertões* – o que também se averigua na coletânea de contos *Tropas e Boiadas* – existe a conexão entre os discursos literário, histórico e religioso.

A terra delineada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* demonstrava o ingresso no grande sertão nordestino, então desconhecido, e que exatamente por isso surpreendia quando se ampliava o conhecimento sobre clima, vegetação, o meio ambiente em geral, generosamente descritas na narrativa do autor. As descrições feitas pelo escritor provocam reflexões férteis em relação ao interior da Bahia, terra misteriosa, desconhecida, com ondulações, inúmeras modificações causadas pelo mundo natural. No livro, o dueto litoral/sertão teve sua representação na forma geográfica e social, mostrando suas qualidades e seus defeitos, belezas e contradições. No espaço geográfico considerado como um lugar longínquo, ermo distante da civilização conforme representado nas obras investigadas, seja nas distâncias objetivamente medidas, seja em suas constituições sociais, o termo sertão denota atraso no modo de ser do homem, em seus hábitos e costumes.

Destaque-se ainda que em termos literários e políticos, o sertão de Euclides da Cunha também funciona como metáfora para marcar alterações profundas em estruturas de poder há muito sedimentadas.

Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior. (CANDIDO: In BOSI, 2006, p. 309)

Eis uma diferença promovida não pela natureza, mas vivenciada pela cultura do homem do litoral, dispare ao extremo da rotina vivida pelo sertanejo. Nitidamente, temos um País com duas realidades com diferentes níveis sociais que, por si, já indicavam circunstâncias de respeito ou desrespeito em relação aos direitos do ser humano. Uma diferença que é pautada no nível histórico e filosófico. O escritor Hugo de Carvalho Ramos trouxe construções semelhantes em *Tropas e Boiadas*, com seus personagens dividindo-se entre oprimidos e opressores. Para Candido o papel da personagem significa:

Se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). (2011, p. 45)

Essas criações literárias percorrem espaços que são bastante distintos. O Cerrado goiano tem muitas diferenças em relação ao agreste nordestino, apesar de os dois ecossistemas (naturais e sociais) também guardarem pontos em comum. A *secura*, o sol forte, a vegetação rasteira os ligam, assim como a consciência de seus habitantes de que é preciso ser forte para sobreviver aos desafios impostos pela natureza e por outros homens. Talvez por isso as descrições do meio ambiente estejam tão presentes nos dois livros. “É a paragem formosíssima dos *campos gerais*, expandida em chapadões ondulantes – grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros... Atravessemo-la.” (CUNHA, 1998, p. 24, grifo do autor). Nessa construção, os adjetivos enfatizam a beleza da terra do que Euclides da Cunha designa de “Brasil Central”. Percebe-se neste detalhe um certo embaralhamento do interior do Brasil, em que suas especificidades são revogadas por generalizações realizadas por quem não mantém familiaridade com essas diferenciações. O escritor fluminense comete o pecado da padronização, não observando as características próprias de cada espaço, misturando-os à revelia, atropelando suas arqueologias, suas formações específicas, estereotipando tais lugares como se eles se resumissem a meras pechas imprecisas. O “Planalto Central” de Euclides da

Cunha, nesse aspecto, é bem distinto daquele de Hugo de Carvalho Ramos, este sim mais orgânico, empático, associado às suas mentalidades vigentes. Por outro lado, Euclides da Cunha mostra essa parte geográfica como um palco, em que o vaqueiro expõe sua simplicidade, as características específicas em que se inscreve.

Mesmo com tantas diferenças, é possível encontrar numerosas correspondências e regularidades entre as descrições do coração da caatinga nordestina feita por Euclides da Cunha com o Planalto Central – este sim, geograficamente correto – em que Hugo de Carvalho Ramos centra suas tramas é evidente e profícua, quando pensamos em uma aproximação entre o discurso dos dois autores. A terra é um elemento desta ligação e empatia. “Era pelas férias, em tardes luminosas de que já não tenho notícias, pelos meses calorentos de dezembro a março, quando o murici e a carriola, amadurecidos, embalsamavam o chapadão.” (RAMOS, 2006, p. 33). O escritor trouxe para o centro das narrativas que elaborou suas reminiscências dos períodos em que viveu em Goiás ou dos períodos de descanso que passou na terra natal; passeios em fazendas, banho de rios, tardes inesquecíveis, principalmente quando as frutas típicas desse Planalto estavam no ponto para serem degustadas. O autor tinha muito gosto de demonstrar o sentimento que procurava enfatizar pelo “seu sertão” afetivo.

Em fragmentos dos contos “Mágoa de vaqueiro” e “Nostalgias”, percebe-se a construção de sentidos de identificação do autor com o ambiente que toma para sua literatura, revelada pela descrição do meio ambiente do sertão. Outro ponto que pode ser destacado é o aspecto emocional do homem que ali vivia. “O sertão abria-se naquela manhã de junho festivo, na glória fecunda das ondulações verdes, sombreando aqui pelas restingas das matas, escalonado mais além pelas colinas aprumadas, a varar o céu azul com suas agulhadas de ouro; [...]” (RAMOS, 2006, p. 22). Em outro trecho, o autor descreve: “Gralhas e acauãs guinchavam na galharada esguia dos cerradões, sobre o arvoredado denso de ao pé dos córregos. Havia o trilo metálico das cigarras ao mormaço; e, galgando a outra banda – com a chuvarada que descera brusca para de novo abrir-se o céu [...]” (RAMOS, 2006, p. 34)

Essas descrições conotam e denotam mais do que dizem. O meio ambiente, seja em Hugo de Carvalho Ramos, seja em Euclides da Cunha, extrapolam o dito, a mera enunciação que revela um cenário. Nessas obras, a terra é personagem, quando não protagonista em diversos momentos. Em *Os Sertões*, a ela é dedicada toda a primeira parte. Em *Tropas e Boiadas*, perpassa todos os contos do volume, não raramente sendo o *leitmotiv* da narrativa.

Para compreender o processo de produção de sentidos procura-se “[...] a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam ‘escutar’ outros sentidos

que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 2000, p. 26). O signo Terra, tal como tomado pelos autores como um elemento narrativo dos mais poderosos e significativos e que convida os leitores a novos entendimentos no âmbito simbólico e discursivo, extrapola os limites do que é explicitado no texto, conduzindo a diversas interpretações. Compreensões que dependem de inferências adquiridas no contexto social e cultural que se mostram de maneiras distintas em *Tropas e Boiadas* e em *Os Sertões*, mas que se fazem presentes irrevogavelmente. O solo em que os acontecimentos se sucedem nos contos de ficção do escritor goiano e na narrativa de guerra do autor fluminense é, por si mesmo, uma condição inescapável de compreensão do que se lê em seus livros.

As denúncias sociais, em sua ampla gama de abrangência, observadas na obra *Tropas e Boiadas* em torno do contexto político, econômico e social são enfrentadas até hoje com muita dificuldade. Percebe-se que na construção narrativa, o autor representa com especial ênfase, as condições precárias que viviam os tropeiros, os boiadeiros e que mesmo não possuindo boas condições de vida, essas pessoas, esses habitantes dos ermos e gerais goianos tinham muito a oferecer naquele sertão distante.

Já não é só a cor local que sobretudo interessa ao autor, e sim a sorte das criaturas. A natureza e os hábitos goianos, que evoca com amor, não lhe fazem esquecer que os tropeiros, boiadeiros e camaradas são sobretudo homens – homens que vivem ainda mais miserável que pitorescamente (TELES, 2007, p. 49).

Na política, as pessoas lidam, tal qual como hoje, os desafios impostos pela falta de ética, pela ausência de compromisso com as necessidades coletivas, onde o poder pertence a poucos. No setor econômico, os contos de *Tropas e Boiadas* sublinham a divisão de classes, em que quem ganha mais sempre é quem já tem mais e os menos favorecidos vendem sua capacidade de trabalho por preços módicos. Já o contexto social é resultado da falta de organização do setor político e econômico, que não prepara o homem para os desafios que serão enfrentados em sua vida, condenando-o a não prosperar, a estagnar-se em um inescapável estado de miséria. O homem aqui representado sofre pela dor física e pela dor psicológica em sua trajetória. Na narrativa “Pelo Caiapó Velho” confirma-se que:

A fome, patrãozinho, era braba. O estômago farejou toucinho com ranço e feijão bispado. Mas a gente neste mundo de Cristo, de lá pra cá e de cá pra lá, numa corre-coxia do diabo, pelo sertão sem morador, a mais das vezes nem isso mesmo topa – que assim, assim, a vida do tropeiro é remédio bom para acabar com quindins, luxos e poetagens de não comer caruncho no feijão, mofo na farinha e coró e saltão no toucinho. (RAMOS, 2006, p. 170)

As dificuldades enfrentadas pela profissão de tropeiro vivenciadas durante as viagens pelo sertão afora, muitas vezes o que assolava não era simplesmente o cansaço físico, mas o medo pelo desconhecimento do lugar, a falta de alimentação para o corpo e também para a alma que encontrava desolada em razão da inquietação diante dos perigos do percurso. Entre essa necessidade do corpo e da alma percebe-se que preocupação era mais com o corpo físico e não a alma. Era a terra cobrando seu preço de quem se aventura a nela sobreviver. Se os sertanejos de Euclides da Cunha são “antes de tudo, fortes”, os de Hugo de Carvalho Ramos são igualmente resilientes, propensos a se adaptar às adversidades para conservarem o direito de se manterem respirando. Isso pode ser visto neste trecho do conto “Pelo Caiapó Velho”:

A hospedeira – era sozinha – na sombra da luz, perguntou se tinha fome. A falar, a falar ao certo, que sim – desde as barras do dia andava em jejum, debaixo de chuva, sem mesmo ter enxugado os bofes com dois dedos de cachaça no fundo do cornimboque, mas que não se avexasse a sinhá dona, que ele com pouco se contentava – um coité de farinha seca com um taco de rapadura na goela e qualquer pedaço de couro velho para descansar o corpo; que, quando a madrugada viesse amiudando, já estaria de animal aparelhado, pronto pra cortar por esse mundão afora. (RAMOS, 2006, p. 169-170)

A preocupação do sertanejo demonstrada no conto não se resumia a se alimentar bem, com qualidade, e sim em comer algo para sair do jejum, quase que diário. Essa era a rotina do tropeiro durante as viagens pelo sertão de Goiás. O tropeiro muitas vezes enfrentava também a chuva para chegar ao destino traçado, sem segurança alguma. Essas denúncias, representadas literariamente pelo autor nas narrativas, ainda são bem atuais. A fome, a miséria e insegurança são problematizados e contextualizados para conhecimento de todos.

O mesmo fenômeno pode ser constatado em diversos clássicos da literatura universal. Para compreender as lógicas de uma Rússia ainda sob o regime da servidão, uma das formas mais eficientes é ler os romances do século XIX escritos por autores como Fiodór Dostoiévski e Liev Tolstói, que trazem para o centro da intriga senhores e mujiques, citadinos e camponeses. O mesmo pode ser dito da França pós-Revolução de 1789, que viu vicejar autores como Honoré de Balzac, Alexandre Dumas ou Gustave Flaubert, tradutores incontestes de uma sociedade em plena transformação. Outros bons exemplos estão nos EUA, onde escritores como William Faulkner e Francis Scott Fitzgerald traçaram retratos extremamente fieis de uma cultura norte-americana que se expandia para todo o mundo na primeira metade do século XX, mas que conservava traços de atraso social como, por exemplo, o racismo imperante nos estados do Sul dos EUA.

No Brasil, isso não é diferente. Aluísio de Azevedo descreveu, em detalhes, as camadas mais empobrecidas do final do século XIX, com obras que marcaram a escola naturalista em nossa literatura. Machado de Assis, por sua vez, desenhou contornos nada elogiáveis de uma aristocracia e de uma classe média carioca que mantinha comportamentos hipócritas e interesseiros a maior parte do tempo. Quando voltamos os olhos para um Brasil mais profundo, veremos que determinados movimentos, desde aquele chamado de indianista, capitaneado pelas obras canônicas *Iracema* e *O Guarani*, de José de Alencar, se preocupam em tentar captar essa dita ‘alma’ nacional, revelando, por meio da ficção, algumas daquelas que seriam suas características e expressões. Em *Tropas Boiadas*, percebem-se sinais de denúncia de situações políticas, sociais e religiosas com foco na história e memória do homem sertanejo e com ênfase nas questões emocionais, deixando claro sua ideologia e identidade cultural construída naquele período.

Nesse contexto histórico, são feitos apontamentos específicos para o elemento regional, transportando o enredo ao universo histórico de forma que se promova a rememoração de seu tempo, e para além dele. O homem sertanejo e caipira – tipos sociais, habitantes dos ermos goianos – mantinha a cultura do sertão. Sobre esse aspecto, Vicentini considera que:

[...] de certa forma justifica o teor regional de que revestiu a sua obra, tentando expor, nela, não os tipos individuais, ações singulares que pertencem a um só indivíduo, mas personagens e ações que são, antes, modelos, virtualidades do homem do sertão de Goiás que, à sua época, cobria todo o território goiano que não se valia de transporte moderno, onde a população rareava, e que continua os tipos sociais predominantes do caipira e do sertanejo (VICENTINI, 1986, p. 14)

A análise da obra *Tropas e Boiadas* aqui proposta coloca em pauta a contribuição que se pode dar à fortuna crítica sobre o autor, que abre espaço para abordagens de diversos ângulos. Neste caso, uma forma de cotejamento dos contos com suas possibilidades de contar a História, de se fazer crível ainda que por meio da ficção. Sendo assim, o corpus de investigação traz contribuições diversificadas do universo sertanejo. Um universo que tem, na literatura brasileira, uma outra grande baliza, uma obra que também foi referência para o próprio Hugo de Carvalho Ramos.

O genuíno Euclides logo se entremostra naquela imagem dos higrômetros singulares, do grandioso painel da primeira parte, intitulado: “A terra”. Vem mostrando a terra ignota e o alto de Monte-Santo. Serve de guia ao leitor, desorientado por aquela complicada topografia do sertão de Canudos. Chegamos a sentir, de período a período, uma impressão dantesca: no limiar desse inferno, o leitor é uma espécie de Dante e Euclides é o Virgílio desse Dante. Esse inferno que penetramos é a nossa terra, a nossa terra desconhecida. E é então que logo à entrada nos aparece aquele soldado

desconhecido: “O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava. Descansava... havia três meses. (MEYER, 2007, p. 232)

Euclides da Cunha também fala desse espaço perdido no interior brasileiro em *Os Sertões*, livro que está em uma fronteira entre literatura e jornalismo, com acenos para o registro histórico. O encontro do discurso da realidade de Euclides da Cunha em *Os Sertões* e o discurso literário de Hugo de Carvalho Ramos em *Tropas e Boiadas* pode ser constatado no fragmento abaixo:

Novo horizonte geológico reponta com um traço original e interessante. Mal estudado embora, caracteriza-o notável significação orográfica porque as cordilheiras dominantes do Sul ali se extinguem, soterradas, numa inumação estupenda, pelos possantes estratos mais recentes, que as circundam. A terra, porém, permanece elevada, alongando-se em planuras amplas, ou avultando em falsas montanhas, de denudação, descendo em aclives fortes, mas tendo os dorsos alargados em pianos inscritos num horizonte de nível, apenas apontado a leste pelos vértices dos albardões distantes, que perlongam a costa. (CUNHA, 1998, p. 23)

O discurso de Euclides da Cunha mostra-se compromissado com os fatos históricos com tom de denúncia acerca das questões sociais, políticas e geográficas que assolavam o interior do Nordeste de então, que suscitava diferentes curiosidades pautadas em diversos campos das ciências, ainda que esta questão seja hoje o que é mais criticado no autor de *Os Sertões*. No limiar dos séculos XIX e XX, Euclides era um adepto de pseudociências de cunho racista, como a eugenia, que tentava delimitar características físicas e mentais de parcelas da população como sendo superiores aos seus semelhantes. Esse preconceito, assumido sem pudor no texto de Euclides da Cunha, é aplicado em suas descrições dos tipos do sertão (jagunços, vaqueiros, seguidores do messiânico Antônio Conselheiro). É preciso, porém, avaliar esses trechos não com um olhar de julgamento a partir da atualidade e sim com uma visão de contexto que leve em conta o momento histórico e as ideias vigentes na época em que a obra foi escrita. A natureza do texto, no entanto, não se perde com essas ressalvas. Elas apenas vêm dar os devidos parâmetros para uma análise cuidadosa do livro.

Por estas razões, consegue-se perceber ecos da narrativa de Euclides da Cunha na obra de Hugo de Carvalho Ramos, sobretudo nas acepções ligadas aos temas terra, homem e luta. Essas três matrizes principais e que dividem em partes o clássico *Os Sertões* são também muito perceptíveis na contística de Hugo. A terra, o homem e a luta estão presente na ficção do autor goiano, mas de formas diferenciadas das adotadas pelo escritor fluminense. Enquanto Euclides toma esses arquétipos como elementos norteadores para contextualizar o cenário dos combates

– no caso, a caatinga nordestina –, desenhar retratos dos envolvidos na batalha – os homens do sertão, como jagunços e lavradores – e com o intuito de descrever o combate – a queda da cidadela criada por Antônio Conselheiro –, Hugo de Carvalho Ramos os toma para construir narrativas que tratam de questões ligadas ao sertão brasileiro, só que sob outras perspectivas.

2.2. O HOMEM e seus desafios

Neste tópico, busca-se o entendimento do homem com suas diversas representações nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, ora simbolizados como tropeiro, vaqueiro, boiadeiro, sertanejo, jagunço e guerrilheiro com atitudes pertinentes ao contexto construído nas obras investigadas, com destaque na construção de identidade individual e/ou coletiva no decorrer do ser e viver no sertão. Antes, porém, é necessário estabelecer como Euclides da Cunha, que nos fornece a categoria de análise abordada, trabalha a configuração do agente Homem em seu livro. Só depois desse detalhamento, conseguimos ver com mais clareza os caminhos que o autor goiano toma para falar do Homem do sertão goiano.

A segunda categoria de análise é narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* em sua segunda parte, onde relata as crenças, os costumes e os comportamentos do homem. Trata das diversas etnias do Brasil, mostrando a comparação cultural descritas pelo autor. “Entretanto no domínio das investigações antropológicas brasileiras se encontram nomes altamente encarecedores do nosso movimento intelectual. Os estudos sobre a pré-história indígena patenteiam modelos de observação sutil e conceito crítico brilhante...” (CUNHA, 1998, p. 72) Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve o homem com suas várias etnias, no cenário em que se passou a Guerra de Canudos, homem resistente a seca vinda da natureza e também a seca psicológica, apresentada em muitas circunstâncias da vida. A partir de suas observações de campo, o jornalista elabora uma das frases mais famosas da literatura brasileira: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Essa opinião, porém, foi se formando no decorrer de sua cobertura. Ao chegar ao interior da Bahia, Euclides da Cunha se depara com um cenário que o choca. A princípio, o autor encara os homens que conhece como se fossem meros elementos de uma natureza selvagem, equiparando-o à vegetação, ao relevo, ao clima locais. Aos poucos, porém, essa visão distanciada foi se abrandando gradativamente à medida em que foi se inteirando mais de suas práticas, seus ritos e sua mentalidade. Ainda que essa transformação de visão não tenha sido completa, ela ocorreu em certo grau. O Homem em *Os Sertões* deixa de ser apenas um “elemento natural” para ganhar força e identidade, tomando o protagonismo que lhe é reservado

na parte final da narrativa, A Luta. O arquétipo do sertanejo é, inegavelmente, salientado no texto do romance-reportagem, mas não há uma ausência total de nuances, o que se poderia prever dado o início dessa longa e antológica narrativa. O homem Euclides parece, de algum modo, também influenciado por um modo de vida que para ele era novo e que, com seu talento na escrita, ajudou a imortalizar.

Esse Homem é uma referência também para Hugo de Carvalho Ramos. Não que ele desconhece essa dinâmica. Mais que Euclides, o escritor goiano estava inteirado dela, levando-se em conta todas as circunstâncias e proporções envolvidas nessa relação entre o filho do juiz de Direito e o povo de um Goiás limítrofe com o arcaico. O Homem do sertão nordestino não é igual, obviamente, igual ao Homem do sertão goiano, ainda que existam, sim, correspondências. A intenção aqui, entretanto, não fazer essa comparação direta e sim perceber, a partir do que é instigado por Euclides da Cunha, como Hugo de Carvalho Ramos descreve e registra esse personagem arquetípico, essa verdadeira senha para ingressar nos mistérios de um espaço profundo e fechado. Não se trata, como já foi salientado, de uma associação simplista e sim de um cenário projetivo em que o sertanejo, partindo de um autor e chegando ao outro, se faz como parte essencial para identificar os inúmeros discursos que se fazem presentes nos contos de Hugo de Carvalho Ramos (históricos, religiosos, jornalísticos, sociológicos), retrabalhados no âmbito literário. Poderemos perceber isso nas análises a seguir tendo em perspectiva a categoria Homem.

No conto “Ninho de Periquitos”, o protagonista Domingos toma atitude ousada, porém recheada de bravura contra seu próprio corpo. O indivíduo se vê obrigado a cometer uma atrocidade contra si, porém sem ter a intenção de colocar um fim à própria vida. Seu ato extremo é, isto sim, voltado para a própria sobrevivência. Após colocar, de maneira inadvertida, a mão em um oco de um tronco de árvore para tentar pegar filhotes de periquitos, o sertanejo se vê surpreendido por uma serpente, que se escondera naquele recanto escuro. A cobra agarra-lhe o membro e o pica, inoculando um veneno que o Domingos sabe que será mortal caso não tome uma iniciativa. E a única ação ao seu alcance é decepar o membro envenenado, ao mesmo tempo em que mata o animal peçonhento. “Ninho de Periquitos” é um conto que traz à baila a valentia, fortaleza e ousadia do homem do sertão, que ocupa lugar de relevância pelas ações desenvolvidas em seu meio. O protagonista Domingos é figura exemplar desse homem que não tem tempo e temperamento para se lamentar pelo que acaba de ocorrer, que não se prende às tragédias das quais é vítima.

Por meio de um evento dramático até certo ponto comum em uma zona rural isolada, em que o elemento humano e a natureza compartilham o espaço –muitas vezes disputando mortalmente a prevalência em determinados ambientes –, Hugo de Carvalho Ramos traz à tona características específicas que associa esse sertanejo a uma dignidade, e até um orgulho, que o impede de se arrepender das decisões tomadas, por mais radicais que elas possam ser. Essa dureza de caráter é salientada pelo escritor goiano como uma das características inerentes do homem do sertão. “E enrolando o punho mutilado na camisola de algodão, que foi rasgando entre dentes, saiu do cerrado, calcando duro, sobranceiro e altivo, rumo de casa, como um deus selvagem e triunfante apontando da mata companheira, mas assassina, mas perfidamente traiçoeira...” (2006, p. 61).

No processo de problematização dos contos para entender melhor sua temática, seu enredo, seus conflitos internos, o trabalho dialoga com os aspectos culturais, sociais, políticos das personagens, verificando como se dá o registro das questões éticas, morais e religiosas como eram sentidas e pensadas pelos indivíduos compostos por Hugo de Carvalho Ramos tomando como base o tempo em que viveu e escreveu sua obra. Essa compreensão pode ser enriquecida por meio da adoção de perspectivas teóricas que trazem consigo horizontes menos delimitados em termos narrativos. Isso se encontra, por exemplo, na Teoria da Nova História, que explora aspectos menos ortodoxos para se estudar determinados períodos, civilizações ou eventos. Um exemplo é o que ficou conhecida como História das Mentalidades, ilustrada por obras como *O Reno: Histórias, Mitos e Realidades*, de Lucien Febvre (2000), em que se ressalta que as lógicas de pensamento são imprescindíveis para o entendimento de ações práticas. As construções sociais ganham, assim, protagonismo, alçando gestos, cultos, costumes, posições políticas, preconceitos, valores familiares e comunitários, entre outros pontos, como fundamentais para se contar a História.

Ao tomar o sertanejo e seus embates como linha principal de criação literária em *Tropas e Boiadas*, Hugo de Carvalho de Ramos, de certa forma, adota a mesma perspectiva – nele literária, mas que bem poderia ser histórica. Ao trabalhar com descrições de sociedades existentes, o criador literário avizinha-se, inexoravelmente, de tais possibilidades, ainda que elas não sejam seu propósito. Como já foi salientado, a Nova História caracteriza-se por percorrer esta mesma estrada, só que na outra mão. Ela situa-se no âmbito de um discurso científico, com um campo de conhecimento consolidado, que possui seu arcabouço teórico, metodológico e epistemológico. Isso não a impede, porém, de adotar formas discursivas próximas às literárias, com um pronunciado elemento estético, para concretizar seus objetivos.

Essa opção não a torna menos rigorosa, mas irrefutavelmente promove um diálogo discursivo entre o real e o ficcional.

A história, no entanto, não se pode duvidar disso, tem seus gostos estéticos próprios, que não se parecem com os de nenhuma outra disciplina. É que o espetáculo das atividades humanas, que forma seu objeto específico, é, mais que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação dos homens. Sobretudo quando, graças a seu distanciamento no tempo ou no espaço, seu desdobramento se orna das sutis seduções do estranho. (BLOCH, 2001, p. 44)

Para Michel de Certeau, a acepção histórica tem sua origem em uma teoria que acaba norteando o trabalho de interpretação conduzindo aos domínios psíquicos do autor.

Desde então veio o tempo da desconfiança. Mostrou-se que toda interpretação histórica depende de um sistema de referência; que este sistema permanece uma “filosofia” implícita particular; que infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à “subjetividade” do autor. (CERTEAU, 2008, p. 67)

A literatura de Hugo de Carvalho Ramos presta-se, dessa forma, a exemplificar uma sociedade que viu e vivenciou, ainda que tenha, posteriormente, mantido contato com outras organizações sociais, pois estudou no Rio de Janeiro. Seu trabalho, porém, não pode ser classificado com reducionismos. O autor goiano demonstra uma notável capacidade de universalizar suas narrativas a partir de um ambiente do interior, denunciando toda uma situação social por intermédio de personagens arquetípicos (o vaqueiro, o coronel, a moça da roça, o agregado, o animal), que transitam em um cenário até certo ponto hostil, que é o sertão profundo do Planalto Central em uma época de grande atraso cultural e isolamento geográfico. Seu olhar não é menos abonador sobre os núcleos familiares que se formam nesse espaço, trabalhando a rigidez de seus códigos, a inflexibilidade de normas que são consideradas convencionais, havendo uma proibição simbólica e prática à subversão de tais regras. Situações que também denotam alto grau de hipocrisia, em que os poderosos – não importando tanto assim o nível de poder que pudessem exercer – estabelecem referências, de maneira arbitrária, que devem ser observadas por todos que lhe são submetidos. Essa organização em que o elemento da submissão é tão evidente, o homem era representado e visto em condição de aceitação de ser dominado por quem tinha o poder político nas mãos. O exercício deste poder causava danos irreparáveis na vida de homens que muitas vezes se sujeitavam a esse domínio por não ter condições de mudar tal contexto devido às situações econômicas e sociais enfrentadas e tidas como desafios constantes.

A relação submissa do empregado com o patrão é representada no conto “Pelo Caiapó Velho”, algo que permeava a vida do tropeiro, do sertanejo em geral. Esses homens tinham ideologias que se pautavam na forma simples de viver construindo sua identidade com foco no pensamento coletivo como um mecanismo de proteção em conjunto, e eles demonstravam isso na prática, na vivência, nos seus atos rotineiros, mesmo que pudessem ficar, ora ou outra, ressentidos, tristes pela falta de perspectivas, mas sempre buscando ser fortes para os enfrentamentos impostos. Outra situação observada é a exclusão do homem por não atender os padrões ditados por uma sociedade atrasada e engessada, que não agia em direção a uma maior humanização em seus procedimentos, sem medir as consequências de atos como excluir e violentar. E as sequelas iam ficando pelo sertão. Sequelas que podiam ser simbólicas, mas que muitas vezes Hugo de Carvalho Ramos descreve de forma literal, com direito a descrições de teor altamente realista.

– Patrãozinho – e o sertanejo cuspiu forte para ambas as bandas da estrada – das bochechas e beiços arregaçados num vermelhão de apodrecido de rapariga, corria visguenta e fétida por entre uns tocos de dentes amarelos – patrãozinho – uma baba de empestado... Os dedos da mão, não os havia... (RAMOS, 2006, p. 171)

A doença demonstrada na narrativa em análise era elemento que excluía, rejeitava o ser/homem daquele momento histórico. E essa convivência com a hanseníase causava medo, horror devido à perda de partes do corpo que aqui é representado pela personagem da rapariga com dedos da mão perdidos. Aqui o medo sempre foi um elemento muito presente na vida de todos. A hanseníase é uma doença infecto-contagiosa, causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae*, de evolução crônica. Doença que fez inúmeras vítimas na Idade Média e até hoje faz parte de nosso cenário, seja real ou imaginário. Hugo representou essa enfermidade que provocava retirada de pessoas doentes de suas residências, exclusão do convívio social e até mortes por serem doentes. A tríade submissão, medo e doença fez parte da vida do homem goiano na obra *Tropas e Boiadas* que podem ser percebidas, explicitamente ou implicitamente, praticamente em todas as narrativas. Um exemplo é este trecho do conto “À Beira do Pouso”:

Naquele tempo viajava eu escoteiro, no meu jaguané de fama, por estas estradas da minha terra; isso, noitão cerrado e vésperas da Paixão. Manhãzinha, Deus servido, devia bater em Santa Rita pra negócio de precisão e a lua só pela madrugada despontaria. Marchava apressado, tendo a cortar todo um estirão de oito léguas bem puxadas para alcançar o arraial. Vai senão, ali nas alturas do Bugre, ouço passos cadenciados à minha frente. Olhei, o lugar era ensombrado, o caminho muito estreito e solapado não tinha desvio; e, como lhes dizia, não havia luar. Assim na sombra, assemelhou-se-me a dois

homens baixos, conduzindo qualquer cousa, a modo de trouxa, num varão.
(RAMOS, 2006 p. 50)

Vale lembrar que no romance *Grande Sertão: Veredas* (1986) e no conto “Sorôco, Sua Mãe, Sua Filha”, do volume *Primeiras Estórias* (2005), ambos de Guimarães Rosa, doenças também são aludidas por meio de personagens que, ainda que expressem seu sofrimento, não compreendem exatamente suas causas. Na épica narrativa de Riobaldo, há o episódio dos Catrumanos, pessoas que, desfiguradas, vivem selvagememente nas grotas do sertão. A aparência dessa gente causa repulsa no narrador e demais personagens, em um retrato metafórico dos preconceitos sofridos e do abandono desses enfermos no interior do Brasil. Esse é só mais um vínculo a ligar Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa, um de seus leitores mais notórios e que fez questão de externar sua admiração em algumas oportunidades.

Outra característica que se pode perceber nos contos é uma presença constante de preconceitos, disseminados em muitos aspectos, nessa configuração social específica do sertão goiano do início do século passado. Classes sociais nitidamente estabelecidas, em que as pessoas mais pobres devem se sujeitar àquilo que lhe é imposto, não raramente com violência, por quem goza da prerrogativa de poder de mando. Isso se espalha pela tessitura social como um todo, havendo a criação de estereótipos quanto a pessoas que, por exemplo, refutam o trabalho árduo, que gostam de se divertir, que ousam romper com estatutos há muito arraigados no pensamento daquelas comunidades retratadas. Os empregados são tratados, em diversas ocasiões, como se animais fossem, força de trabalho brutalizada, sem direito a qualquer tipo de atenção ou consideração que são devidas a um ser humano. Este “homem” de Hugo de Carvalho Ramos é um ser endurecido pela vida, desacostumado a possuir pensamentos autônomos, amedrontado diante do poder e que cultiva a dependência em relação aos mais fortes, muitas vezes sem refletir acerca dessa submissão. Hugo de Carvalho Ramos retrata um homem que aceitava a dominação imposta pelo sistema. Geralmente não era domínio só do trabalho bruto, como também do trabalho intelectual. E assim o homem não refletia sobre a dominação imposta, simplesmente agia, trabalhava, vivia naquelas condições sem indagar o que se passava.

Tropas e Boiadas é um livro que registra o contexto sócio-histórico, enveredando por questões sociais muito contundentes, profundas, que revelam e assolam a alma humana em variadas perspectivas. É impróprio, portanto, designar a obra meramente como uma coletânea de contos regionalistas, sobretudo quando este termo é usado para qualificar, de forma restritiva, determinada produção literária apenas pelo espaço geográfico que traz à tona. O livro, isto sim, é um aceno às gerações posteriores, registrando temáticas e contextos sociais que advêm de um tempo pretérito e, simultaneamente, tão atual. As problemáticas levantadas pelas narrativas

breves da obra dialogam, de forma intensa e inequívoca, com questões que ainda se fazem presentes e que são oriundas de um passado histórico que ajuda a explicar o que vivemos hoje. A tradição coronelista, a violência como argumento, a dureza de um sertão ainda por desbravar, as formas de pensamento que imperavam naquele Goiás de Hugo de Carvalho Ramos ainda ressoam, trazem para os dias atuais considerações que devem continuar em análise.

Em *Tropas e Boiadas*, todas essas especificidades do homem sertanejo desembocam na sua relação, nem sempre pacífica, com a terra, com o solo em que planta e onde também descansa após a morte. A terra tem no sertanejo o seu dono e o seu adubo, como já foi pontuado no tópico anterior. No livro, é necessário, para sua melhor compreensão, articular esses elementos narrativos. Eles estão intrincados. A terra pode ser aliada e inimiga do homem que sobre ela habita. A terra não perdoa os fracos e exige valentia, até certa dose de rudeza. Homem e terra são ásperos, áridos. Eles têm um tipo de relação e compromisso que não aceita tréguas, que é exigente, que retira um do outro a própria vitalidade. Essa terra é objeto de disputas, físicas e psicológicas, cenário de mágoas, de alegrias, de nascimentos e de mortes. É nela que se dá a luta diária pela sobrevivência. Uma luta que se trava com a natureza selvagem, mas também com uma sociedade igualmente inclemente. Nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, obtemos, assim, o retrato da Terra, do Homem, da Luta em um sertão goiano arcaico, com seus códigos de conduta, suas lendas, seus dogmas, seus princípios praticamente imutáveis, seus valores singulares, sua simbologia que é própria, mas também a expressão de um tempo e de um espaço, de mentalidades e modos de vida.

Nota-se até o momento que a regionalidade identificada nas narrativas de Hugo de Carvalho Ramos advém do modo de ser e viver do sertanejo, do homem do sertão, que vai construindo sua identidade regional, social e cultural, deixando claro um antagonismo entre o campo e a cidade. O sertanejo das narrativas, à primeira vista, representava saúde, longevidade e fortaleza. Uma idealização que ao mesmo tempo é negada, dada a frequência com que esses mesmos homens desaparecem precocemente, abatidos pelas agruras a que são intermitentemente expostos. Eles viviam em condições de dependência da natureza, dos donos da terra, dos poderes públicos. O autor de *Tropas e Boiadas* representou o homem goiano com sua força, suas valentias e fragilidades. Este homem revela a História daquela época de mandos e desmandos, que diversas vezes eram repetidas.

O goiano representado pelo autor em sua obra tem muitas faces, comporta-se de maneiras diferenciadas a cada vez que entra em cena. Faz relatos que são passados de geração em geração, que envolvem o Rio Araguaia com suas belezas, praias com areias brancas, a onça

pintada e outros animais. O contador de histórias narrava em terceira pessoa e, ao fazê-lo, revelava-se dotado de bastante experiência no sertão goiano. O homem da cidade participava de um contexto diferente do homem do campo, em costumes, forma de trabalho, habitação.

Não raro, o caseiro do sítio, forte e desempenado em sua robustez de oitenta anos – o braço mais rijo e feroz dos eitos da roça três léguas derredor – vinha para a soleira da porta, encapotava-se banzento ao batente, acendia um cigarrão, e, a cabeça nevando ao luar como capucho d’ algodoeiro, punha-se a devanear, baforando...Cercávamo-lo todos, grandes e pequenos.

Eram sempre histórias antigas, das passadas eras do império e presídios do Araguaia. Ficávamos a escutar, sonhando com essa região longínqua de canguços e caboclos desnudos, areias infindáveis alvejando a distância, onde a *pintada* vinha uivar em cio à noite, agoniada do luar, e de cujo fundo das águas saíam, em estação propícia, as tracajás à desova pelas praias d’arribação... (RAMOS, 2006, 36)

Assim, as condições humanas observadas e descritas por Ramos demonstram insatisfações em relação ao viver do sertanejo, que em algumas circunstâncias, surgiam em suas narrativas em situações complicadas ou até mesmo sem essência humana. As insatisfações estão ligadas à submissão desse sertanejo. Vicentini (1986) afirma que:

Há no livro, realmente, a divulgação de uma ideia formada a respeito do caipira. Bem formada no sentido de que ele é apresentado fora daquela ideia, corrente à época de Hugo, de raça inferiorizada, indolente, sub-humana. Mas isto não quer dizer que ele é apresentado, às vezes, como um homem primitivo, intelectualmente falando, devido, as condições de seu meio (1986, p. 180)

Neste seu único volume de contos, Hugo de Carvalho Ramos mostrou interesse pelos aspectos sociais e morais do homem sertanejo, pela imagem social e moral do homem daquele período. Como destaca Vicentini, “a construção de Hugo de Carvalho da imagem do homem sertanejo goiano é a resposta clara ao seu tempo. E a sua escolha dos tropeiros e boiadeiros é uma escolha de identidade positiva para o seu estado, de forma a que ele comparecesse como produtivo – sertanejo e não caipira – no concerto geral da nação” (1997, p. 52). É assim que a construção de identidade individual do homem sertanejo acontece na relação com outros pares que não possuem a mesma cultura e que é representada a todo momento. Trata-se de uma identidade que remete ao final do século XIX e início do XX.

[...] a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência humana e **àquilo que somos** (SILVA, 2000, p. 17, grifo nosso).

O “Aquilo que somos” destacado acima é exatamente a posição a que o sujeito – referido no plural e não mais no singular – é designado a ocupar em uma sociedade que institui suas regras em coletividade. Essa maneira de estar no mundo em comunhão com uma sociedade múltipla, mas que aprimora seus mecanismos de controle (novamente há o elemento ideológico aqui presente), é uma das maneiras de apreendermos esse sertanejo, submetido a regras rígidas e ao julgamento alheio que, quando tem oportunidade, também exerce em relação aos outros. Sua memória, assim, torna-se igualmente dividida entre uma identidade pessoal e uma social. Seus medos são os medos de todos que com ele convivem. Suas dúvidas, até por serem pessoais demais, podem não ser expressas jamais. Seus atos observam os limites que lhe foram delimitados. E todas as vezes que se pretende extrapolá-los, há punições, olhares inquiridores e até mesmo ameaças à própria sobrevivência. Isso está muito patente nos contos de Hugo de Carvalho Ramos e mais que subentendido em *Os Sertões*.

Talvez a grande diferença é que o escritor goiano trabalhe tais elementos por ângulos distintos do jornalista-romancista. Ele pontua tais dilemas de forma mais hiperbólica, menos óbvia. Seus laços com o contexto social são inquestionáveis, mas tal dependência e sujeição aparecem nas entrelinhas, sem que haja a clara admissão de tal condição. É o que se depreende neste trecho, quando a melancolia aparece não como uma lamentação, mas como uma constatação resignada, contra a qual não parece existir armas, mas que resiste na memória, único patrimônio possível a este sujeito saudoso de um tempo que não retornará: “Já que vais brevemente à chapada, vê se ainda se encontra legivelmente o meu nome num tronco novo de jenipapeiro que fica junto à casa do teu agregado (se é que ainda o manténs), próximo a umas goiabeiras, e aí talhado por mim a última vez que lá estive.” (RAMOS, 2006, p. 33).

Estamos diante da melancolia na nomeação do título do conto “Nostalgias”, em que o escritor traz recordações do passado muito presentes em sua memória. Em suas reminiscências, relembra as informações relacionadas ao lugar, à paisagem, ao seu nome grafado no jenipapeiro e também do agregado que ali trabalhou. Essas recordações fazem parte de sua memória, que colaboraram para a construção de sua identidade. Segundo Jacques Le Goff,

[...] a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História. (2006, p. 275)

A memória coletiva é um dos recursos de maior relevância para abarcar as dificuldades apresentadas pelo tempo e a História (HALBWACHS, 2003). É uma oportunidade de constância e ininterrupção em relação ao deslocamento e à mudança do homem e de seu contexto. Para analisar o discurso, considera-se sua construção de sentido como participante de um determinado grupo social. A memória coletiva é constituída pelas recordações individuais e também reminiscências comunitárias. Dessa forma, as vivências individuais se tornam coletivas. As reminiscências do sertanejo mostrado nas narrativas de Hugo revelam as dores psicológicas sofridas pelo homem que, em algumas circunstâncias morria de tanta dor, não a dor física, dor na alma, que é a pior das dores. O autor extravasa o sofrimento interior dos personagens demonstrando suas atitudes cotidianas. Isso se vê nos contos “Mágoa de Vaqueiro” e “Ninho de periquitos”. No terreiro, encolhido ao aconchego da fogueira, gemia ainda àquela hora o tio Ambrosino, viola no peito, respontando na prima:

A florzinha do pau-d’arco
É da cor do entardecer
Traz tristeza, traz quebranto
Tu, que não hás de trazer... (RAMOS, 2006, p. 19-20)

No conto “Mágoa de vaqueiro”, o autor traz à tona profunda tristeza do personagem Ambrosino que o tocar da viola tornava sensível, trazendo fortes lembranças de amores e ilusões do passado que se fazia tão presente, provando uma profunda dor na alma. Dor esta que bastava parar um pouquinho já provocava um gemido pelo amor da bela florzinha. Ele trazia consigo lembranças coletivas dos habitantes daquele lugar. Já no conto “Ninho de periquitos”, Hugo de Carvalho Ramos narra:

Abrandando a canícula pelo virar da tarde, Domingos abandonou a rede de embira onde se entretinha arranhando uns respontos na viola, após farta cuia de jacuba de farinha de milho e rapadura que bebera em silêncio, às largas colheradas, e saiu no terreiro, onde demorou a afiar numa pedra piçarra o corte da foice. (RAMOS, 2006, p. 59)

Pelo fragmento destacado, nota-se do homem sertanejo em relação à natureza. E essa relação tão dependente é demonstrada na narrativa e desenvolvida no decorrer dos fatos, onde retrata a rotina do personagem principal em sua lida. Pontua o narrador: “Era pelo domingo, vésperas quase da colheita. O milharal estendia-se além, na baixada das velhas terras devolutas, amarelecido já pela quebra, que realizara dias antes, e o veranico, que andava duro na quinzena”. (RAMOS, 2006, p. 59). O que se comprova é que o homem retira seu próprio alimento da natureza no momento certo e faz a sua colheita dentro do prazo para não perder os

mantimentos. Mesmo não sendo proprietário da terra, dali tirava o sustento de sua família e não escolhia nem hora nem dia para enfrentar o trabalho.

Em outra passagem, o autor aborda essa dependência como algo que lhe fornece até mesmo um presente para o filho:

Enquanto amolava o ferro, no propósito de ir picar uns galhos de coivara no fundo do plantio para o fogo da cozinha, o Janjão rondava em torno, rebolando na terra, olho aguçado para o trabalho paterno: não se esquecesse, o papá, dos filhotes de periquitos, que ficavam lá no fundo do grotão, entre as macegas espinhosas de malícia, num cupim velho do pé da maria-preta. Não esquecesse... (RAMOS, 2006, p. 59)

O filho ficava observando a lida do pai para cumprir suas tarefas cotidianas, como cortar lenha para cozinhar os alimentos, plantar, colher, esse trabalho era passado de geração para geração. Neste contexto, o homem tinha uma relação de cumplicidade com a natureza. O filho se interessa em ganhar de presente de aniversário filhotes de periquito. Por essa razão, sempre cobrava do pai o presente e pedia para que ele não esquecesse da encomenda.

Tratando de outro aspecto pertinente em nosso debate, a obra literária elaborada por Hugo de Carvalho nos mostra a todo momento os indícios de memória coletiva, pela representação da terra, do homem e da luta.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2000, p. 17).

Na concepção de Michel Pêcheux, a produção de sentido é construída a partir do texto e da linguagem dita não transparente, sendo preciso elaborar seu significado, tomando por base o tripé língua-discurso-ideologia. A questão aqui em foco não é simplesmente transmitir informações aleatoriamente, mas como se organiza essa transmissão. Para Orlandi (2000), o colocado em pauta é “[...] a relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação [...] daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (p. 21).

No conto “Mágoa de Vaqueiro”, o narrador mostra a construção de identidade individual e coletiva do pai e filha com detalhes, observando as relações interpessoais, com o trabalho e com seus instrumentos laborais. Considera-se que a cultura de um povo é o diferencial para esta construção. Quando Hugo de Carvalho Ramos trata a fuga de uma filha da casa do pai naquele

período, em que os núcleos familiares traziam muitos preconceitos e códigos morais conservadores, vai se construindo a identidade de uma filha que se revela contrária ao modelo de família patriarcal, em que é o pai que dá as ordens para os outros obedecerem. Mesmo contra a vontade expressa do pai, ela foge com seu grande amor, o peão Zeca Menino. “Da Mariazinha, porém, nem vestígio. Ele olhava apatetado, sem compreender; foi a cozinha, na esperança de encontrá-la dobrada sobre jirau de mantimentos [...] (RAMOS, 2006, p. 21). O desespero era tamanho que o fez o velho Tônico olhar todo rancho, na intenção de ver sua única filha dormindo mesmo que escorada nas coisas. “Veio ao terreiro da frente, o sol já nado, e só então a dor expluiu, numa só crise de lágrimas e recriminações”. (RAMOS, 2006, p 21).

Os registros narrativos do autor Hugo de Carvalho Ramos, sem dúvida, remetem a contextos mais regionais, o que não quer dizer, em absoluto, que possamos restringir sua aceção a tais aspectos. Em seus contos, o escritor vilaboense desvenda parte da história de um tempo determinado, com seus valores, suas regras, suas circunstâncias e seus legados. Em “Mágoa de vaqueiro”, esses pontos são reforçados:

Veio ao terreiro da frente, o sol já nado; e só então a dor expluiu, numa crise de lágrimas e recriminações.

Fugira, a malvada! E com quem, Santa Maria, com o Zeca Menino certamente, um perdido de pagodeiras e do truque, brigão vezeiro nas redondezas, sujeito que além da garrucha e da besta de sela, só tinha por si essa estampa escorreta de mestiço madraço e preguiçoso! E por que, Virgem Maria, se ele nunca se intrometera no namoro, até satisfaria a vontade de ambos, dando o consentimento; ele que, mal da idade, com tão pouco se contentava – vê-la sempre de sorriso à boca ao batente da porta, quando viesse das malhadas, e a tigelinha de café bem requentada, quando partisse pela manhã para as labutas do campo! Ele que, bom Deus dos fracos, só tinha aquele mimo na sua velhice desamparada e solitária de viúvo, à beira dum atalho sempre deserto e cujo vizinho mais próximo, o Ambrosino, ficava a duas léguas de distância!

E arreplava a grenha, num pasmo mudo agora, como se nem pensar naquilo valesse mais a pena, tão absurda parecia a desgraça que se lhe abatera sobre o casebre. (RAMOS, 2006, p. 21-22)

No fragmento acima, Hugo de Carvalho Ramos descreve como a mágoa do vaqueiro estava estampada em seu rosto e em suas atitudes por não aceitar a fuga de sua filha Maria com Zeca Menino, pois ele considerava o rapaz uma pessoa complicada, sem compromissos, cheia de vícios. A ação da filha trouxe à baila vários questionamentos sobre os valores sociais, morais e religiosos do início do século XX, época em que o livro é composto. Neste ponto questiona-se e retrata a vida cotidiana e suas mazelas, que inclui o preconceito acerca da situação financeira do rapaz. Ressalte-se que o pai se sentiu afrontado com o ocorrido, pois preferia que

eles – sua filha e o namorado dela – pedissem seu consentimento para se casarem conforme as convenções sociais.

Tonico questiona a Virgem Maria da razão de a filha ter fugido com seu amor sem pensar nas consequências drásticas para a vida familiar. O narrador lançou mão do discurso religioso para buscar amparo para tanto sofrimento. “Graças ao vigor dos detalhes, à 'veracidade' de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à causalidade dos eventos etc, tende a constituir-se a verossimilhança do mundo imaginário.” (CANDIDO, 2011, p. 20 e 21). O vaqueiro, em uma de suas lamentações, acredita que não merecia passar por esse desgaste com a filha tão amada. O pai, de tanto sofrimento, enfatiza que não compensava nem pensar na situação vivenciada naqueles dias turbulentos. Ele não teve resistência o bastante suportar o infortúnio causado por sua filha e Zeca Menino. A habilidade de ser resiliente não fez parte da vida de Tonico diante da fuga de Maria para viver um grande amor.

O velho Tonico já era um homem vivido, praticamente um ancião para os padrões de longevidade daqueles tempos, requerendo maiores cuidados de sua filha única, que a partir de sua ausência deixou de existir. Assim que chegava da lida diária, o pai de Maria tomava um café requentado pela filha. A mágoa do vaqueiro está na alma pela ausência de seu amor. O conto, de certa forma, aborda uma norma convencional vigente no sertão goiano. “Moça direita” não fugia de casa em nome de um amor. Se fosse “honesta”, teria atendido o pai, obedecido suas ordens, aberto mão de sua felicidade em nome da hierarquia familiar. Sempre fora assim, não haveria motivo para mudar. Uma ética que estabelece que o homem precisa ser valente, não pode levar desaforo para casa, tem de ser duro e aguentar todas as dores. O pai da moça não desabafa, não grita, não se desespera. Apenas se senta sobre um cupinzeiro e ali morre de desgosto, calado, remoendo sua mágoa, sua tristeza de forma solitária. Uma ética que está em todos os poros do sertanejo, que não admite exceções, que é rígida em seu cumprimento. O mesmo pode ser visto no “homem” descrito por Euclides, o indivíduo que se mete no meio do espinhal, que doma animal bravo, que é bom de tiro e faca, que suporta sem reclamar as agruras da seca, a falta de água e de futuro. O homem é o chefe, o senhor absoluto das palavras e que exige submissão da mulher, dos filhos, dos empregados.

Em “Nostalgias”, Hugo registra: “– Mulher, mulher, mete-te com tua vida, deixa os outros sossegados. Mortes, tenho treze nas costas, mal contado; e não me arrependo, mais não fora, tanta gente ruim anda pelo mundo!...” (RAMOS, 2006, p. 39). O homem maltrata a própria mulher com palavras fortes, esquecendo que ela é sua parceira. Contra ela – e quase contra todos que ousam contrariá-lo, o personagem comete violências, incorre em desrespeitos,

alimenta injúrias e terrores psicológicos. Chegando ao extremo, chega a matar, reforçando em seu discurso, recorrentemente, que não tem receio ou arrependimento quanto às mortes pelas quais fora responsável em sua trajetória. Na verdade, tais fatos representam algo que não é individual, isolado, uma exceção. A memória coletiva do goiano foi construída pelo autor com detalhes, quando, em sua ficção, delinea homens que não cumprem a lei de maneira nenhuma, algo que era frequente em nosso Estado. Podemos fazer uma conexão com a obra de Euclides da Cunha, sobretudo quando perfila a figura do jagunço. “O *jagunço*, saqueador de cidades, sucedeu ao garimpeiro, saqueador da terra. O mandão político substitui o *capangueiro* decaído.” (CUNHA, 1998, p. 200, grifo do autor).

Na narrativa “Caminho das tropas”, também de *Tropas e Boiadas*, os personagens são valentes, resistentes a dificuldades físicas e psicológicas, mostrando-se audaciosos.

– Já vem chegando a boquinha da noite, minha gente – avisou o arrieiro saindo da barraca e chegando até o parapeito do rancho, olha o encosto da tropa. – Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse cincerro. (RAMOS, 2006, p. 15)

Neste fragmento, o narrador trata de fuga de animais da tropa, que o tropeiro procura corrigir demonstrando valentia e prometendo uma surra no macho crioulo para não evadir-se novamente. Como podemos perceber nos trechos destacados, a força, a superação, a audácia, a coragem do homem do sertão são destacados, mesmo em suas atividades rotineiras. Por mais duras que estas fossem, não tinham o poder de desanimá-los.

O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava[...]. (RAMOS, 2006, p. 13).

A compreensão da obra literária – e com as narrativas de Hugo de Carvalho Ramos não é diferente – depende do momento, das características especiais do objeto em estudo, da ideologia que o autor imprime à sua criação.

Cada época, para cada corrente literária e estilo artístico-literário, cada gênero literário no âmbito de uma época e cada corrente têm como características suas concepções específicas de destinatário da obra literária, a sensação especial e a compreensão do seu leitor, ouvinte, público, povo. O estudo histórico das mudanças dessas concepções é uma tarefa interessante e importante. Mas para sua elaboração eficaz, faz-se necessária uma clareza teórica da própria colocação do problema (BAKTHIN, 2003, p. 305).

Essa ideologia se expressa em mentalidades vigentes, remetendo a valores, princípios, preconceitos, organizações sociais nunca contestadas (divisão de classes, poderio por possuir terras, violência, terra sem lei). O mesmo ocorre com *Os Sertões*, em que massacres ocorreram de forma indiscriminada e o poderio simbólico do governo foi ressaltado por meio de uma guerra. Também há em *Os Sertões* a expressão de uma religiosidade fanática, com milhares seguindo as palavras messiânicas de Antônio Conselheiro. Essa autoridade, seja religiosa, seja política, seja simbólica, está em estreita comunhão com ideologias vigentes em que tais fenômenos prosperam. “Apertando a sobrechinha encarnada por sobre os pelegos da sua boa sela mineira, o Benedito dos Dourados enfreou a mula rosilha e espalmado satisfeito a mão no lombilho dos arreios, voltou ao paiol da fazenda, onde a camaradagem se entretinha ferrada no truque.” (RAMOS, 2006, p. 81).

O fragmento acima é a representação em Hugo de Carvalho Ramos do domínio do homem, do poder de mando. Poder que se estabelece de um homem sobre o animal, mas que não difere quando o homem lida com outro homem. Todos esses numerosos elementos encontrados em um conto de ficção ilustram, com poucos espaços para dúvidas, que há uma série de discursos intervenientes na elaboração de textos literários, sobretudo quando a literatura e questão tem uma qualidade inequívoca. Ele pode remeter a questões históricas, a debates políticos, a reflexões sociológicas, a discussões que extrapolam seus próprios limites, metaforizando realidades, amalgamando criação e mundo objetivo, trançando influências que se ligam por laços fortes e surpreendentes.

Trata-se de um fragmento de romance? De uma narrativa histórica? Por que há contradições entre as diversas versões da obra? Qual era sua forma primitiva? Qual é seu autor? Quando e por que foi escrita?... São perguntas que implicam um perpétuo vaivém entre o texto e seu “contexto histórico”. Uma tal abordagem era fundamentalmente atomista; estudavam-se múltiplos detalhes do texto (um termo, uma fórmula de polidez, um erro de grafia, um traço psicológico de uma personagem etc.) que se relacionava ponto por ponto a seu suposto contexto. (MAINGUENEAU, 2006, p. 14)

Em “Gente de Gleba”, outro conto de *Tropas e Boiadas*, o vaqueano e o agregado estão em condições de submissão, obedecendo ordens de seus superiores, não importando a forma de executá-las. O autor coloca em discussão o planejamento familiar quando dá ênfase ao número de filhos da personagem Gertrudes e descreve suas características específicas. Essa descrição dos filhos é clara em informar a situação de extrema pobreza em que vivem.

O vaqueano escorvou o ouvido à peça e correu a apanhar um tição no fogo que fizera entre as pedras da gameleira; mas alguém:
- Rebate falso, é a obrigação de sô Quim.

De fato o agregado, naquele pedrês caolho, barganha infeliz duma lazarina nova, chegara à frente da sua obrigação, a Gertrudes, três meninas rechonchudas e bisonhas, e um par de pequenotes atarracados, d'olho esbugalhado e triste, a barriga a impar sob a correia da cinta – sinal característico de meninada molenga, afeita a roer torrões de barro às escondidas, pelos cantos da palhoça. (RAMOS, 2006, p. 98)

Já os personagens do fazendeiro e do major ocupam uma classe social de porte médio ou, quem sabe, em um padrão relativamente mais alto, diferente do vaqueano e do agregado. O major e o fazendeiro têm o poder nas mãos, participam da tomada de decisões acerca de questões sociais, políticas econômicas.

O fazendeiro tirou as cangalhas que pusera para ler, chupou uma última fumaça à ponta sarrosa do cigarro e fez um gesto vago.
-Deus o abençoe. Não me manda nada o major?
-Trago aqui na patrona as cartas do correio e um maço de jornais. O major manda dizer que rompeu com o partido, à vista das últimas eleições; o resto vem aí relatado na carta. (RAMOS, 2006. p. 99)

Segundo Orlandi, “[...] a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta. Lugar do discurso” (2000, p. 96). A linguagem é a forma que o homem inscreve suas vivências, suas atitudes e deixa seu legado para as próximas gerações e é por meio da escrita, mais propriamente pelo discurso, que se dá como área de invenção. A prática da linguagem se realiza com a fala em situações diversas de envolvimento e interação com o meio e através desse discurso em seus enunciados elaborados por indivíduos que em algumas circunstâncias são ouvintes e em outras são aqueles que falam. “ – Leréia... Sim, lérias, discutia eu no meu íntimo, que nessa época já começava a tirar lições práticas do mundo, e sabia que o cafuzo que ali estava, o busto ainda alto e espigado, onde três sangues da raça se caldeavam apaziguados[...] (RAMOS, 2006, p. 39).

Linguagem é cultura e a cultura é algo fortemente presente nos contos de Hugo de Carvalho Ramos, reforçando que as narrativas do autor goiano se baseiam, em grande medida, em uma mentalidade coletiva, nos *habitus* – na concepção de Bourdieu (2007) – vigentes e disseminados, arraigados nas construções simbólicas elaboradas socialmente. O conto “Mágoa de vaqueiro”, por exemplo, começa retratando um festejo do interior:

Como os galos viessem amiudando e fora andasse a garoa fria de inverno que precede as primeiras horas do amanhecer, o Zeca Menino, largando num tamborete o par com quem dera a última volta da catira, esgueirou-se pelo corredor, atravessou sorrateiramente a varanda de terra batida, onde a mesa posta ostentava ainda os sobejos da ceia – frascos de licor e o doce de buriti esparramando-se na toalha besuntada – e saiu pelos fundos da casa (RAMOS, 2006, p. 19)

Aqui, Hugo de Carvalho Ramos não tem a intenção de fazer um arrazoado sobre danças populares, suas origens antropológicas ou seus desdobramentos sociais. A festa entra na narrativa como uma construção contextual, como um mote para ações do enredo. Ela é inserida, desta forma, como um elemento narrativo, uma ferramenta da criação literária. Isso, porém, não retira do conto a capacidade de nos fazer estar nesse tipo de celebração. Observando a melhor técnica mimética (AUERBACH, 2001), o texto de Hugo nos transporta para aquele evento, nos coloca naquela circunstância. Esse poder representacional da ficção tem laços com a realidade, uma vez que o autor não poderia descrever tão bem determinada situação se não a tivesse vivido ou ao menos conhecido seus ritos. Isso acontece no trecho acima, por exemplo, com a dança da catira. Na acepção de Câmara Cascudo, a catira é uma “dança rural do sul do Brasil, conhecida desde a época colonial, em São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. Duas filas, uma de homens outra de mulheres, uma diante da outra evoluem, ao som de palmas e de bate-pés, guiados pelos violeiros que dirigem o bailado” (CASCUDO apud VICENTINI, 1998, p. 205).

Os contos de *Tropas e Boiadas* estão, assim, encharcados de referências múltiplas, de misturas discursivas criativas e de elementos narrativos que são criados e desenvolvidos por meio de construções complexas e nem sempre facilmente identificáveis. Isso pode ser verificado na categoria que acabamos de analisar, o homem, figura sertaneja que impõe desafios, características ligadas ao seu meio ambiente e às circunstâncias duras em que vive. Esse homem, que podemos vislumbrar num paralelo com o sertanejo da caatinga de Canudos que tanto chamou a atenção de Euclides da Cunha, é um fruto de um Cerrado bravio e de estruturas sociais desiguais. Sua força deixa, assim, de ser um predicado e sim uma necessidade. E para que possamos apreendê-lo, Hugo de Carvalho Ramos utiliza-se de vários caminhos discursivos, apoiando-se em inúmeras influências, fixando-se nos cruzamentos que pôde desenhar para alcançar seu objetivo. Já havia feito isso com a relação de suas personagens com a terra e, como veremos a seguir, também o fará com seus embates, com sua luta para continuar vivendo.

2.3. A LUTA física e psicológica

Nossa terceira e última categoria de análise para os contos de *Tropas e Boiadas* é a luta, registrada na derradeira parte de *Os Sertões*. “Quando se tornou urgente pacificar o sertão de Canudos, o governo da Bahia estava de braços com outras insurreições” (CUNHA, 1998, p. 199). Lutar tornou-se necessário diante daquele contexto que mostrava a miséria humana, fome,

violência e peste. E pensar que tudo começou por um motivo considerado banal, quando Antônio Conselheiro reivindicava um estoque de madeira não entregue. É claro, porém, que o motivo era, na verdade, um gatilho, uma fagulha em um ambiente incendiário. “As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos”. (CUNHA, 1998, p. 30). Tensões represadas que resultam em atos desatinados, em revoltas incontroláveis, em acertos de contas há muito pendentes. Os sertões, baiano e goiano, do final do século XIX e início do XX eram regidos por leis não escritas, mas que frequentemente faziam valer sua força. Uma luta constante contra toda sorte de adversidades, de perigos, de ressentimentos. Hugo de Carvalho Ramos soube traduzir essa atmosfera, levando-a para a sua literatura, fazendo-a participar de suas narrativas, elegendo-a como uma das molas propulsoras das intrigas. Isso se dava, sobretudo, e frequentemente de forma alegórica, com os desafios do homem em sua terra e que exigiam lutas constantes. Isso fica patente em vários contos do autor goiano, como na narrativa “Caçando Perdizes”:

Àquela hora, já declinava o sol para o lado da Barra. O compadre Guilherme viera da cidade caçar naquelas bandas. Como tivesse o animal aparelhado no telheiro, mal apanhou a caçadeira, já o Belém, a um silvo amigável, dera duas corridas pelo terreiro, e batia-lhe as perneiras com a cauda jovial. (RAMOS, 2006, p 42)

No fragmento acima o autor faz a descrição do ambiente natural da região chamada Barra, enfatizando a beleza do sol e ao mesmo tempo mostrando a atitude de caçar traduzida pelo desejo de morte. Essa intenção coloca em confronto a sobrevivência e a finitude, morte premeditada pelo homem contra o animal/fauna. Uma luta onde é possível existir apenas um vencedor, soberano e dono dos despojos do inimigo. Percebe-se o embate constante a favor ou contra a atitude de viver, em que os dois lados dependem um do outro para dar prosseguimento a uma lógica cheia de armadilhas, de reviravoltas, de vitórias e derrotas. O dueto vida e morte provoca inúmeros questionamentos no espírito do sertanejo, que sempre se encontra em zona de risco devido às necessidades e aos perigos que enfrenta no dia a dia e isso é bastante enfatizado nas narrativas de *Tropas e Boiadas*. A atitude de caçar também remete a uma eterna procura de algo ou alguém contra que se bater, inimigo necessário para testar habilidades, para consagrações sociais, para extirpação de medos secretos e ancestrais Essa ação traz à tona pensamentos e atitudes muito primitivas em que os homens tinham que caçar para poder ter seu alimento diário, simbolizando um atraso social e econômico, uma mentalidade que não se coloca em outra posição senão esta, a de guarda constante, a de atenção redobrada, a de caça ou caçador. Trata-se de uma interação intensa com o meio ambiente, com o solo que divide com

seus oponentes diretos, disputando espaço e direito de viver. Uma interação com outros homens e com a terra por meio da luta.

Hugo dedicava uma atenção especial à vegetação do entorno de suas tramas, trazendo também para os enredos os animais. Dessa forma, criava uma conexão inextricável entre o indivíduo humano e seus bichos, muitos deles companheiros de desditas ou atores de episódios cruciais para os enredos, sendo ambos (animais e homens) dependentes da natureza. Dela, todos os seres vivos tiravam seu sustento e justamente por isso esse meio ambiente, inóspito em alto grau, igualava a todos, humanizando os bichos e animalizando os sujeitos. No conto “Ninho de Periquitos”, esse entrelaçamento, essa espécie de confusão de papéis, é destacada, repassando mensagens que não estão tão aparentes. No texto, o homem e a cobra queriam marcar seu espaço na natureza e em determinado momento eles entram em choque direto, quando um invade o habitat do outro. Essa atitude gera uma consequência dramática.

O réptil, mostrando a língua bífida, chispando as pupilas em cólera, a fitá-lo ameaçador, preparava-se para novo ataque ao importuno que viera arrancá-lo da sesta; e o caboclo, voltando a si do estupor, num gesto instintivo, sacou da bainha o largo jacaré inseparável, amputando-lhe a cabeça dum golpe certo.
(RAMOS, 2006, p. 60)

A animalização ou antropomorfismo da figura do homem é empreendida quando o escritor coloca, em pé de igualdade, o sertanejo que tenta sobreviver e o bicho que lhe auxilia ou que lhe oferece risco. Isso não quer dizer que haja um rebaixamento do ser humano nos contos de Hugo de Carvalho Ramos e sim uma valorização dos animais e, sobretudo, o reconhecimento por parte do escritor que no imaginário sertanejo há uma interação entre as espécies muito mais orgânica do que podemos suspeitar. Esse encontro diário do homem com a natureza demonstra como é difícil administrar todo o processo físico e psicológico que deriva do prosaico ato de viver. No conto supracitado, essa jornada desafiadora – que pode ser individual ou socialmente compartilhada – é representada na caça de perdizes.

Por meio dessas alegorias, dessas metáforas disfarçadas de meras descrições de ações em maiores consequências, Hugo de Carvalho Ramos, reincidentemente, aborda em seus contos o desequilíbrio psicológico de seus personagens. O cachorro Belém, animal pertencente ao protagonista Vicente e que é emprestado ao seu compadre Guilherme para uma caçada eventual, está sempre disposto a servir a quem o manda. Atitude não rara de ser encontrada também entre os homens do sertão, cujas vidas estavam sempre à mercê de patrões que os tratam como gado, como mais um bem sobre o qual podem dispor como desejarem. É o cachorro que representa uma sociedade mantida em cabresto, cumprindo funções e tarefas sem contestar, mesmo que

aquilo possa significar riscos graves e eminentes. O final trágico do cão é muitas vezes o desfecho melancólico de muitos homens no sertão. Uma denúncia que Hugo deixa como legado em sua criação literária, provando que diversas lutas, mesmo que as pessoas em situação de submissão não as tenham escolhido para travar, fazem suas baixas, eliminam os participantes. Isso acontece mesmo quando a vítima não é a caça, mas a caçadora. E seus donos tentam encontrar justificativas para os abusos, para quando tudo dá errado. “Com certeza ficou na chapada, prendeu lá o cachorro e foi armar a sua espera de veado no caminho da Barra, explicou à mulher”. (RAMOS, 2006, p. 42)

O autor registrou a caçada das aves como um ritual que, em determinados locais e épocas, era primordial para alimentação do homem, sem que isso deixasse de significar a luta pela sobrevivência. Sobreviventes que só podem existir de um lado da contenda.” De fato, ali pela volta das onze, levantada e descambando a lua, chega o Guilherme. Trazia a garupa uma enfiada de perdizes, não o acompanhava, porém, o cachorro.” (RAMOS, 2006, p. 42). A natureza, assim, fornece sustento, mas é preciso lutar por ele, consegui-lo à força, exigir que o meio ambiente lhe alimente e evitar que o extermine. Luta que muitas vezes não depende do homem ou do animal, mas sim das circunstâncias em que a vida é apresentada ou dos seus contextos, nunca repetíveis. O cachorro Belém jamais havia sido presa, sempre era o predador. Por isso a incredulidade de seu dono quando o pior acontece e o vitorioso de antes torna-se um derrotado. “Espera que ele há de aparecer, bicho de faro como aquele não toma sumiço assim, compadre.” (RAMOS, 2006, p. 42)

O animal de estimação, porém, não aparece de imediato e precisa ser encontrado. No sertão de Hugo de Carvalho Ramos, isso significa procurar nos piores lugares e se deparar com as cenas mais cruéis. “Depois do almoço, tornou ao lugar. Mediu-a de ponta a ponta, contando quarenta e oito palmos, nem mais nem menos. Um grande nó no ventre desde logo lhe atraía o olhar. Meteu-lhe o fação, abriu de extremo a barriga: dentro, todo inteiro, enrodilhado e gosmento, jazia o cão.” (RAMOS, 2006, p. 44). Em “Caçando Perdizes”, um ente mais fraco, as aves, são trucidadas pelo mais forte, o homem. Um homem que tem como companheiro, como se outro homem fosse, um cachorro. E é justamente esse cachorro, tão lépido, astuto e feroz com suas presas, é predado por um outro ente ainda mais forte, uma gigantesca sucuri com cerca de 10 metros de comprimento, os “quarenta e oito palmos” da medida sertaneja. O mais fraco sucumbiu, perdeu a luta.

Nas narrativas “Caçando Perdizes” e “Ninho de Periquitos”, o autor representa atitudes do homem que demonstram coragem, valentia e também melancolia em relação às ações

praticadas para garantir sua sobrevivência e dos seus, a duras penas, pagando altos preços, seja em perdas inestimáveis, seja engolindo desaforos de quem manda mais, seja abdicando de sonhos e desejos que não pode realizar. Nas duas narrativas, os animais mais frágeis (periquitos e perdizes) não conseguem preservar a própria vida em razão das circunstâncias criadas pelo homem. Esse homem que também é predador de outros homens e da terra; esse homem em luta constante contra muitos e, em várias oportunidades, contra si mesmo. Nas duas narrativas, esse mesmo poderoso senhor do mundo é surpreendido pelos ensinamentos duros da natureza. As cobras, que miticamente já fizeram a humanidade perder o Paraíso, retornam para causar mais danos e ausências. Um homem perde o braço, o outro perde o cão companheiro de caçada. Amputados ficam ambos, que se vingam da cascavel e da sucuri, mas não sem antes terem gravadas no corpo e na alma as cicatrizes de um embate de vida e morte.

Já na narrativa “O Poldro Picaço”, o autor pontua e representa que o animal necessitava de ser domado. É uma circunstância em que a luta se dá em outro registro, agora simbólico e contra um inimigo ainda mais poderoso, que é a opressão. Novamente, Hugo de Carvalho Ramos se utiliza de um animal para representar um estado de coisas, colocando o sertanejo explorado nos dois papéis antagônicos: o de submisso e o de carrasco. Ele se desdobra em duas personalidades conflitantes, mas que são perfeitas para representar essa dicotomia constante em que o sujeito do sertão sobrevive. Ele precisa ser o escravo e o carrasco, não raramente simultaneamente, para conseguir lidar com as exigências que lhe são feitas, para que não seja expulso de uma estrutura social rígida e inclemente. É, em resumo, uma luta infundável e ininterrupta para atender os desejos e anseios humanos. O poldro é essa figura, resistente, que tenta manter certa dignidade, perigoso quando acuado, mas que terá de se acostumar às normas se não quiser ser descartado. “Ó Antônio, olha que a Guiomar se engraçou do picaço; vamos ver se mo pões manso como sendeiro velho, para o silhão da menina. O patrão mandando, hoje mesmo tiro as tretas do bicho. E o que quero ver.” (Ramos, 2006, p. 53 e 54)

Esse mesmo animal será o aliado e o desafiante. Na luta que se estabelece em tal relação de medo e domínio, a lei do mais forte impera. Hugo de Carvalho Ramos enfatiza, sempre que pode, a luta do sertanejo, do boiadeiro, do vaqueiro contra o animal e a natureza. “Quando ia a trepar, chilenas bem arrochadas no calcanhar e perneiras com guarda-peito para livrar das garrancheiras e espinhedo por onde o acaso levasse, senti, vez primeira no arriscado ofício, um estremeção desagradável pelo fio das costas e o coração bacorejando” (RAMOS, 2006, p. 55). Os arrepios, o sentimento de medo no momento de montar o poldro demonstram insegurança mesmo com as esporas apertadas e os outros materiais que deixassem o domador sertanejo livre

dos espinhos e garranchos do percurso, os obstáculos que a terra poderia impor no caminho. O homem avaliou o trabalho de doma que ia fazer arriscado diante daquela situação, apresentada em um contexto cheio de expectativas dos parceiros e interessados.

Que bicho, meu menino! Sete vezes fui ao céu e sete desci às profundas dos infernos. Mas aguentei firme. Cabrilou aos pinotes, no estradão; andou de banda, por instantes, arreliado, procurando morder; atirou dous pares de couces para o ar, e como se fosse só então principiar, disparou noutro arremesso. (RAMOS, 2006, p. 55)

Em consequência do ofício exercido, o domador sente medo, pavor e invoca o céu e o inferno ao mesmo tempo em sua proteção, pois o animal pula, quer morder, dá coices para ficar livre de toda a situação de embate contra o homem. Os coices, as mordidas e os pulos são os mecanismos de defesa do animal. Mesmo estando preso na mão do homem, sente sede de liberdade. Cada ser luta com as armas que possuem e isso depende de quem luta e contra quem luta. No caso dos personagens dos contos de Hugo de Carvalho Ramos, os ermos goianos, com seus segredos e seus perigos, oferecem refúgio e risco, recompensa e dor, sustos e tranquilidade. Mas a luta é incessante. No conto “O Poldro Picaço”, Hugo de Carvalho Ramos demonstra que essa luta é variável, ora sendo contra o animal, ora sendo contra a terra, ora sendo contra o semelhante. A terra quase selvagem de um sertão quase intocável e os obstáculos que ele semeia no itinerário de vida cada um que ali se instala se completam e justificam mentalidades menos flexíveis, posturas mais imperativas, atos mais temerários. Cada elemento complementando o outro e, juntos, formando um todo. Um todo feito por inúmeras lutas. Embates que se manifestam nas descrições de cenários sertanejos nem sempre convidativos, quase nunca aprazível para quem vem de fora.

Em *Os Sertões*, fica evidente que a vegetação cheia de espinhos e rude da caatinga foi elemento participante na luta a favor do homem nordestino na Guerra de Canudos. Nela, ele se sentia protegido naquele sertão, por ter muito conhecimento do lugar, de suas armadilhas e esconderijos. Os espinheiros, os cipós da plantação não os assustavam e sim camuflava-os durante combates e emboscadas. O forasteiro não contava com a mesma perícia, não podendo contar com o amparo em relação à caatinga, pois não sabia lidar com as dificuldades daquela terra cheia de obstáculos. Para o nordestino, os arbustos fechados que machucavam quem neles enveredasse foram aliados na luta, dificultando a estratégia das tropas inimigas, para quem as peculiaridades da região compunham um ambiente estranho e inclemente.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem.

Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias para o matuto que ali nasceu e cresceu.
E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível...
As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.
Ao avistá-las, no verão, uma coluna em marcha não se surpreende. Segue pelos caminhos em torcicolos, aforradamente. E os soldados, devassando com as vistas o matagal sem folhas, nem pensam no inimigo. (1998, p. 217)

Os Sertões mostra que a campanha de Canudos foi dividida em várias expedições. Em cada uma delas, homens do Exército e sertanejos, muitos deles jagunços, se enfrentavam em escaramuças violentas e sangrentas. A primeira expedição, composta por cem homens das Forças Armadas, foi dizimada. A segunda expedição foi comandada pelo Major Febrônio de Brito, que esteve à frente de quinhentos militares que foram enganados pelos jagunços por artifícios, muitos deles fornecidos pelo meio ambiente. Nova derrota para as tropas oficiais. O contingente inicial foi dizimado, com as baixas chegando a 80% dos soldados, obrigando a novo recuo do governo. A terceira expedição contou com o coronel Moreira César, um herói da Guerra do Paraguai e um dos comandantes militares de maior prestígio no Brasil à época. Ele liderou mil e trezentos homens, muitos bem armados, mas mesmo assim os jagunços saíram vitoriosos. No combate, Moreira César acabou morto, assim como vários outros oficiais de alta patente, o que enfureceu o governo do ditador Floriano Peixoto, que decidiu esmagar a insurreição de uma vez por todas. A quarta e última expedição, a cargo dos generais Artur Oscar, João da Silva Barbosa e Cláudio Savaget, levou cinco mil homens para o interior da Bahia, na maior movimentação militar em solo brasileiro já realizada até então. Além disso, peças de artilharia, como possantes canhões, foram deslocadas para a região e participaram do cerco aos revoltosos, bombardeando inclementemente o Arraial de Canudos. Enfim, as tropas conseguiram invadir o lugar, promovendo um verdadeiro genocídio contra os inimigos. Antônio Conselheiro morreu dias antes da invasão, de difteria e subnutrição.

A miséria prosperava naquela região, provocada, em grande parte, pela falta de produtividade dos grandes fazendeiros, latifundiários que exerciam um poder de mando elevado sobre a população local, em especial a mais pobre. Essa situação ficava cada vez mais complicada pela falta de emprego, pelas secas periódicas, pela fome, altas taxas de mortalidade infantil por doenças diversas e pela desnutrição. Nesse cenário de desespero, promessas religiosas tinham terreno fértil para surgir e se espalhar, aproveitando-se da vaga e constante esperança de que pudessem preservar a vida daqueles sertanejos mergulhados na mais completa miséria.

Além disso, era um povo esquecido pelo restante do País e pelo poder central, abandonado à própria sorte, sem qualquer tipo de assistência, sobrevivendo em uma terra sem

lei, sem ordem e sem condições de fornecer produtos básicos. “É moderna em Euclides a ânsia de ir além dos esquemas e desvendar o mistério da terra e homem brasileiro com as armas todas da ciência e da sensibilidade”. (BOSI, 2006, p. 308). Essa aventura do escritor pelos intestinos do sertão baiano é também uma incursão por um Brasil desconhecido, que não mantinha relações com os grandes centros urbanos, que mal sabia o que acontecia, por exemplo, no Rio de Janeiro, então capital federal. Conselheiro, em seu messianismo, apontava a República como uma espécie de demônio, fazendo previsões apocalípticas que envolviam figuras do anti-Cristo e superstições locais. “Ao anoitecer, acesas as fogueiras, a multidão, genuflexa, prolongava além do tempo consagrado, as rezas, dentro da latada” (CUNHA, 1998, p. 270)

O poderio do discurso de cunho religioso é um dos pontos de destaque na narrativa de *Os Sertões*. “Antônio Conselheiro aparecia. Quedava longo tempo, imóvel e mudo, ante a multidão silenciosa e queda. Erguia lentamente a face macilenta, de súbito iluminada por olhar fulgurante e fixo. E pregava”. (CUNHA, 1998 p. 270). O escritor, que foi ao palco das ações como repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*, também não possuía elementos suficientes para fazer julgamentos a respeito das pessoas que vinha conhecendo naquela cobertura. Em vários momentos, ele se esquece de suas convicções pseudo-científicas e se rende às qualidades dos habitantes do sertão.

Por sua vez, Hugo de Carvalho Ramos, na composição de suas narrativas, empenha-se na construção da identidade do homem sertanejo em suas práticas sociais. Essas práticas sociais pertencem a grupos determinados, representam seus modos de vida, as maneiras pelas quais encaram o mundo a partir do sertão, onde há menos informações, onde o diálogo com outros lugares é mais complicado e raro. Isso não deixa de ser uma espécie de regionalismo, afinal, é esse lugar específico, essa terra natal que dita comportamentos, que aciona as intrigas, que compõe o perfil dos personagens. Eles são como são porque vivem naquele espaço, porque compartilham daqueles valores aprendidos ali, porque se enraízam na terra onde nasceram e que, muitas vezes, é a única que conhecem. Se a caracterização das criaturas da ficção observa esses contornos, digamos, “regionais”, seus conflitos, entretanto, são universais, comuns a todos que amam, que odeiam, que choram, que se decepcionam, que se alegram. Os sentimentos são apreendidos de modos distintos, de acordo com os contextos em que as intrigas e outros elementos narrativos fornecem, mas o que está em jogo, acima de tudo, é essa humanidade, que se pronuncia de maneiras diferentes. Toda essa turbulência vivida é uma luta constante enfrentada nos aspectos físicos, sociais e emocionais dos personagens.

No romance de Euclides da Cunha, o meio ambiente também era disputado pelo homem em sua batalha cotidiana. A natureza devolve ao homem aquilo que ele planta. Cunha pontua que: “De sorte que sem precisarem despertar pela cultura as energias de um solo em que não se fixam e atravessam na faina desnorteada de faiscadores, conservaram na ociosidade turbulenta a índole aventureira dos avós, antigos fazedores de desertos”.[...] (CUNHA, 1998, p. 200). O homem sertanejo travava uma batalha diária, pela sobrevivência física. Ele não media esforços para adquirir aquilo que necessitava da natureza, mesmo que isso o colocasse em situações difíceis.

A luta pela vida que nas florestas se traduz como uma tendência irreprimível para a luz, desatando-se os arbustos em cipós, elásticos, distensos, fugindo ao afogado das sombras e alteando-se presos mais aos raios do Sol do que aos troncos seculares – ali, de todo oposta, é mais obscura, é mais original, é mais comovedora. O Sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o pressente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo. Mas como este, por seu turno, é áspero e duro, exsicado pelas drenagens dos pendores ou esterilizado pela sucção dos estratos completando as insolações, entre dous meios desfavoráveis – espaços candentes e terrenos agros – as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha surda. (CUNHA, 1998, p. 50 a 51)

Já em Hugo de Carvalho Ramos, há uma semelhança, ainda que em outro registro, dessa mesma força e disposição para encarar corajosamente as agruras que o meio ambiente – e mesmo a vida – interpõem no caminho. “O caipira pousou a braçada de lenha à cerca do roçado; passou a perna por cima, e pulando do outro lado, alpercatas de couro cru a pisar forte o espinharal ressequido que estralejava, entranhou-se grotão [...]” (RAMOS, 2006, p. 60). No conto *Ninho de periQUITOS*, narrador escreve: “O roceiro andou lá pelos fundos da roça, a colher uns pepinos temporões; foi ao paiol de palha d’arroz, mais uma vez avaliando com a vista se possuía capacidade precisa para a rica colheita do ano” [...] (RAMOS, 2006, p. 60). Na narrativa é mostrada a relação estreita e inquebrantável da personagem com a roça de onde extrai a sobrevivência, descrevendo a averiguação que faz na dispensa para checar se ela tem espaço para acomodar o que vai colher no corrente ano.

Domingos, o caipira, enfrenta os obstáculos que encontra pela frente, plantando, colhendo, retirando lenha, buscando no meio natural o presente que pode oferecer ao seu filho e, para tanto, correndo todos os riscos inerentes a um lugar ainda bravio, ainda selvagem em diversos aspectos. “O lavrador alçou com cautela a destra calosa, rebuscando lá por dentro os dois borrachos. Mas tirou-a num repente, surpreendido. É que uma picadela incisiva, dolorosa, rasgara-lhe por dois pontos, vivamente, a palma da mão”. (RAMOS, 2006, p. 60). E num

repente, tudo o que parecia estar sob controle, se desmancha, transforma-se num pesadelo, em dor e perigo. É provado a Domingos mais uma vez, e de forma radical, que ele é apenas mais um elemento da natureza e não senhor absoluto dela. É a submissão do homem à terra em que nasceu e que também se constitui no palco de seus combates pessoais. Mesmo sendo conhecedor do lugar, é traído pela mãe por suas armadilhas, é pego em uma luta que não esperava e para a qual se sente, num primeiro instante, despreparado. A cobra, sua oponente daquele momento, mudará sua vida, o fará a fazer uma escolha ingrata, a se colocar de outro modo, a partir daquele momento, diante de uma terra exigente. Sem uma mão, ele agora terá que estabelecer uma nova relação, um novo lugar de combate diário se quiser continuar a persistir, se desejar permanecer vivo.

Nas duas obras percebe-se a luta constante pelo direito de viver, a disputa pela sobrevivência, que cada escritor representa e descreve a seu modo, de acordo com seu estilo e suas vivências, identificando-se em maior ou menor grau, compreendendo em extensões diferentes os cenários, as pessoas e as lutas que abordam. A natureza cuida, mas também em algumas circunstâncias pode representar perigo. O conto “Mágoa de vaqueiro” representa indícios de uma cultura de fuga, de tristeza profunda e morte. É também uma luta, ainda que em caráter privado, mas ainda assim um embate. Uma peleja que envolve preconceitos, medos, desgostos e que, por fim, deixa vítimas fatais.

Continuava recostado no cômodo dos cupins, mão no queixo, olhando extático; somente, agora, a cabeça bronzeada pendia mais flacidamente sobre o peito de vaqueiro, e o olhar com que via, era inexpressivo e desvidrado, desmedidamente aberto, estampando na retina empanada a visão pungente do sertão em festa, todo verde, e a orelha à escuta, longe, das notas derradeiras da canção nativa. Morrera, ouvindo os ecos que lá iam do aboiado, a rolar, magoadamente, de quebrada em quebrada... (RAMOS, 2006, p. 23)

Trabalhando com tais registros estéticos, em que a criação literária se comunica incessantemente com contextos, arquivos, discursos intervenientes, não exatamente apropriando-se deles mais os ressignificando-os e articulando-os em prol de um projeto estético-literário, Hugo de Carvalho Ramos promove intersecções, provocando dilemas, perguntas, inquietações. Quando tratamos de debates entre discursos de naturezas diferentes, é sempre prudente estabelecer algumas prevenções. Não se trata de encontrar similitudes e sim diálogos, o que é bem diferente. Estabelecer pontes não quer dizer criar, a fórceps, características iguais. As diferenças também habitam as associações e as semelhanças não têm a obrigação de ser analogias perfeitas.

Dentro da experiência fictícia, o irreal e o passado se equivalem. Essa equivalência rege o pacto ficcional entre autor e leitor. Ler um conto, uma novela ou um romance, inclui a ‘crença de que os acontecimentos reportados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz’. Por conseguinte, o passado afiança a crença que garante a leitura da ficção como ficção. [...] a realidade sui generis da ficção e o alcance redescritivo da experiência fictícia do tempo” (NUNES, 2013, p. 24).

É por meio dos textos literários que acontece a proporção da ficção, do irreal e do passado. É por intermédio da leitura de um conto, por exemplo, que o leitor acredita que a voz do narrador reporta ao passado, que dá certeza da leitura da ficção como ficção. O real é único meio para a criação do simulacro e a forma para atingir a redescrição da experiência imaginária do tempo. Em inúmeros pontos de estruturação das narrativas breves de Hugo de Carvalho Ramos, em que se observa o destaque de temas como preconceito de classes sociais e pobreza, essa redescrição da experiência pode ser percebida.

O poder de sugestão e evocação do texto literário depende da capacidade de o escritor escolher as palavras capazes de “desenhar”, para seus leitores, uma série de imagens. Por meio do reconhecimento e da reelaboração dessas imagens o leitor constrói na sua imaginação uma representação dos mundos ficcionais apresentados no texto (ABAURRE, 2008, p. 22).

Observa-se que região não é vista somente com ênfase no aspecto geográfico, mas é visto sob a ótica das relações humanas e sociais em outros componentes curriculares que foca nas questões ideológicas e culturais. Bourdieu pontua que:

[...] a região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver como espaço aspiram ao monopólio de definição legítima da definição, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe política ‘regionalização’ e movimentos ‘regionalistas’, economistas e sociólogos. (1989, p. 118)

A regionalidade se sinaliza pelo universo histórico e geográfico, pelos costumes de cada região, nas práticas sociais que produzimos nossas relações culturais, dependendo do enfoque da observação em cada grupo. Na visão de Santos (2006), a cultura apresenta duas acepções consideradas básicas para entendermos o processo de avanço cultural de cada indivíduo ou grupo social: “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo.” (p. 23). Percebe-se que a construção literária permite a interconexão do real com o imaginário nos colocando a refletir a respeito dos elementos que compõem as narrativas, que podem ser pautados nas questões ligadas ao conhecimento na área política, social, psicológica e também religiosa. Isso fica evidente tanto em *Tropas e Boiadas*, quanto em *Os Sertões*.

Seria possível realizar mais um sem número de abordagens desta natureza com os contos de *Tropas e Boiadas*. Nosso objetivo, porém, não passa pela pretensão – inalcançável, ressalte-se – de esgotar o tema. O trabalho se configura como uma contribuição para que novos olhares possam ser lançados sobre esta obra de tanta riqueza e variedade discursiva. O cotejamento com *Os Sertões* se deveu muito mais a critérios metodológicos que de valoração de qualidade estético-literária, o que nos desobriga a comentários nesse sentido. As tropas e as boiadas de Hugo de Carvalho Ramos, pelos caminhos do sertão goiano, espalham-se, guiados por sertanejos que compõem um imaginário específico de homens moldados em uma terra bravia, participantes de lutas incessantes pela sobrevivência.

Identificamos que não se esgotam as diversas possibilidades de análises da obra do escritor Hugo de Carvalho Ramos, pois seus contos pertencem ao rol do inacabamento, como já ressaltamos anteriormente. Percebemos nos contos o atravessamento de discursos pertinentes a inúmeras áreas do conhecimento, presença do interdiscurso ou até mesmo do multidiscurso. Com a análise dos contos de *Tropas e Boiadas* não ficou dúvida da importância do livro para nossa literatura, pois a mesma promove diálogos úteis para o direcionamento de uma visão de determinada sociedade.

Para o desenvolvimento da análise, seguimos a ordem de estrutura do livro, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: Terra, Homem e Luta. No corpus de *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, constata-se a mesclagem das categorias selecionadas, ora a terra recepcionando o homem, ora o homem cuidando da terra para produção e colheita de alimentos, ora o homem enfrentando os desafios que o colocam em constante luta física ou psicológica com foco em sobreviver a mais um obstáculo/desafio encenado pela vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade com a obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, demandou opções acerca de conceitos para serem trabalhados para uma análise pormenorizada com objetivo de constatar o diálogo entre a literatura do autor goiano e várias ordens de discursos, como o histórico. O único livro de Hugo de Carvalho Ramos, objeto de análise da presente dissertação, proporciona um movimento polifônico e polissêmico de sua prosa com o um ponto nodal para nossas discussões. Por meio do método de Análise do Discurso utilizado e ancorado nos conceitos de formação discursiva, interdiscurso e heterogeneidade, identificando o encontro das diversas influências que permeiam a obra.

A exploração detalhada nesta dissertação propiciou o reconhecimento da relação entre o real e ficcional na obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, ancorada na divisão temática do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, Homem, Terra e Luta. Por meio dos contos de *Tropas e Boiadas* vem à baila as denúncias não só da região de Goiás, de um País praticamente invisível para a tomada de decisões por parte de uma sociedade omissa e descuidada com as dificuldades que assolava seu povo. A realidade e a ficção postas em questão no livro nos fizeram perceber que as temáticas sociais, políticas, econômicas e religiosas permeiam a formação discursiva do escritor, que mostrou as várias faces de Goiás e do Brasil existentes e que muitas vezes são ignoradas pelos nossos governantes, causando muito sofrimentos a todos. Os personagens deste cenário não são representantes individuais, mas sim coletivos, de um contexto recheado de situações complexas as quais o autor dedicou-se a representar.

A construção do texto ficcional nos proporciona variadas produções de sentido. Por meio da literatura, podemos abordar nossa cultura individual e coletiva. Na obra de Hugo de Carvalho Ramos foram representadas as situações de conquistas e perdas, com ênfase em arquétipos: vaqueiros, tropeiros, boiadeiros, a moça da roça. Nessa construção literária, o autor não representou somente as questões-problemas de Goiás, pois sua literatura é de âmbito universal. Com isso em perspectiva, procedemos a investigação de acordo com as categorias de análises – Homem, Terra e Luta – e identificamos inúmeras denúncias em relação aos campos políticos, sociais, econômicos nas categorias trabalhadas na obra e analisada na dissertação.

As discussões direcionam para o detalhamento das mazelas vividas pelo sertanejo, marginalizado, em zona de risco e muitas vezes esquecidos pelos que comandam e têm o poder

nas mãos. Pelo empenho em entender melhor o discurso literário construído na obra de Hugo de Carvalho Ramos por meio de interpretações, buscando a identificação do encontro de discursos históricos e literários, ditos e não ditos nos contos em questão, problematizamos a obra do autor. Colocamos em verificação essas construções discursivas da obra para atingirmos a proposta em pauta. O discurso elaborado na criação literária de Hugo de Carvalho Ramos mostrou a atribulação, o medo, as incertezas de um universo específico. Voltarmos nossos olhos analíticos para a obra literária do autor goiano foi um viés selecionado, não para um entendimento da realidade por meio da ficção, e sim para a compreensão das conexões possíveis entre dois registros discursivos distintos, mas que eventualmente possam ser convergentes, quais sejam, os encontros de discursos literário e histórico.

Em resposta à questão-problema que impulsionou a pesquisa entende-se que o contexto de produção da obra revela muitas interações quando se toma os discursos existentes nos contos de Hugo de Carvalho Ramos. Seu único volume de contos revelou suas andanças e vivências pelo Estado, de uma terra sem lei, com inúmeras riquezas ainda por conquistar. Em sua criação literária, o autor deixou seu legado, recheado de alusões a diversos campos de conhecimento, com arte e beleza para expor seus sentimentos alegres ou tristes. Ressalte-se o sentimento de tristeza que permeia várias narrativas do escritor. Em “Mágoa de Vaqueiro” é perceptível a representação do sentimento de tristeza do pai com a fuga da filha do protagonista com a personagem Zeca Menino com a intenção de oportunizar a vivência de um grande amor, sem limites nem mesmo a família foi considerada limite para tal atitude. O pai não conseguiu entender e administrar a ação de fuga de sua filha amada e acabou morrendo encostado em cupinzeiro.

A elaboração da grade interpretativa permitiu um viés específico para melhor compreendermos que os contos dialogam entre si e que estão pautados nos conceitos de interdiscursividade, interdisciplinaridade e heterogeneidade. Esse dialogismo está presente na obra e isso pode ser analisado e identificado. A obra literária está sujeita a novas interpretações dependendo de quem as recebem. Através da multidiscursividade construída pelo autor Hugo de Carvalho Ramos, percebemos o foco nas questões sociais, políticas e econômicas que fizeram parte do desenvolvimento das narrativas, mostrando a cultura e a identidade coletiva do homem sertanejo. A terra delineada pelo autor goiano, focada em um sertão cheio de riquezas para serem conquistadas, é tomada como um dos leitmotivs das narrativas, retratando a rotina do homem sertanejo em sua lida diária. Ele nos coloca em contato com a cultura de um povo, de uma determinada época, participando de situações em que muitas vezes era negando o direito

de viver. As condições vividas pelo homem do sertão eram precárias, não oferecendo suporte para uma existência digna, enfrentando dificuldades em relação ao transporte, trabalhando para sobreviver em meio a preconceitos, medos, doenças e submissões.

No conto “Pelo Caiapó Velho”, o medo e a doença foram temas enfatizados pelo escritor, pois existia receio de enfrentar uma doença que deixava os pacientes mutilados, sequelas que os retiravam do convívio social devido à aparência deixada por essa enfermidade. Nessa narrativa, fica nítida a luta física e psicológica travada diante de tanto sofrimento e preconceito vindos de um meio social impiedoso. Os homens sertanejos, pelas condições que viviam, eram obrigados a obedecer a quem tinha os poderes de mando sem fazer nenhum questionamento sobre tal submissão. No conto “Nostalgias”, Hugo de Carvalho Ramos demonstrou o amor pela sua terra e também muita tristeza quando estava distante dela. O dueto amor/tristeza foi suporte na construção do conto, um dos pontos-chave da obra *Tropas e Boiadas*. A melancolia foi representada na elaboração da narrativa, sobretudo quando é questionado se determinado nome está escrito no pé de jenipapo. O lugar social de fala ganha espaço na narrativa, pois era uma terra que causava saudade, reminiscências de tempos passados que estão na memória do autor.

A terra tão amada do escritor acolhe o homem sertanejo, o boiadeiro, o tropeiro, o forasteiro, mas nem sempre a relação pode ser considerada amistosa. A relação do homem com a natureza depende das atitudes tomadas diante de cada circunstância. O autor nos mostrou essa relação em “Ninho de Periquitos”, quando o personagem Domingos vai buscar o presente de aniversário para seu filho e acaba invadindo um ninho de periquitos. Nele, há uma recepção não muito agradável, sendo alvo de uma picada de cobra. A natureza, ao mesmo tempo que dá o sustento, o presente do filho ao homem, coloca-o em situações de risco, cobrando aquilo que lhe oferece para sobreviver. Basta o homem sertanejo vacilar que pode ter que pagar com a própria vida. No caso do personagem Domingos em “Ninho de Periquitos”, teve que praticar a mutilação contra seu corpo para não morrer com o veneno da serpente.

No conto “Ninho de Periquitos”, a valentia, a fortaleza do sertanejo foram colocadas em pauta, mesmo em situações em que havia risco de morte, precisando ser muito forte para o enfrentamento dos obstáculos. Isso ficou claro quando Domingos tomou a decisão cortar a cabeça da cobra e decepar sua própria mão, mostrando sua força contra aquela dificuldade ali colocada. Nas narrativas “Mágoa de Vaqueiro” e “Ninho de Periquitos” foi pontuado, de forma implícita e explícita, o desequilíbrio psicológico do homem que se debate a todo momento com situações de enfrentamento. A fuga e a morte são questões presentes com as quais os personagens construídos por Hugo de Carvalho Ramos se defrontaram no decorrer de sua

vivência. A luta enfrentada pelo homem sertanejo a favor ou contra a natureza é constante na vida diária, que tem suas representações nos arquétipos do boiadeiro, vaqueiro e tropeiro. O boiadeiro, em suas viagens pelo sertão afora, travava diversos embates para conseguir sobreviver, por não conhecer o lugar e seus mistérios.

A chuva, o sol, a fome traziam o medo para a vida do boiadeiro em suas andanças no exercício de sua profissão. Para conseguir vencer o embate físico ou psicológico, o homem do sertão busca força no fundo da alma, ancorado em suas crenças, valores religiosos e costumes, correndo, mesmo assim, o risco de fracassar em seu labor. O embate do homem contra si mesmo, seus semelhantes e os animais com os quais compartilham espaços ganham força a todo momento, pois a falta de controle e autocontrole dos personagens construídos pelo autor em seus contos demonstra tais mazelas todo o tempo. Hugo quis, por meio da criação literária, representar a luta do homem nas áreas física e psicológica e que ambas causam muitas dores, desgastes que não são fáceis, mas oportunizam que o homem adquira preparo para melhor condução das dificuldades.

A administração da luta vivida pelo sertanejo requer força e valentia para não fraquejar no meio do caminho, que por sinal é árduo e cheio de complexidades a serem compreendidas e vencidas nesta vida longa de muito trabalho. As aproximações de discurso ou mesmo correspondências nas construções literárias do autor com outros registros é perceptível quando tomamos a grade interpretativa utilizada no percurso de análise que empreendemos. A formação discursiva da obra de Hugo de Carvalho Ramos nos colocou em contato com interdiscurso, intradiscurso e a intertextualidade que permeiam os contos. As inferências adquiridas no contexto cultural e social são responsáveis por nos conduzir na compreensão das temáticas que pertencem a cada narrativa curta. É por intermédio da atitude de inferir conquistada que se produz o sentido da obra e que as interpretações não estão prontas e acabadas estão pautadas no campo do inacabado.

O homem, a terra e a luta foram elementos pertencentes a grade de interpretação que nos permitiu a compreensão de identificar o encontro de discurso nas narrativas de Hugo de Carvalho Ramos. A realização dessa análise nos oportunizou refletir sobre o discurso histórico e literário do *corpus Tropas e Boiadas*. É cabível pontuar que a finalidade da proposta de análise foi pautada no reconhecimento de encontro de discursos. Com essa perspectiva de análise não significa que chegaremos a fechar as possibilidades que a obra nos oferece mais sim elaborar construções de sentidos, identificações de acordo com suporte no discurso posto na obra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos sobre quatro regionalistas:** Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmeiro. Goiânia: Editora UFG, 1985.
- ABAURRE, Maria Luiza M. **Português:** contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2008.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma.** Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ASSUMPCÃO, Ismael. Interdisciplinaridade: uma tentativa de compreensão do fenômeno. In: FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola.** São Paulo: Cortez, 1993.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis.** São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. São Paulo: Annablume / Hucitec, 2002.
- _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade.** São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006.
- BOLLE, Willi. **Grandesertão.com.** São Paulo: Editora 34, 2004.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo literário:** teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo, Cultrix: 2006.
- BULHÕES, Marcelo. **Literatura e jornalismo em convergência.** São Paulo: Ática, 2007.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira (vol. 2).** Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- _____. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: T.A. Queiróz, 2000.
- _____. A Personagem de ficção. In: ROSENFELD, Anatol et. al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

- CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**: das origens ao realismo, história e antologia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**: uma introdução. Brasília: UnB/Casa das Musas, 2010.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CHAUL, Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). **Goiás**: identidade, paisagem e tradição. Goiânia: UCG, 2001.
- COSSON, Rildo. **Fronteras contaminadas**: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: UnB, 2007.
- COSTA, Cristina. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: Senac, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1997.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- _____. **Amazônia, um paraíso perdido**. Manaus: Valer, 2003
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ÉLIS, Bernardo. **Ermos e gerais**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FEBVRE, Lucien. **O Reno**: história, mitos e realidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2004.
- GOMIDE, Cristina Helou. **História da transparência da capital**: de Goiás para Goiânia. Goiânia: AGEPEL/ UEG, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KOCH, I.V. & TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1995.

- LE GOFF, Jacques. In: SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique (Org.). **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Edusp, 1990.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 2009.
- LIMA, Luiz Costa. **História, ficção, literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LLOSA, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- _____. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2009.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Globo, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Unicamp/Pontes, 1997.
- _____. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MEYER, Augusto. **Ensaio escolhidos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- MORSON, Gary Saul & EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin, criação de uma prosaística**. São Paulo: Edusp, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.
- NOVAIS, Fernando A.. SILVA, Rogerio F. da., (Org.). **Nova História em perspectiva**. Volume 1: Propostas e desdobramentos. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. Rio de Janeiro: Loyola, 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- PALACÍN, Luís. **História de Goiás**. Goiânia: ed. da UCG, 1994.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas:

Unicamp, 1988

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Ponte, 1997.

_____. **Análise de discurso.** Campinas: Ponte, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária.** São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Pós-modernismo e literatura.** São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Estilos de época na literatura.** São Paulo: Ática, 2002.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas.** Goiânia: ICBC, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.** Rio de Janeiro: Record / Altaya, 1984.

_____. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais.**

Petrópolis. Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis:

Vozes, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás.** Goiânia: UCG, 2007.

TADIÉ, Jean-Yves. **A crítica literária no século XX.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1992.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VICENTINI, Albertina. **A narrativa de Hugo de Carvalho Ramos: procedimentos de construção em Tropas e Boiadas.** São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. **O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos.** Goiânia: Editora UFG, 1997.

_____. **O Sertão e a literatura.** Sociedade e Cultura, 1998. (artigo)

<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1778>

_____. **Apontamentos sobre o regionalismo em literatura hoje.** Goiânia: Editora UFG, 2015.

WALTY, Ivete Lara Camargos. **O que é ficção.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura.** São Paulo:

EDUSP, 2001